

# Bernard Cornwell

## EXCALIBUR

*Tradução de Ana Faria e Marta Couceiro*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
Para quem quer fugir da rotina

*Excalibur* é dedicado a John e Sharon Martin

## PERSONAGENS

AELLE	Um rei saxão
AGRICOLA	Senhor da Guerra de Gwent
AMHAR	Filho bastardo de Artur, irmão gémeo de Loholt
ARGANTE	Princesa de Demétia, filha de Oengus mac Airem
ARTUR	Filho bastardo de Uther, Senhor da Guerra de Dumnónia, último Governante da Silúria
ARTUR-BACH	Neto de Artur, filho de Gwydre e Morwenna
BALIG	Barqueiro, cunhado de Derfel
BALIN	Um dos guerreiros de Artur
BALISE	Outrora um druida de Dumnónia
BORS	Primo de Lancelote e seu paladino
BROCHVAEL	Rei de Powys depois da era de Artur
BUDIC	Rei de Broceliande, casado com Anna, a irmã de Artur
BYRTHIG	Rei de Gwynedd
CADDWG	Barqueiro e, por vezes, servo de Merlim
CEINWYN	Irmã de Cuneglas, companheira de Derfel
CERDIC	Um rei saxão
CILDYDD	Magistrado de Aquae Sulis
CLOVIS	Rei dos Francos
CULHWCH	Primo de Artur, um guerreiro
CUNEGLAS	Rei de Powys
CYWYLLLOG	Outrora amante de Mordred, criada de Merlim
DAFYDD	O escrivão que traduz a história de Derfel
DERFEL CADARN	(pronuncia-se Dervel) O narrador, um dos guerreiros de Artur e mais tarde monge
DIWRNACH	Rei de Lleyn
EACHERN	Um dos lanceiros de Derfel
EINION	Filho de Culhwch
EMRYS	Bispo de Durnovária, mais tarde Bispo de Isca na Silúria
ERCE	Uma saxã, mãe de Derfel
FERGAL	Druida de Argante
GALAAD	Meio-irmão de Lancelote, um dos guerreiros de Artur
GAWAIN	Príncipe de Broceliande, filho do Rei Budic
GUINEVERE	Esposa de Artur
GWYDRE	Filho de Artur e de Guinevere

HYGWYDD	Servo de Artur
IGRAINE	Rainha de Powys, depois da era de Artur, casada com Brochvael
ISSA	Segundo-comandante de Derfel
LANCELOTE	Rei exilado de Benoic, que se aliou a Cerdic
LANVAL	Um dos guerreiros de Artur
LIOFA	Paladino de Cerdic
LLADARN	Bispo em Gwent
LOHOLT	Filho bastardo de Artur, gémeo de Amhar
MARDOC	Filho de Mordred e Cywwylllog
MERLIM	Druida de Dumnónia
MEURIG	Rei de Gwent, filho de Tewdric
MORDRED	Rei de Dumnónia
MORFANS	«O Feio», um dos guerreiros de Artur
MORGANA	Irmã de Artur, casada com Sansum
MORWENNA	Filha de Derfel e de Ceinwyn, casada com Gwydre
NÍALL	Comandante dos Escudos Negros, a guarda de Argante
NIMUE	Sacerdotisa de Merlim
OENGUS MAC AIREM	Rei de Demétia, chefe dos Escudos Negros
OLWEN, A PRATEADA	Seguidora de Merlim e Nimue
PERDDEL	Filho de Cuneglas, futuro Rei de Powys
PEREDUR	Filho de Lancelote
PYRLIG	O bardo de Derfel
SAGRAMOR	Comandante de um dos exércitos de Artur
SANSUM	Bispo de Durnovária, mais tarde Bispo no mosteiro de Dinnewrac
SCARACH	Esposa de Issa
SEREN (1)	Filha de Derfel e de Ceinwyn
SEREN (2)	Filha de Gwydre e de Morwenna, neta de Artur
TALIESIN	«Testa Luzidia», um bardo famoso
TEWDRIC	Outrora Rei de Gwent, atualmente um eremita cristão
TUDWAL	Monge no mosteiro de Dinnewrac
UTHER	Outrora Rei de Dumnónia, avô de Mordred e pai de Artur

## LOCAIS

Os nomes de lugares marcados com \* são fictícios.

AQUAE SULIS	Termas de Bath, Avon
BEADEWAN	Baddow, Essex
BURRIUM	Usk, Gwent
CAER AMBRA*	Amesbury, Wiltshire
CAER CADARN*	Sul de Cadbury, Somerset
CAMLANN	Verdadeira localização desconhecida; sugere-se Dawlish Warren, Devon
CELMERESFORT	Chelmsford, Essex
CICUCIUM	Forte romano próximo de Sennybridge, Powys
CORINIUM	Cirencester, Gloucestershire
DUN CARIC*	Castelo Cary, Somerset
DUNUM	Hod Hill, Dorset
DURNOVÁRIA	Dorchester, Dorset
GLEVUM	Gloucester
GOBANNIUM	Abergavenny, Monmouthshire
ISCA (DUMNÓNIA)	Exeter, Devon
ISCA (SILÚRIA)	Caerleon, Gwent
LACTODURUM	Towcester, Northamptonshire
LEODASHAM	Leaden Roding, Essex
LINDINIS	Ilchester, Somerset
LYCCEWORD	Letchworth, Hertfordshire
MAI DUN	Maiden Castle, Dorset
MORIDUNUM	Carmarthen
MYNYDD BADDON	Verdadeira localização desconhecida; sugere-se Little Solsbury Hill, próximo de Bath
SORVIODUNUM	Old Sarum, Wiltshire
STEORTFORD	Bishop's Stortford, Hertfordshire
THUNRESLEA	Thundersley, Essex
VENTA	Winchester, Hampshire
WICFORD	Wickford, Essex
YÑYS WAIR	Ilha de Lundy, Canal de Bristol
YÑYS WYDRYN	Glastonbury, Somerset





OS REINOS  
DA  
BRETANHA  
525 A.C.





*Primeira Parte*

## AS FOGUEIRAS DE MAI DUN





Mulheres: quão obsessiva é a sua presença nesta história! Quando comecei a escrever a história de Artur, julguei que seria uma história de homens; um relato de espadas e lanças, de batalhas vencidas e fronteiras estabelecidas, de tratados anulados e monarcas destronados, pois não é este o modo como a própria história é contada? Quando cantamos a genealogia dos nossos reis, não nomeamos as suas mães nem as suas avós, mas dizemos Mordred ap Mordred ap Uther ap Kustennin ap Kynnar e assim por diante, recuando ao grande Beli Mawr, o pai de todos nós. A História é um relato feito pelos homens e composto por eles, todavia nesta história de Artur, como o débil luzir do salmão nas águas turvas de limos, as mulheres brilham.

Na verdade, são os homens que fazem a História, e não posso negar que foram eles que causaram a decadência da Bretanha. Nós éramos centenas, todos aprestados com cabedal e ferro, de nós pendendo escudos, espadas e lanças, pensámos que a Bretanha estava sob o nosso comando, pois éramos guerreiros, mas foram necessários um homem e uma mulher para fazer a Bretanha decair, e dos dois foi ela quem causou maior dano. Ela rogou uma praga e pereceu um exército, e o que se segue é a sua história, pois ela era inimiga de Artur.

— Quem? — perguntará Igraine quando ler isto.

Igraine é a minha Rainha. Ela está grávida, algo que a todos nós muito alegra. O seu esposo é o rei Brochvael de Powys, e agora vivo sob a sua proteção no pequeno mosteiro de Dinnewrac, onde escrevo a história de Artur. Faço-o sob as ordens da rainha Igraine, que é demasiado jovem para ter conhecido o Imperador. Era assim que tratávamos Artur, o Imperador, *Amherawdr* na língua britânica, embora raramente Artur usasse o título. Escrevo na língua saxónica, uma vez que sou saxão, e porque o bispo Sansum, o santo que governa a nossa pequena comunidade em Dinnewrac, nunca consentiria que eu escrevesse a história de Artur. Sansum odeia Artur, injuria a sua memória e apelida-o de traidor, por isso Igraine e eu dissemos ao santo que escrevo um evangelho sobre Nosso Senhor Jesus Cristo na língua saxã e, porque Sansum não sabe falar saxão nem ler nenhuma língua, a fraude tem até agora poupado a história.

Nesta etapa a história torna-se mais sombria e difícil de contar. Por vezes, quando penso no meu bem-amado Artur, vejo a época áurea da sua

glória como um dia de luz intensa, contudo como chegaram velozes as nuvens! Mais tarde, como veremos, as nuvens dissiparam-se e o sol inundou a sua paisagem uma vez mais, mas depois veio a noite e desde então deixámos de ver o sol.

Foi Guinevere quem obscureceu o sol do meio-dia. Tudo aconteceu durante a rebelião quando Lancelote, a quem Artur tinha como amigo, tentou usurpar o trono de Dumnónia. Para tal, contou com a ajuda dos Cristãos, que se haviam desiludido com os seus líderes, entre os quais estava o bispo Sansum entre eles, acreditando que era seu dever sagrado expulsar os pagãos do país e, deste modo, preparar a ilha da Bretanha para a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo no ano 500. Lancelote também teve o auxílio de Cerdic, o rei saxão que empreendeu um terrível ataque a toda a extensão do vale do Tamisa na tentativa de dividir a Bretanha. Se os Saxões tivessem alcançado o mar Severn, então os reinos britânicos do Norte teriam sido separados dos do Sul. Todavia, com a graça dos deuses, derrotámos não só Lancelote e a sua gentilha cristã mas também Cerdic. No entanto, com a derrota, Artur descobriu a traição de Guinevere. Encontrou-a nua nos braços de outro homem, e foi como se o Sol tivesse desaparecido do seu céu.

— Não consigo compreender exatamente — disse-me Igraine um dia, no último verão.

— O que não conseguis compreender, querida senhora? — perguntei-lhe.

— Artur amava Guinevere, não é verdade?

— Assim era.

— Então porque não conseguia ele perdoar-lhe? Eu perdoei Brochvael por causa de Nwylle.

Nwylle fora amante de Brochvael, mas ela contraíra uma doença de pele que desfigurara a sua beleza. Suspeito, embora nunca tenha perguntado, que Igraine fez um feitiço para que a sua rival ficasse doente. A minha rainha pode dizer-se cristã, mas o Cristianismo não é uma religião que ofereça o consolo da vingança aos seus fiéis. Para isso temos de procurar as mulheres idosas que sabem que ervas apanhar e que encantamentos dizer sob uma Lua em quarto minguante.

— Vós haveis perdoado Brochvael — concordei — mas ter-vos-ia Brochvael perdoado?

Ela estremeceu.

— Claro que não! Ter-me-ia queimado viva, mas essa é a lei.

— Artur podia ter enviado Guinevere para a fogueira — disse eu — e houve muitos homens que o aconselharam a fazê-lo, mas sem dúvida que ele a amava, ele amava-a apaixonadamente, e foi por essa razão que não consegui matá-la nem perdoar-lhe. Pelo menos, no início.

— Então ele era um tolo! — disse Igraine.

Ela é muito jovem e tem a gloriosa certeza da juventude.

— Ele era muito orgulhoso — afirmei, e na verdade talvez isso fizesse de Artur um tolo, mas o mesmo fazia de todos nós. Fiz uma pausa, meditativo. — Ele queria muitas coisas — prossegui. — Queria uma Bretanha livre e os Saxões derrotados, mas no seu íntimo desejava a constante reafirmação de Guinevere de que ele era um homem bom. E ao dormir com Lancelote, ela provou a Artur que ele era o homem com menor importância. Claro que não era verdade, mas isso magoou-o. E como o feriu. Nunca vi homem nenhum tão magoado. Ela destróçou-lhe o coração.

— Por isso ele a encarcerou? — perguntou-me Igraine.

— Encarcerou-a — respondi-lhe, e recordei-me de como fui obrigado a levar Guinevere para o santuário do Espinheiro Sagrado em Ynys Wydryn onde Morgana, a irmã de Artur, ficou como sua carcereira. Nunca existiu muito afeto entre Guinevere e Morgana. Uma era pagã, a outra cristã, e o dia em que encerrei Guinevere nos domínios do santuário foi uma das poucas alturas em que a vi chorar.

— Ela permanecerá aí — disse-me Artur — até ao dia em que morrer.

— Os homens são loucos — declarou Igraine, depois lançou-me um olhar de soslaio. — Alguma vez foste infiel a Ceinwyn?

— Não — respondi-lhe com verdade.

— Alguma vez quiseste sê-lo?

— Ah, sim. A luxúria não desaparece com a felicidade, senhora. Além disso, que mérito tem a fidelidade se nunca for colocada à prova?

— Pensas que existe mérito na fidelidade? — perguntou ela, e eu questionei-me que jovem e belo guerreiro do condado do seu marido lhe havia chamado a atenção. A sua gravidez evitaria qualquer tolice por enquanto, mas temi o que pudesse acontecer mais tarde. Talvez nada viesse a suceder.

Sorri.

— Desejamos que os nossos amantes nos sejam fiéis, senhora, então não é natural que eles desejem o mesmo de nós? A fidelidade é algo que oferecemos àqueles que amamos. Artur ofereceu-a a Guinevere, mas ela não foi capaz de a retribuir. Ela queria algo diferente.

— Que era?

— Magnificência, e ele sempre foi adverso a ela. Alcançou-a, mas não se deleitava com ela. Ela queria um séquito de mil cavaleiros, resplandecentes estandartes que esvoaçassem sobre ela, e que toda a ilha da Bretanha se prostrasse diante de si. E tudo o que ele sempre quis foi justiça e boas colheitas.

— E uma Bretanha livre e os Saxões derrotados — recordou-me Igraine secamente.

— Isso também — asseverei — e ele queria outra coisa ainda. E queria-a mais do que a todas as outras. — Sorri com a recordação, e então pensei que de todas as ambições de Artur, talvez esta última fosse a que ele achou que seria a mais difícil de conseguir e aquela que poucos de nós, que éramos seus amigos, acreditámos verdadeiramente que ele quisesse.

— Continua — disse Igraine, suspeitando que eu ia passar pelo sono.

— Ele queria apenas um pedaço de terra — afirmei — um palácio, algum gado, a sua própria oficina de ferrador. Ele queria ser uma pessoa vulgar. Queria que outros homens olhassem pela Bretanha enquanto ele buscava a felicidade.

— E nunca a encontrou? — perguntou Igraine.

— Encontrou — garanti-lhe, mas não naquele verão após a rebelião de Lancelote. Fora um verão de sangue, uma época de retaliação, uma altura em que Artur forçou a Dumnónia a uma submissão irascível.

Lancelote fugira para sul para a sua região de Belgae. Artur teria adorado persegui-lo, mas os invasores do saxão Cerdic eram nessa altura o maior perigo. Haviam avançado até tão longe quanto Corinium quando a rebelião terminou, e podiam até ter conquistado essa cidade, não tivessem os deuses enviado uma praga que dizimou o seu exército. As entranhas dos homens esvaziavam-se ininterruptamente, eles vomitavam sangue, estavam de tal modo enfraquecidos que não se tinham em pé, e foi na altura em que a praga mais se acentuou que as forças de Artur os atacaram. Cerdic tentou reagrupar os seus homens, mas os saxões julgaram ter sido abandonados pelos seus deuses e fugiram.

— Mas voltarão — disse-me Artur ao determo-nos entre os despojos ensanguentados da retaguarda derrotada de Cerdic. — Na próxima primavera — disse ele — voltarão. — Limpou a lâmina de Excalibur à sua capa manchada de sangue e deslizou-a para o interior da bainha. Deixara crescer uma pequena barba que surgia grisalha. Parecia mais velho, muito mais velho, enquanto a dor provocada pela traição de Guinevere tornara lúgubre o seu longo rosto, de tal modo que quem nunca tivesse visto Artur até àquele verão acharia assustadora a sua aparência, e ele nada fazia para atenuar essa impressão. Nunca fora um homem paciente, mas agora a sua ira estava muito mais à flor da pele e podia irromper à mais pequena provocação.

Foi um verão de sangue, uma época de vingança, e o destino de Guinevere era ficar encarcerada no santuário de Morgana. Artur condenou a sua esposa a uma sepultura viva, e aos seus guardas ordenou que a mantivessem aí para sempre. Guinevere, uma Princesa de Henis-Wyren, desaparecera para o mundo.

...

— Não seas disparatado, Derfel — interrompeu-me Merlim abruptamente uma semana mais tarde. — Dentro de dois anos ela estará fora dali! Talvez um ano. Se Artur quisesse que ela saísse da sua vida, tê-la-ia atirado para a fogueira, que era o que ele devia ter feito. Nada melhor do que uma boa queimadura para aperfeiçoar o comportamento de uma mulher, mas não adianta dizê-lo a Artur. O idiota está apaixonado por ela! E é um pateta. Pensa bem! Com Lancelote, Mordred, Cerdic e Guinevere vivos! Se alguém quiser viver para sempre neste mundo, parece muito boa ideia tornar-se inimigo de Artur. Sou-o tanto quanto me é esperado sê-lo, obrigado por perguntas.

— De facto, perguntei-vos antes — afirmei pacientemente — e ignorastes-me.

— São os meus ouvidos, Derfel. Quase não ouço nada. — Bateu num ouvido. — Surdo como uma porta. É da idade, Derfel, a pura velhice. Decaio a olhos vistos.

Não era de todo verdade. Nessa altura ele estava melhor do que nunca e a sua audição, estou certo, era tão apurada como a sua visão — e essa, apesar dos seus oitenta ou mais anos, era ainda tão arguta como a de um falcão. Merlim não decaíra, parecia antes ter uma nova energia, trazida pelos Tesouros da Bretanha. Esses Treze Tesouros eram antigos, tão antigos como a Bretanha, e durante séculos haviam estado perdidos, mas Merlim tinha finalmente conseguido encontrá-los. Os Tesouros tinham o poder de convocar os antigos Deuses e trazê-los de novo para a Bretanha, um poder que nunca antes fora testado, mas que agora, no ano do tumulto da Dumnónia, Merlim iria usar numa grande magia.

Eu procurara Merlim no dia em que levara Guinevere para Ynys Wydryn. Foi num dia em que chovia intensamente, e eu subira ao Tor quase com a certeza de encontrar Merlim. Todavia descobri o topo da colina vazio e triste. Outrora, Merlim possuía um enorme palácio no Tor com uma torre de sonho junto dele, mas o palácio fora consumido pelas chamas. Detive-me no meio das ruínas do Tor e senti uma enorme desolação. Artur, o meu amigo, estava ferido. Ceinwyn, a minha esposa, estava bem distante em Powys. Morwenna e Seren, as minhas duas filhas, estavam com Ceinwyn, enquanto Dian, a mais nova, estava no Outro Mundo, morta naquele mesmo local por uma das espadas de Lancelote. Os meus amigos tinham morrido ou estavam bem longe dali. Os Saxões preparavam-se para nos defrontar no novo ano, a minha casa estava em cinzas e a minha vida parecia sombria. Talvez fosse a tristeza de Guinevere que me influenciava, mas nessa manhã, na colina de Ynys Wydryn lavada pela chuva, senti-me mais só do que nunca; por isso ajoelhei-me nas cinzas lamacentas do palácio e rezei a Bel. Pedi a Deus que nos salvasse e, como

uma criança, roguei a Bel um sinal que mostrasse que os Deuses se preocupavam conosco.

Esse sinal chegou uma semana mais tarde. Artur cavalgara para leste para devastar a fronteira saxã, mas eu ficara em Caer Cadarn aguardando que Ceinwyn e as minhas filhas chegassem a casa. Durante algum tempo, nessa semana, Merlim e a sua companheira, Nimue, foram para o enorme palácio vazio próximo de Lindinis. Outrora eu vivera aí, detendo a custódia do nosso Rei, Mordred, mas no momento em que atingiu a maioridade, o palácio foi entregue ao bispo Sansum para que dele fizesse um mosteiro. Agora os monges de Sansum haviam sido desalojados, perseguidos por vingativos lanceiros dos imponentes palácios romanos e, por essa razão, o imenso palácio encontrava-se agora vazio.

As gentes locais disseram-nos que o druida se encontrava no palácio. Contaram histórias de aparições, de sinais prodigiosos e de Deuses que vagueavam pela noite, por isso descí até ao palácio, mas não encontrei qualquer vestígio de Merlim. Estavam duzentas ou trezentas pessoas acampadas fora dos portões do palácio e em grande entusiasmo repetiam as histórias das visões noturnas. Ao ouvi-las, o meu coração apertou-se. Dumnónia acabara de resistir ao furor de uma rebelião cristã cheia de loucas superstições semelhantes e agora parecia que os pagãos estavam prestes a igualar a loucura dos Cristãos. Com um empurrão abri os portões do palácio, atravessei o grande pátio e caminhei em largas passadas pelos salões vazios de Lindinis. Gritei por Merlim, mas não obtive resposta. Encontrei um forno ainda quente numa das cozinhas e sinais de que outro aposento fora varrido pouco tempo antes, mas nada mais aí vivia do que ratazanas e ratos.

Contudo, durante todo esse dia juntou-se mais gente em Lindinis. Vinham de toda a Dumnónia e vislumbrava-se uma esperança patética em todos os seus rostos. Havia trazido os seus doentes e mutilados e esperaram pacientemente até anoitecer, altura em que os portões do palácio se abriram de rompante e eles conseguiram caminhar, coxear, rastejar ou serem transportados para o pátio exterior do palácio. Eu podia jurar que ninguém estivera no interior do vasto edifício, mas alguém abrira os portões e alumiera grandes tochas que iluminavam as arcadas do pátio.

Juntei-me à multidão que se amontoava dentro do pátio. Estava acompanhado de Issa, o meu segundo-comandante, e os dois permanecemos paramentados nas nossas longas capas escuras junto ao portão. Vi que a multidão era composta por gentes do campo. Vestiam roupas pobres e tinham os rostos escuros e atormentados de quem tem de se afadigar para conseguir retirar o seu sustento da terra; contudo, aqueles rostos estavam cheios de esperança à luz brilhante das tochas. Artur teria odiado tudo aquilo, porque se ressentia sempre por dar esperança sobrenatural às gentes que



sofriam, mas como esta multidão necessitava de esperança! As mulheres elevavam no ar os bebês doentes ou empurravam crianças estropiadas para diante, e todos ouviam avidamente as histórias milagrosas das aparições de Merlin. Aquela era a terceira noite dos prodígios e já nessa altura tanta gente queria testemunhar os milagres que nem todos conseguiam entrar no pátio. Alguns empoleiravam-se no muro por trás de mim e outros amontoavam-se no portão da entrada, mas ninguém invadia a arcada que corria ao longo de três lados do pátio, porque essa passagem ladeada com colunas e resguardada estava protegida por quatro lanceiros, que usavam as suas longas armas para deter a multidão. Os quatro guerreiros eram Escudos Negros, lanceiros irlandeses de Demétia, o reino de Oengus mac Airem, e eu questioneei-me sobre o que fariam eles tão longe de casa.

A última réstia de Sol extinguiu-se do céu e morcegos passavam em voos rápidos sobre as tochas enquanto a multidão se instalava nas lajes para olhar expectante pela porta principal do palácio que ficava no lado contrário ao do portão do pátio. De quando em vez, uma mulher soltava um lamento em voz alta. Crianças choravam e eram aquietadas. Os quatro lanceiros inclinavam-se nas extremidades da arcada.

Aguardámos. Pareceu-me que esperávamos havia horas e o meu espírito vagueava, pensando em Ceinwyn e em Dian, a minha filha que morrera, quando de repente se ouviu um enorme estrondo de ferro no interior do palácio, como se alguém tivesse desferido um golpe num caldeirão com uma espada. A multidão estremeceu num sobressalto e algumas das mulheres levantaram-se e, oscilando à luz das tochas, agitaram as mãos no ar e invocaram os Deuses. Contudo, nenhuma aparição surgiu, permanecendo fechadas as portas do grande palácio. Toquei no copo de ferro de Hywelbane, e a espada tranquilizou-me. A intensidade da histeria da multidão era perturbadora, mas não tanto como as próprias circunstâncias da ocasião, pois eu nunca presumira que Merlin necessitasse de audiência para a sua magia. Na verdade, ele desprezava aqueles druidas que juntavam multidões. «Qualquer trapaceiro consegue impressionar patetas» gostava ele de dizer, mas ali, naquela noite, parecia ser ele o único a querer impressionar os patetas. Tinha a multidão preparada, tinha-a gemebunda e ondulante, e quando a enorme pancada metálica voltou a soar, todos se levantaram e começaram a gritar o nome de Merlin.

Então as portas do palácio abriram-se e aos poucos a multidão ficou silenciosa.

Por breves instantes, a entrada mais não era do que um vácuo escuro, depois um jovem guerreiro ataviado com a armadura completa de combate caminhou para fora da escuridão, detendo-se no primeiro degrau da arcada.

Não havia nele nada de mágico, exceto o facto de ser belo. Era esta a palavra que mais se lhe adequava. Num mundo de membros retorcidos, pernas mancadas, pescoços com papeira, rostos com cicatrizes e almas enfatiadas, este guerreiro era belo. Era alto, delgado e de cabelo dourado, e tinha um rosto sereno que apenas podia ser descrito como simpático, até mesmo afável. Os seus olhos eram de um azul surpreendente. Não trazia elmo, por isso o seu cabelo, tão longo como o de uma rapariga, caía abaixo dos seus ombros. Tinha uma couraça branca, caneleiras brancas e uma bainha branca. O ornamento de guerra parecia dispendioso e questionei-me quem seria ele. Pensara eu que conhecia a maior parte dos guerreiros da Bretanha — pelo menos aqueles que podiam comprar armaduras como a deste jovem — mas eu desconhecia-o. Sorriu para a multidão, depois ergueu as duas mãos e fez-lhes sinal para que se ajoelhassem.

Issa e eu permanecemos de pé. Talvez fosse a nossa arrogância de guerreiros, ou talvez apenas quiséssemos ver por entre as cabeças que se interpunham.

O guerreiro de cabelos longos nada disse, mas depois de a multidão se ter ajoelhado, agradeceu-lhes sorrindo e então caminhou em volta da arca da apagando as tochas, retirando-as das suas aselhas e mergulhando-as em barris cheios de água que ali estavam para o efeito. Era, conforme percebi, uma representação que fora cuidadosamente ensaiada. O pátio ficou cada vez mais escuro até ser apenas iluminado pelas duas tochas que ladeavam a grande porta do palácio. Havia pouco luar e a noite estava muito escura e fria.

O guerreiro branco deteve-se entre as duas últimas tochas.

— Filhos da Bretanha — disse ele, e a sua voz igualava a sua beleza, uma voz afável, cheia de vivacidade — orai aos vossos Deuses! No interior destes muros estão os Tesouros da Bretanha e em breve, muito em breve, o seu poder será liberto, mas agora, para que possais ver o seu poder, deixaremos que os Deuses nos falem. — Com estas palavras apagou as duas últimas tochas e de repente o pátio ficou às escuras.

Nada aconteceu. A multidão resmoneou, pedindo a Bel, Gofannon, Grannos e Don que mostrassem o seu poder. Senti um formigueiro na pele e agarrei no copo de Hywelbane. Rodear-nos-iam os Deuses? Levantei os olhos para o sítio onde um conjunto de estrelas cintilava por entre as nuvens e imaginei os Deuses supremos a pairarem nessa camada superior da atmosfera, e então Issa sobressaltou-se e eu desviei o olhar das estrelas.

Também eu fiquei sem fôlego.

Porque uma rapariga, pouco mais do que uma criança prestes a tornar-se mulher, aparecera na escuridão. Era uma rapariga delicada, de uma juventude sedutora e uma beleza graciosa, e estava nua como um

recém-nascido. Era esguia, com pequenos seios hirtos e coxas redondas. Numa mão trazia um raminho de lírios e na outra uma espada de lâmina curta.

E eu olhei-a, simplesmente estarecido. Porque na escuridão fria que se seguiu à extinção das chamas, a rapariga resplandecia. Ela resplandecia, de facto. Reluzia com uma luz branca difusa. Não era uma luz brilhante, não ofuscava, apenas alumiaava, como pedacinhos de estrelas lançados sobre a sua pele branca. Era um esplendor pulverulento e difuso que tocava o seu corpo, pernas, braços e cabelo, mas não o seu rosto. Os lírios iluminavam e o resplendor refletia-se na longa e fina lâmina da sua espada.

A rapariga resplandecente caminhou em direção às arcadas. Ela parecia absorta enquanto a multidão do pátio estendia os seus membros estropiados e as crianças doentes. Ela ignorou-os, avançando apenas delicada e suavemente ao longo da arcada com o seu rosto obscurecido voltado para baixo, para as pedras. Os seus passos eram leves como plumas. Ela parecia ocupada consigo mesma, perdida no seu próprio sonho, e as gentes lamentavam-se e tentavam chamar a sua atenção, mas ela não olhou para elas. Caminhava simplesmente, e a estranha luz cintilava no seu corpo, nos seus braços e pernas e no longo cabelo escuro que lhe caía para o rosto, uma máscara negra por entre o brilho arrepiante; mas de certo modo, talvez por instinto, pareceu-me que era um rosto belo. Ela aproximou-se do local onde Issa e eu nos encontrávamos e, de repente, fez com que aquela sombra negra como o azeviche desaparecesse do seu rosto e olhou fixamente na nossa direção. Senti o cheiro de algo que me lembrou o mar, e depois, tão repentinamente como aparecera, desapareceu por uma porta e a multidão ciciou.

— O que foi aquilo? — sussurrou-me Issa.

— Não sei — respondi-lhe. Eu estava assustado. Aquilo não era delírio mas algo bem real, porque eu o vira, mas o que seria? Uma Deusa? Mas porque sentira eu o cheiro do mar? — Talvez fosse um dos espíritos de Manawydan — disse eu a Issa. Manawydan era o Deus do mar, e sem dúvida que as suas ninfas teriam esse cheiro a sal.

Esperámos muito tempo pela segunda aparição, e o seu efeito foi muito menos impressionante do que a ninfa do mar resplandecente. Surgiu uma figura no telhado do palácio, uma figura negra que lentamente engrandeceu até se transformar num guerreiro armado coberto por uma capa e com um monstruoso elmo ornamentado com os chifres de um enorme veado. Mal se conseguia ver o homem na escuridão, mas quando uma nuvem descobriu a Lua, vimos o que era e a multidão gemeu enquanto ele permanecia de pé acima de nós de braços abertos e o rosto escondido pelas enormes proteções laterais do seu elmo. Trazia consigo uma lança e uma

espada. Permaneceu ali por um instante e depois também ele desapareceu, embora eu pudesse jurar ter ouvido uma telha a deslizar do lado mais afastado do telhado enquanto ele desaparecia.

Foi então que, ao desaparecer, a rapariga nua voltou a surgir. Desta vez, porém, parecia que se tinha simplesmente materializado no primeiro degrau da arcada. Um segundo depois veio a escuridão, e ali ficou o seu longo e cintilante corpo imóvel, reto e brilhante. O seu rosto estava de novo na escuridão, parecendo por isso uma máscara de sombras orlada pelos cabelos onde luziam raios de luz. Ela permaneceu imóvel alguns instantes, depois iniciou uma dança suave, apontando delicadamente os dedos dos pés enquanto pisava um intrincado padrão que circundava e cruzava o exato local da arcada. Enquanto dançava, olhava fixamente para baixo. Pareceu-me que a luz cintilante e etérea fora retirada da sua pele, porque a vi mais brilhante em certas partes do que noutras, mas sem dúvida que não fora obra de mão humana. Agora Issa e eu estávamos ajoelhados, porque isto tinha de ser um sinal dos Deuses. Era luz na escuridão, beleza por entre os despojos. A ninfa continuou a dançar com a luz do seu corpo a desvanecer-se lentamente, e depois, quando ela era apenas uma centelha de graciosidade cintilante na sombra da arcada, deteve-se, afastou completamente os braços e as pernas e olhou-nos com ousadia, desaparecendo em seguida.

Um instante mais tarde, duas tochas acesas foram transportadas para fora do palácio. Agora a multidão gritava, invocando os seus Deuses e pedindo para ver Merlim. Por fim, ele surgiu à entrada do palácio. O guerreiro branco trazia uma das tochas acesas e a Nimue com um só olho trazia a segunda.

Merlim chegou ao primeiro degrau e aí se deteve, imenso, na sua longa túnica branca. Deixou que a multidão continuasse a gritar pelo seu nome. A sua barba grisalha, que quase lhe chegava à cintura, estava entrançada e presa com fitas pretas, tal como o seu longo cabelo branco. Trazia o seu bastão preto e, pouco depois, ergueu-o para silenciar a multidão.

— Apareceu alguma coisa? — perguntou ansioso.

— Sim, sim! — respondeu-lhe a multidão, e no rosto ancião, esperto e malicioso de Merlim surgiu uma expressão de agradada surpresa, como se ele não soubesse o que tinha acontecido no pátio.

Ele sorriu, depois afastou-se para o lado e fez um aceno com a mão que estava livre. Duas crianças, um rapaz e uma rapariga, saíram do palácio trazendo o Caldeirão de Clyddno Eiddyn. A maior parte dos Tesouros da Bretanha eram coisas sem importância, até mesmo trivialidades, mas o Caldeirão era um Tesouro genuíno e, dos treze, o que tinha mais poder. Era uma enorme tigela em prata decorada com um rendilhado dourado,

guerreiros e animais. As duas crianças debatiam-se com o imenso peso do Caldeirão, mas conseguiram colocá-lo junto do druida.

— Eu tenho os Tesouros da Bretanha! — anunciou Merlim, e a multidão suspirou em resposta. — Em breve, muito em breve — continuou ele — o poder dos Tesouros será liberto. A Bretanha será revigorada. Os nossos inimigos serão vencidos! — Fez uma pausa para deixar que as aclamações ecoassem pelo pátio. — Esta noite haveis visto o poder dos Deuses, mas o que vistes é coisa pouca, uma coisa insignificante. Em breve toda a Bretanha verá. Todavia, se vamos invocar os Deuses, então preciso do vosso auxílio.

A multidão gritou-lhe que a teria e Merlim sorriu-lhes aprovativamente. Aquele sorriso benevolente fez-me desconfiar. Uma parte de mim pressentiu que ele fazia um jogo com aquela gente, mas nem Merlim, pensei, conseguia fazer com que uma rapariga resplandecesse na escuridão. Eu vira-a, e eu queria tanto acreditar, e a memória daquele corpo ágil e reluzente convenceu-me que os Deuses não nos tinham abandonado.

— Tendes de vir a Mai Dun! — disse Merlim com severidade. — Tendes de vir por tanto tempo quanto puderdes, e tendes de levar alimentos. Se tiverdes armas, tendes de as levar também. Em Mai Dun iremos trabalhar, e o trabalho será longo e árduo, mas no Samain, quando os mortos caminharem, invocaremos os Deuses juntos. Vocês e eu! — Fez uma pausa, depois segurou na extremidade do seu bastão e dirigiu-o à multidão. A vara negra ondeou, como se procurasse alguém no amontoado de gente, depois fixou-se em mim. — Lorde Derfel Cadarn! — gritou Merlim.

— Senhor? — respondi, embaraçado por ser escolhido no meio da multidão.

— Tu ficarás, Derfel. Os demais ide-vos agora. Ide para vossas casas, pois os Deuses não voltarão até à Véspera do Samain. Ide para as vossas casas, tratai dos vossos campos, depois vinde a Mai Dun. Trazei machados, trouxei mantimentos, e preparai-vos para ver os vossos Deuses em toda a sua glória! Agora, ide! Ide!

Obediente, a multidão dispersou. Muitos pararam para tocar na minha capa, pois eu era um dos guerreiros que havia retirado o Caldeirão de Clyddno Eiddyn do seu esconderijo em Ynys Mon e, pelo menos para os pagãos, isso fazia de mim um herói. Tocaram igualmente em Issa, pois também ele era outro Guerreiro do Caldeirão, mas depois de a multidão se ter retirado ele esperou-me ao portão enquanto eu fui ao encontro de Merlim. Cumprimentei-o, mas ele ignorou as minhas perguntas sobre a sua saúde, perguntando, pelo contrário, se me tinham agradado os estranhos acontecimentos daquela tarde.

— O que foi aquilo? — perguntei.

— O que foi o quê? — perguntou-me, inocentemente.

— A rapariga na escuridão — respondi-lhe.

Os seus olhos arregalaram-se numa perplexidade trocista.

— Ela esteve aqui de novo, foi? Mas que interessante! Era a rapariga alada ou a que brilhava? A rapariga resplandecente! Não faço ideia quem seja, Derfel. Eu não consigo decifrar todos os mistérios deste mundo. Tu passaste demasiado tempo com Artur e, tal como ele, acreditas que tudo tem de ter uma explicação trivial, mas, infelizmente, raras vezes os Deuses escolhem fazer-se compreender. Podes ser-me útil e trazer o Caldeirão para dentro?

Levantei o enorme Caldeirão e levei-o para o salão de receções do palácio. Quando aí estivera bem cedo, nesse dia, o aposento encontrava-se vazio, mas agora havia um sofá, uma mesa baixa e quatro mesinhas de ferro onde se encontravam candeeiros a óleo. O jovem e bonito guerreiro de armadura branca, e cabelos muito longos, sorriu sentado no sofá, enquanto Nimue, com um vestido preto esfarrapado, tocava com um círio aceso nos pavios dos candeeiros.

— Esta tarde este aposento estava vazio — afirmei acusadoramente.

— Deve ter-te parecido assim — disse Merlim com desenvoltura — mas talvez tenhamos simplesmente escolhido não nos mostrar. Conheces o príncipe Gawain? — Fez um gesto com a mão em direção ao jovem, que se levantou e fez uma vénia, cumprimentando-me. — Gawain é filho do rei Budic de Broceliande — apresentou-me Merlim ao príncipe — sendo, portanto, sobrinho de Artur.

— Meu Príncipe e Senhor — cumprimentei Gawain. Eu ouvira falar de Gawain, embora nunca o tivesse conhecido. Broceliande era o reino britânico do outro lado do mar na Armórica e, dado que os Francos pressionavam fortemente a sua fronteira, ultimamente eram escassos os visitantes vindos desse reino.

— Muito me honra conhecer-vos, Lorde Derfel — disse Gawain com cortesia. — A vossa reputação bem longe dista da Bretanha.

— Não sejas tolo, Gawain — disse Merlim em tom ríspido. — A reputação de Derfel não vai a lado nenhum, a não ser talvez ter subido à sua untuosa cabeça. Gawain está aqui para me ajudar — explicou-me ele.

— A fazer o quê? — perguntei.

— A proteger os Tesouros, claro. Ele é um lanceiro formidável, ou assim me constou. É verdade, Gawain? És formidável?

Gawain apenas sorriu. Não tinha uma aparência muito formidável, porque não passava de um jovem, talvez apenas com quinze ou dezasseis verões, que ainda não precisava de se barbear. O longo cabelo loiro dava ao seu rosto uma aparência efeminada, enquanto a sua armadura branca, que eu há pouco julgara ser muito dispendiosa, se revelava agora ser uma

simples cota com evidentes adornos de ferro pintados com leite de cal. Não fora a sua segurança e a sua inegável beleza e ele seria ridículo.

— Então, o que tens feito desde a última vez que nos vimos? — perguntou-me Merlim, e foi nessa altura que eu lhe contei o que sucedera a Guinevere e ele zombou da minha convicção de que ela ficaria encarcerada para o resto da sua vida. — Artur é um tolo — insistiu ele. — Guinevere pode ser esperta, mas ele não precisa dela. Ele precisa de uma qualquer, honesta e estúpida, alguém que lhe mantenha a cama quente enquanto ele se preocupa com os Saxões. — Sentou-se no sofá e sorriu enquanto as duas crianças que haviam transportado o Caldeirão para o pátio lhe traziam um prato com pão e queijo e uma garrafa de hidromel. — A ceia! — disse ele, feliz. — Faz-me companhia, Derfel, pois queremos falar contigo. Senta-te! Acharás o chão bastante confortável. Senta-te ao lado de Nimue.

Sentei-me. Até aí Nimue havia-me ignorado. A cavidade do seu olho perdido, que lhe fora arrancado do rosto por um rei, estava coberta por uma pala, e o seu cabelo, que fora cortado rente antes de irmos para sul, para o palácio do mar de Guinevere, voltara a crescer, embora estivesse ainda suficientemente curto para lhe dar uma aparência arrapazada. Ela parecia zangada, mas era como Nimue sempre parecia. A sua vida era votada apenas a uma coisa, a busca dos Deuses, e desprezava tudo o que a desviasse dessa busca. Talvez ela pensasse que os gracejos irónicos de Merlim eram de algum modo uma perda de tempo. Ela e eu havíamos crescido juntos e nos anos que se seguiram à nossa meninice, mais de uma vez a sustentei, alimentando-a e vestindo-a, apesar de me tratar como se eu fosse um tolo.

— Quem governa a Bretanha? — perguntou-me ela, abruptamente.

— Pergunta errada! — disse-lhe Merlim, secamente, com uma veemência inesperada. — Pergunta errada!

— Então? — exigiu-me ela uma resposta, ignorando a irritação de Merlim.

— Ninguém governa a Bretanha — respondi-lhe.

— Resposta certa — disse Merlim vingativo. O seu mau génio perturbava Gawain, que estava de pé por trás do sofá de Merlim e olhava ansiosamente para Nimue. Ele estava com medo dela, mas não posso censurá-lo por isso. Nimue assustava a maior parte das pessoas.

— Então, quem governa Dumnónia? — perguntou-me ela.

— É Artur — respondi-lhe.

Nimue lançou a Merlim um olhar triunfante, mas o druida limitou-se a abanar a cabeça.

— A palavra é *rex* — disse ele — *rex*, e se algum de vocês tivesse a mais pequena noção de latim, saberia que *rex* significa rei, não imperador.

A palavra para imperador é *imperator*. Devemos pôr tudo em perigo por vocês serem ignorantes?

— Artur governa Dumnónia — insistiu Nimue.

Merlim ignorou-a.

— Quem é aqui o Rei? — perguntou-me ele.

— Mordred, claro.

— Claro — repetiu ele. — Mordred! — gritou ele a Nimue. — Mordred!

Como se ele estivesse a ser entediante, ela afastou-se. Eu estava longe de tudo aquilo, sem fazer a mínima ideia do motivo da sua disputa, e não tive oportunidade de perguntar porque as duas crianças surgiram de novo passando a entrada resguardada com cortinas, trazendo mais pão e queijo. Assim que colocaram os pratos no chão, senti um ténue cheiro a mar, aquela brisa de sal e o odor a algas que acompanhara a aparição nua, mas depois as crianças retiraram-se por detrás das cortinas e o cheiro desapareceu com elas.

— Então — disse-me Merlim com o ar satisfeito de um homem que viu o seu argumento ganho — Mordred já tem filhos?

— Provavelmente vários — respondi-lhe. — Ele violava raparigas por toda a parte.

— Como fazem os reis — afirmou Merlim descuidado — e os príncipes também. Violas raparigas, Gawain?

— Não, senhor. — Gawain pareceu chocado com a sugestão.

— Mordred sempre foi um violador — afirmou Merlim. — Nisso saiu ao pai e ao avô, embora eu deva dizer que ambos eram muito mais afáveis do que Mordred. Agora, Uther nunca conseguia resistir a uma cara bonita. Ou a uma feia se lhe apetecesse. Todavia, Artur nunca teve tendência para a violação. Nisso, ele é como tu, Gawain.

— Muito me apraz ouvi-lo — disse Gawain e Merlim revirou os olhos em sinal de exasperação trocista.

— Então o que irá Artur fazer com Mordred? — perguntou-me o druida.

— Está prestes a ser feito prisioneiro aqui, senhor — respondi-lhe fazendo um gesto que envolvia o palácio.

— Feito prisioneiro! — Merlim pareceu divertido. — Guinevere presa, o bispo Sansum encarcerado, por este andar em breve todos os que se cruzam com Artur estarão feitos prisioneiros! Seremos todos colocados a pão bolorento e água. Que tolo é Artur! Ele devia estoirar com os miolos de Mordred. Mordred era uma criança quando herdou o reinado e Artur exerceu o poder real enquanto o rapaz crescia, mas quando Mordred atingiu a maioridade, e para cumprir a promessa que fizera ao Grande Rei Uther, Ar-



tur entregou o reino a Mordred. Mordred desperdiçou esse poder e chegou mesmo a conspirar a morte de Artur. Aliás, foi esse conluio que encorajou Sansum e Lancelote à sua revolta. Neste momento Mordred devia estar preso, apesar de Artur estar convencido de que o rei legítimo da Dumnônia, em cujas veias corria o sangue dos Deuses, devesse ser tratado com honra ainda que não lhe fosse concedido poder. Ele seria mantido sob vigilância neste sumptuoso palácio, ser-lhe-iam concedidos todos os luxos que ele exigisse, mas seria mantido afastado da desordem. — Então, tu achas — perguntou-me Merlim — que Mordred tem de facto filhos?

— Penso que terá dúzias.

— Se é que alguma vez pensas — disse Merlim incisivo. — Dá-me um nome, Derfel! Dá-me um nome!

Refleti por breves instantes. Eu estava em melhor posição para conhecer os pecados de Mordred do que a maioria dos homens, já que eu fora seu tutor, uma tarefa que eu desempenhara mal e com relutância. Nunca consegui ser um pai para ele, e embora a minha Ceinwyn tivesse tentado ser uma mãe, também ela falhara e o rapaz perverso havia crescido insociável e mau.

— Havia aqui uma criada — disse eu — e ele manteve-a na sua companhia durante muito tempo.

— Como se chama? — perguntou Merlim com a boca cheia de queijo.

— Cywwylllog.

— Cywwylllog! — Ele pareceu divertido com o nome. — E dizes tu que ele confessou a paternidade de um filho dessa Cywwylllog?

— Um rapaz — respondi. — Se é que era dele, o que é provável.

— E essa Cywwylllog — disse ele, gesticulando com a faca — onde poderá estar ela?

— Provavelmente algures muito próximo — respondi. — Ela nunca se mudou connosco para a casa senhorial de Ermid e Ceinwyn sempre supôs que Mordred lhe dera dinheiro.

— Então ele gostava dela?

— Creio que sim.

— Que gratificante saber que existe algo de bom no horrível rapaz. Cywwylllog, heim? Consegues encontrá-la, Gawain?

— Tentarei, senhor — afirmou Gawain ardentemente.

— Não basta tentar, encontra-a! — disse Merlim rispidamente. — Como era ela, Derfel, essa rapariga curiosamente chamada Cywwylllog?

— Baixa — afirmei — roliça e de cabelo preto.

— Com isso conseguimos restringir a nossa busca a todas as raparigas da Bretanha que rondam os vinte anos. Não podes ser mais preciso? Que idade terá agora a criança?

— Seis — afirmei — e se a memória não me falha, ele era ruivo.

— E a rapariga?

Abanei a cabeça.

— Bastante agradável, mas nada de extraordinário.

— Todas as raparigas são extraordinárias — afirmou Merlim altivo — sobretudo as que se chamam Cywyylllog. Encontra-a, Gawain.

— Porque quereis encontrá-la? — perguntei.

— Meto o nariz nos teus assuntos? — perguntou-me Merlim. — Será que me aproximo de ti e faço perguntas patetas sobre lanças e escudos? Estarei eu sempre a importunar-te com interrogatórios idiotas sobre o modo como administras a justiça? Será que me preocupo com as tuas colheitas? Em suma, ter-me-ei dado ao incómodo de interferir na tua vida, Derfel?

— Não, senhor.

— Então, peço-te que não sejas curioso em relação à minha. Não é permitido aos musaranhos compreenderem os caminhos da águia. Agora come um pouco de queijo, Derfel.

Nimue recusou-se a comer. Ela estava amuada, zangada com a forma como Merlim rejeitara a sua asserção de que Artur era o verdadeiro governante da Dumnónia. Merlim ignorou-a, preferindo gracejar com Gawain. Não voltou a mencionar o nome de Mordred, nem falou sobre o que planeava fazer em Mai Dun, embora por fim tivesse falado dos Tesouros enquanto me acompanhava ao portão exterior do palácio onde Issa ainda me aguardava. O bastão negro do druida fazia um ruído seco nas pedras enquanto caminhávamos pelo pátio onde a multidão observara o início e o fim das aparições.

— Sabes, eu preciso de gente — disse Merlim — porque se os Deuses vão ser invocados, então temos de trabalhar, e Nimue e eu não conseguimos de modo algum fazê-lo sozinhos. Precisamos de cem pessoas, talvez mais!

— Para fazer o quê?

— Verás, verás. Gostaste de Gawain?

— Parece prestimoso.

— Ah, prestimoso sem dúvida, mas será isso admirável? Os cães são prestimosos. Ele recorda-me Artur quando era jovem. Todo aquele desejo intenso de praticar o bem. — Deu uma gargalhada.

— Senhor — disse eu, ansioso por uma reafirmação — o que irá acontecer em Mai Dun?

— Invocaremos os Deuses, claro. É um procedimento complicado e a única coisa que posso fazer é rezar para que consiga fazê-lo bem. Sem dúvida que temo que não resulte. Nimue, como deves calcular, acha que estou a fazer tudo mal, mas veremos, veremos. — Deu mais dois passos em silêncio. — Todavia, se nós o fizermos bem, Derfel, se o fizermos bem,

que visão iremos testemunhar! Os Deuses surgindo com todo o seu poder. Manawydan saindo do mar, todo molhado e glorioso. Taranis a estilhaçar os céus com relâmpagos, Bel deixando um rasto de fogo no céu, e Don a fender as nuvens com a sua lança de fogo. Isto deverá assustar os Cristãos, hã! — Ensaiei dois passos desajeitados por puro divertimento. — Então, nessa altura, os bispos mijam as suas vestes negras, hã?

— Mas não podeis ter a certeza — afirmei ansioso pela reafirmação.

— Não sejas tolo, Derfel. Porque queres sempre certezas de mim? Tudo o que posso é representar o ritual e esperar fazê-lo bem! Mas hoje testemunhaste alguma coisa, não foi? Aquilo não te convenceu?

Hesitei, questionando-me sobre se o que presenciara era algum truque. Mas que truque podia fazer com que a pele de uma rapariga brilhasse na escuridão?

— E irão os Deuses lutar contra os Saxões? — perguntei.

— É por isso que os invocamos, Derfel — respondeu Merlim, pacientemente. — A pretensão é restabelecer a Bretanha e torná-la como era antes de a sua perfeição ser manchada pelos Saxões e pelos Cristãos. — Deteve-se ao portão e olhou fixamente para o campo na penumbra. — Eu amo verdadeiramente a Bretanha — afirmou ele num tom de voz que, de repente, se tornou débil. — Eu amo realmente esta ilha. É um lugar especial. — Pousou uma mão no meu ombro. — Lancelote incendiou a vossa casa. Onde vives agora?

— Tive de construir uma casa — respondi, embora não fosse na casa senhorial de Ermid onde a minha pequena Dion morrera.

— Dun Caric está vazia — disse Merlim — e eu deixar-te-ei viver aí, mas com uma condição: que quando a minha tarefa estiver acabada e os Deuses estiverem connosco, eu possa vir morrer na tua casa.

— Podeis vir e aí viver, senhor — respondi.

— Para morrer, Derfel, para morrer. Estou velho. Falta-me realizar uma tarefa, e tentarei fazê-lo em Mai Dun. — Manteve a sua mão no meu ombro. — Julgas que não sei os riscos que corro?

Pressenti o seu receio.

— Que riscos, senhor? — perguntei acanhadamente.

O piar de uma coruja soou vindo da escuridão, e Merlim escutou com a cabeça inclinada, aguardando que ela piasse de novo, mas nada mais se ouviu.

— Durante toda a minha vida — disse ele, algum tempo depois — pensei fazer com que os Deuses voltassem à Bretanha, e agora tenho os meios para o fazer, mas não sei se irei conseguir. Ou sequer se sou o homem que deve representar os ritos. Ou ainda se vou viver o suficiente para ver isso acontecer. — A sua mão apertou-me o ombro. — Vai, Derfel — disse

ele — vai. Tenho de dormir, porque amanhã viajo para sul. Mas vem a Durnovária no Samain. Vem e testemunha os Deuses.

— Lá estarei, senhor.

Sorrii e afastou-se. E eu regressei a Caer, confuso, cheio de esperança e assaltado por receios, perguntando a mim mesmo onde nos levaria agora a magia, ou se nos levaria a outro lado que não até ao domínio dos Saxões que viriam na primavera. Porque, se Merlim não conseguisse invocar os Deuses, então a Bretanha estaria definitivamente perdida.

Lentamente, como um lago que se acalma depois de ter sido agitado num turbilhão, a Bretanha aquietou-se. Lancelote recolheu-se em Venta, temendo a vingança de Artur. Mordred, o nosso rei legítimo, veio para Lindinis onde lhe foram concedidas todas as honrarias, mas cercado por lanceiros. Guinevere permaneceu em Ynys Wydryn sob a vigilância atenta de Morgana, enquanto Sansum, o marido de Morgana, estava encarcerado nas masmorras do anfitrião de Emrys, o bispo de Durnovária. Os Saxões haviam-se retirado para lá das suas fronteiras, embora depois de as colheitas estarem guardadas em ambos os lados, desferissem ataques-surpresa a um e a outro. Sagramor, o comandante nómada de Artur, vigiava a fronteira saxónica, enquanto Culhwch, o primo de Artur e agora uma vez mais um dos seus chefes de batalha, vigiava a fronteira belga de Lancelote da nossa fortaleza de Dunum. O nosso aliado, o rei Cuneglas de Powys, deixara uma centena de lanceiros sob o comando de Artur, depois regressara ao seu próprio reino, tendo encontrado no caminho a sua irmã, a princesa Ceinwyn, de regresso a Dumnónia. Ceinwyn era minha esposa como eu era seu esposo, embora ela tivesse prestado o juramento de nunca se casar. Ela voltou com as nossas duas filhas no início do outono, e confesso que não me sentia verdadeiramente feliz enquanto ela não chegou. Encontrei-me com ela na estrada, a sul de Glevum, e apertei-a por longo tempo nos meus braços, pois houvera momentos em que eu pensara que não mais a veria. Era uma perfeição, a minha Ceinwyn, uma princesa de cabelos de ouro. Certa vez, muito tempo antes destes acontecimentos, fora prometida em casamento a Artur, e depois de ele ter abandonado esse casamento planeado para ficar com Guinevere, a mão de Ceinwyn fora prometida a outros grandes príncipes, mas ela e eu fugíramos juntos e atrevo-me a dizer que ambos agimos bem ao fazê-lo.

Tínhamos a nossa nova casa em Dun Caric, que fica a curta distância a norte de Caer Cadarn. Dun Caric significa «A Colina junto ao Belo Ribeiro», e o nome era apropriado, pois era um local belo, onde julguei que iríamos ser felizes. O palácio no topo da colina fora construído com

madeira de carvalho e o telhado coberto de colmo com palha de centeio, e circundava-o uma dúzia de edifícios exteriores cercados por uma paliçada de madeira apodrecida. As gentes que viviam na pequena aldeia no sopé da colina acreditavam que o palácio estava assombrado, porque Merlim deixara um druida ancião, Balise, viver a sua vida no local, o que levou os meus lanceiros a retirarem dali os ninhos, a bicharada e toda a parafernália ritual de Balise. Não tive dúvidas que os aldeãos, apesar de recearem o velho palácio, haviam já retirado os caldeirões, tripés e tudo o resto com verdadeiro valor. Desse modo ficámos apenas com as peles de cobras, os ossos secos e os corpos dissecados de aves, tudo isso envolvido em volumosas teias de aranha. Muitos dos ossos eram humanos, enormes pilhas. Então, enterrámos esses restos mortais em vários túmulos para que as almas dos mortos não pudessem voltar a unir-se e regressar para nos perseguirem.

Artur enviara-me uma dúzia de jovens para que eu os treinasse como guerreiros e durante todo esse outono ensinei-lhes a disciplina da lança e do escudo, e uma vez por semana, mais por hábito do que por prazer, eu visitava Guinevere perto de Ynys Wydryn. Levava-lhe alimentos, e, quando arrefeceu mais, uma bela capa de pelo de urso. Por vezes, levava comigo o seu filho, Gwydre, mas ela nunca se sentia verdadeiramente à vontade na sua presença. Aborrecia-se com as suas histórias sobre a pesca no ribeiro de Dun Caric ou a caça nas nossas matas. Ela própria adorava caçar, mas esse prazer já não lhe era permitido, por isso fazia exercício caminhando pelos domínios do santuário. A sua beleza não diminuía, de facto o seu tormento concedera aos seus grandes olhos uma luminosidade que outrora lhes faltara, embora ela nunca aceitasse a tristeza como verdadeira. Era demasiado orgulhosa para o fazer, apesar de eu conseguir perceber que era infeliz. Morgana humilhava-a, cercanda-a com orações cristãs e acusando-a constantemente de ser a grande prostituta da Babilónia. Guinevere suportava-o pacientemente e a única queixa que alguma vez proferiu foi no início do outono quando as noites se tornaram mais longas e as primeiras geadas noturnas tornaram brancos os buracos escuros, e ela me disse que os seus aposentos estavam sempre demasiado frios. Artur pôs cobro a isso, ordenando que Guinevere podia consumir tanta lenha quanta desejasse. Ele ainda a amava, embora detestasse ouvir-me proferir o seu nome. Quanto a Guinevere, eu não sabia quem ela amava. Ela perguntar-me-ia sempre por novas de Artur, mas nem uma vez mencionou o nome de Lancelote.

Também Artur era prisioneiro, mas apenas dos seus próprios tormentos. A sua casa, se é que a tinha de facto, era o palácio real em Durnovária, mas ele preferia andar por Dumnónia, indo de fortaleza em fortaleza e falando-nos de tudo sobre a guerra contra os Saxões, que deveriam chegar no ano novo. Mas se havia sítio onde ele passava mais tempo do que em

qualquer outro, era connosco, em Dun Caric. Víamo-lo chegar do nosso palácio no topo da colina, e um instante mais tarde soava um lur avisando que os seus cavaleiros atravessavam o ribeiro.

Gwydre, o seu filho, descia a colina a correr para ir ao seu encontro e Artur inclinava-se da sela de *Llamrei* e içava o rapaz antes de esporear o cavalo em direção ao nosso portão. Ele mostrava ternura por Gwydre, na verdade por todas as crianças, mas com os adultos mostrava uma fria reserva. O velho Artur, o homem de alegre entusiasmo, desaparecera. Abria a sua alma apenas com Ceinwyn, e sempre que vinha a Dun Caric, falava com ela durante horas. Falavam de Guinevere, de quem mais?

— Ele ainda a ama — disse-me Ceinwyn.

— Ele devia casar-se novamente — respondi-lhe.

— Como pode ele fazê-lo? — perguntou-me ela. — Ele não pensa em mais ninguém senão nela.

— O que costumava dizer-lhe?

— Que a perdoe, claro. Duvido que ela volte a fazer alguma tolice, e se ela é a mulher que o faz feliz, então ele devia esquecer o orgulho e aceitá-la de novo.

— Ele é demasiado orgulhoso para o fazer.

— Evidentemente — disse ela, reprovadora. Pousou a sua roca e o fuso.

— Julgo que, primeiro, talvez tenha de matar Lancelote. Isso deixá-lo-ia contente.

Artur tentou nesse outono. Conduziu um ataque-surpresa a Venta, o capitólio de Lancelote, mas este soubera do ataque e fugira para junto de Cerdic, o seu protetor. Levou consigo Amhar e Loholt, os filhos de Artur e de Ailleann, a sua amante irlandesa. Os gémeos sempre se haviam ressentido da sua condição de bastardos e tinham-se aliado aos inimigos de Artur. Artur não conseguiu encontrar Lancelote, mas trouxe consigo uma bela quantidade de cereais, que eram de grande necessidade, dado que o tumulto do verão afetara inevitavelmente as nossas colheitas.

A meio do outono, apenas a duas semanas do Samain e nos dias que se seguiram ao seu ataque súbito a Venta, Artur regressou a Dun Caric. Emagrecera ainda mais e o seu rosto estava mais lúgubre ainda. Nunca fora um homem com uma presença atemorizadora, mas agora tornara-se de tal modo circunspecto que os homens não lhe conheciam os seus pensamentos, e essa reserva conferia-lhe algo misterioso, enquanto a tristeza da sua alma lhe acrescentava dureza. Sempre fora paciente, mas agora o seu génio inflamava-se à mais pequena provocação. Estava zangado, sobretudo consigo mesmo, por acreditar que havia falhado. Os seus dois primeiros filhos haviam-no abandonado, o seu casamento agastara-se e Dumnónia decaíra com ele. Ele julgara que conseguiria criar um reino

perfeito, um lugar justo, seguro e pacífico, mas os Cristãos haviam preferido a mortandade. Culpou-se por não ter visto o que estava para chegar, e agora, na acalmia depois da tempestade, duvidava da sua própria perspicácia.

— Temos apenas de nos instalar para fazer as pequenas coisas, Derfel — disse-me ele nesse dia.

Estava um dia perfeito de outono. O céu estava mosqueado de nuvens, de modo que manchas de luz do Sol penetravam a paisagem castanha-amarelada que se estendia para ocidente. Por uma única vez, Artur não procurou a companhia de Ceinwyn, levando-me para um campo com relva junto ao lado exterior da paliçada reparada de Dun Caric de onde fitou, taciturno, o Tor que se elevava na linha do horizonte. Olhou fixamente para Ynys Wydryn, onde estava Guinevere.

— As coisas pequenas? — perguntei-lhe.

— Derrotar os Saxões, claro. — Fez um esgar sabendo que derrotar os Saxões não era empresa fácil. — Eles recusam-se a falar connosco. Se eu enviar algum mensageiro, eles matam-no. Disseram-mo na semana passada.

— Eles? — perguntei.

— Eles — confirmou-me ameaçador, referindo-se a Cerdic e Aelle. Normalmente, os dois reis saxões pelejavam entre si, algo que nós encorajávamos com enormes subornos; mas agora, segundo parecia, haviam aprendido a lição que Artur tão bem ensinara aos reinos britânicos: que a vitória apenas se consegue com a união. Os dois monarcas saxões uniam agora as suas forças para esmagar a Dumnónia e a decisão de não receberem quaisquer mensageiros era um sinal da sua resolução, bem como uma medida de autoproteção. Os mensageiros de Artur podiam levar consigo subornos que talvez enfraquecessem os chefes de tribo, e todos os mensageiros, por muito séria que fosse a sua busca pela paz, serviam para espiar o inimigo. Nesse momento, Cerdic e Aelle não corriam quaisquer riscos. Pretendiam ocultar as suas diferenças e juntar forças para nos esmagarem.

— Eu tive esperanças que a praga os tivesse enfraquecido — afirmei.

— Mas outros homens surgiram, Derfel — disse Artur. — Consta que os seus barcos descarregam todos os dias, e todos eles estão cheios de almas famintas. Eles sabem que estamos fracos, por isso virão milhares no próximo ano, milhares atrás de milhares. — Artur pareceu divertido com a perspectiva extremista. — Uma horda! Será essa a forma como iremos acabar, tu e eu? Dois velhos amigos, escudos lado a lado, esquartejados por machados bárbaros.

— Há piores formas de morrer, senhor.

Olhou fixamente na direção do Tor. De facto, quando vinha a Dun

Caric, sentava-se sempre naquela encosta oeste, nunca no lado leste, nem na encosta sul diante de Caer Cadarn, mas sempre aqui, a olhar para lá do vale. Eu sabia em que pensava, e ele sabia-o, mas não mencionou o seu nome, porque não queria que eu soubesse que acordava todas as manhãs a pensar nela e rezava todas as noites para sonhar com ela. Depois, apercebendo-se de repente do meu olhar fixo, baixou os olhos para os terrenos onde Issa treinava alguns rapazes para se tornarem guerreiros. O ar do outono enchera-se com os ruídos secos dos golpes das hastas das lanças e com a voz rouca de Issa a gritar para que mantivessem as lâminas em baixo e os escudos elevados.

— Como estão eles? — perguntou-me Artur, acenando com a cabeça na direção dos recrutas.

— Como nós há vinte anos — respondi-lhe — e nessa altura os mais velhos diziam que nunca seríamos guerreiros, e daqui a vinte anos aqueles rapazes dirão o mesmo dos seus filhos. Eles serão bons. Uma batalha amadurecê-los-á. Depois dessa, eles serão tão úteis como qualquer guerreiro da Bretanha.

— Uma batalha — disse Artur severamente — pode acontecer que travemos apenas uma batalha. Quando os saxões vierem, Derfel, serão em muito maior número do que nós. Ainda que Powys e Gwent mandem todos os seus homens, estaremos em menor número. — Aquilo soou como uma verdade amarga. — Merlim diz que eu não devia preocupar-me — acrescentou Artur com sarcasmo — diz que o seu trabalho em Mai Dun tornará a guerra desnecessária. Já visitaste o local?

— Ainda não.

— Centenas de tolos a transportarem lenha para o cume. Demência. — Cuspiu para a encosta. — Não confio em Tesouros, Derfel, mas em escudos defensivos e em lanças afiadas. E tenho uma outra esperança. — Fez uma pausa.

— Que é? — instiguei-o.

Virou-se para me olhar.

— Se mais uma vez conseguíssemos dividir os nossos inimigos — afirmou — teríamos ainda uma hipótese. Se Cerdic vier sozinho, conseguimos derrotá-lo, desde que Powys e Gwent nos ajudem, mas não consigo vencer Cerdic e Aelle juntos. Talvez eu vencesse se tivesse cinco anos para renovar o nosso exército, mas não o consigo fazer para a próxima primavera. A nossa única esperança, Derfel, é que os nossos inimigos se zanguem. — Era a nossa antiga forma de fazer a guerra. Subornar um rei saxão para lutar contra o outro, mas segundo o que Artur me contara, os Saxões estavam a tomar todas as precauções para garantir que tal não acontecesse nesse inverno. — Irei oferecer a Aelle uma paz duradoura — continuou Artur.



— Ele poderá ficar com todas as suas atuais regiões e com todas as que conseguir tirar a Cerdic, e ele e os seus descendentes poderão governá-las para sempre. Segues o meu raciocínio? Conceder-lhe-ei essa região perpetuamente, caso lute ao nosso lado na próxima batalha.

Eu nada disse durante algum tempo. O velho Artur, o Artur que fora meu amigo antes dessa noite no templo de Ísis, nunca teria proferido tais palavras, porque não eram verdadeiras. Homem algum cederia terras britânicas aos Sais. Artur mentia na esperança de que Aelle acreditasse na mentira, e dentro de poucos anos Artur quebraria a promessa e atacaria Aelle. Percebi isso, mas percebi também que era melhor não contestar a mentira, porque então eu próprio não poderia fingir que acreditava nela. Em vez de o fazer, recordei a Artur um antigo juramento que fora prestado numa pedra junto a uma árvore afastada.

— Jurastes matar Aelle — recordei-lhe. — Estará esse juramento esquecido?

— Agora não me preocupo com juramento algum — afirmou friamente, mas depois tornou, sereno — e por que razão havia eu de o fazer? Alguém cumpre os juramentos que faz comigo?

— Eu cumpro, senhor.

— Então obedece-me, Derfel — afirmou conciso — e vai ao encontro de Aelle.

Eu sabia que esse pedido acabaria por surgir. Primeiramente não respondi, observando apenas Issa instigando os seus jovens para atacarem um escudo defensivo pouco firme. Depois virei-me para Artur.

— Julgava que Aelle prometera matar os vossos mensageiros.

Artur não olhou para mim. Em vez de o fazer, fitou a charneca verde distante.

— Dizem os velhos que este irá ser um inverno rigoroso — afirmou — e eu quero ter a resposta de Aelle antes de as primeiras neves caírem.

— Sim, senhor — respondi.

Ele deve ter notado tristeza na minha voz, porque se voltou de novo para mim.

— Aelle não matará o seu próprio filho.

— Temos de ter esperança que não o faça, senhor — afirmei maliciosamente.

— Então vai ao seu encontro, Derfel — disse Artur. Sabendo o que sabia, acabava de me condenar à morte, mas não demonstrou qualquer arrependimento. Levantou-se e sacudiu os pedacinhos de relva da sua capa branca. — Basta conseguirmos derrotar Cerdic na próxima primavera, Derfel, e então poderemos reconstruir a Bretanha.

— Sim, senhor — afirmei. Ele fez com que tudo parecesse tão simples:

apenas vencer os Saxões e depois reconstruir a Bretanha. Recordei-me que sempre fora assim; uma última grande tarefa, depois seguir-se-ia sempre a felicidade. De certo modo, nunca tal aconteceu, mas agora, desesperados como estávamos e para que tivéssemos uma última oportunidade, eu devia viajar para me encontrar com o meu pai.

**E**u sou saxão. A minha mãe, Erce, também ela saxã, enquanto estava grávida foi feita prisioneira de Uther e tornada escrava pouco antes de eu nascer. Fui retirado da minha mãe quando era criança ainda bem pequena, mas apenas depois de ter aprendido a língua saxónica. Mais tarde, muito mais tarde, justamente na véspera da rebelião de Lancelote, encontrei a minha mãe e soube que o meu pai era Aelle.

Assim sendo, o meu sangue é genuinamente saxão, e por isso semirreal, embora por ter sido criado com os Bretões, eu não sinta qualquer afinidade com os Sais. Para mim, tal como para Artur ou para qualquer outro bretão nascido em liberdade, os Sais são uma praga que nos foi trazida do outro lado do Mar Oriental.

De onde vieram, ninguém sabe ao certo. Sagramor, que viajou mais do que qualquer outro comandante de Artur, conta-me que a terra dos Saxões é um lugar distante e oculto pelo nevoeiro com lodaçais e matas, embora confesse nunca aí ter estado. Apenas sabe que fica algures do outro lado do mar, e que estão a abandoná-la, conforme ele afirma, porque as terras da Bretanha são melhores, embora também me tenha constado que o território dos Saxões está cercado por outros inimigos, igualmente estranhos, que vêm do extremo mais longínquo do mundo. Mas por uma qualquer razão, desde há cem anos, os Saxões têm atravessado o mar para se apossarem das nossas terras, e agora detêm toda o Leste da Bretanha. Chamámos a esse território roubado Lloegyr, as Terras Perdidas, e não existe uma única alma na Bretanha livre que não sonhe em recuperar as Terras Perdidas. Merlim e Nimue acreditam que essas terras serão recuperadas apenas pelos Deuses, enquanto Artur deseja fazê-lo com a espada. E o meu encargo era dividir os nossos inimigos para facilitar a tarefa tanto aos Deuses como a Artur.

Viajei no outono quando os carvalhos se tornavam cor de bronze, as faias vermelhas e o frio cobria o amanhecer com uma neblina branca. Viajei sozinho, já que se Aelle homenageasse a chegada de um mensageiro com a morte, seria então melhor morrer apenas um homem. Ceinwyn rogara-me que levasse um grupo de guerra, mas com que propósito? Um grupo de guerra não me dava esperanças de comprometer o poder de todo o exército de Aelle, e desse modo, quando o vento levou as primeiras folhas amarelas dos ulmeiros, dirigi-me para leste. Ceinwyn tentara convencer-me a partir apenas depois do Samain, uma vez que se as invo-

cações de Merlim resultassem em Mai Dun, certamente não seria necessário nenhum emissário ir ao encontro dos Saxões, mas Artur não admitiria qualquer demora. Ele confiara na traição de Aelle e queria uma resposta do rei saxão, por isso parti, fazendo apenas votos para que sobrevivesse e regressasse à Dumnónia na véspera do Samain. Levava a minha espada e tinha um escudo pendurado nas costas, mas não levava mais nenhuma arma nem armadura.

Não me dirigi de imediato para leste, porque essa estrada me levaria perigosamente para junto do território de Cerdic, por isso, rumei para norte, passei por Gwent, e depois para leste, dirigindo-me para a fronteira saxónica onde Aelle governava. Durante um dia e meio caminhei passando pelas regiões das ricas quintas de Gwent, por casas de campo e herdades de cujas chaminés saía fumo. Os campos tinham as marcas lamacentas das patas dos animais que estavam a ser encerrados, aguardando as matanças do inverno, e o seu mugido imprimia um tom melancólico à minha viagem. O ar revelava já os primeiros indícios do inverno e, de manhã, o Sol permanecia baixo e fraco por entre o nevoeiro. Estorninhos juntavam-se em bandos nos terrenos em pousio.

A paisagem mudava à medida que eu rumava para leste. Gwent era uma região cristã, e no início passei por grandes igrejas trabalhadas. No segundo dia, porém, as igrejas eram bastante mais pequenas e as quintas menos prósperas até por fim alcançar as terras intermédias, os sítios bravios onde nem Saxões nem Bretões governavam, mas onde ambos tinham os seus terrenos de morte. Aqui, as campinas que outrora haviam alimentado famílias inteiras estavam cheias de carvalhos novos, espinheiros-alvar, vidoeiros e freixos, as casas de campo eram ruínas sem telhados e os palácios esqueletos queimados e hirtos. Todavia, ainda aí viviam pessoas, e quando certa vez ouvi alguém correr num bosque que ficava próximo, desembainhei Hywelbane com medo dos homens sem senhor que se refugiavam nestes ermos vales, mas ninguém me abordou, até essa tarde em que um grupo de lanceiros me barrou o caminho. Eram homens de Gwent e, à semelhança de todos os soldados do rei Meurig, traziam vestígios do antigo uniforme romano: couraças de bronze, elmos encimados com plumas de pelo de cavalo de um vermelho-vivo e capas cor de ferrugem. O seu chefe era um cristão de nome Carig, que me convidou a entrar na sua fortaleza situada numa clareira num alto espinhaço com arvoredos. A incumbência de Carig era vigiar a fronteira, e, bruscamente, interrogou-me sobre o que me levava ali, mas não fez mais perguntas quando lhe disse o meu nome e que ia ao serviço de Artur.

A fortaleza de Carig era uma simples paliçada de madeira, no interior da qual haviam sido construídas duas cabanas cujas lareiras acesas as

enchiam de fumo. Aqueci-me enquanto uma dúzia de homens de Carig se afadigava a cozinhar um quadril de veado num espeto feito com a lança de um saxão capturado. Havia uma dúzia dessas fortalezas num raio de um dia de marcha, todas viradas para leste para barrarem os atacantes de Aelle. Dumnónia tinha justamente as mesmas precauções, embora mantivéssemos um exército permanentemente junto à nossa fronteira. O custo de tal exército era exorbitante, e reclamado por aqueles cujos impostos sobre os cereais, o couro, o sal e os velos pagavam as tropas. Artur sempre lutara para que esses impostos fossem justos e não demasiado pesados, apesar de nessa altura, após a rebelião, ter lançado um duro castigo cobrando implacáveis impostos sobre todos os senhores abastados que haviam seguido Lancelote. Essa cobrança foi desproporcionada em relação aos Cristãos, e Meurig, o rei cristão de Gwent, enviou um protesto que Artur ignorou. Carig, o leal seguidor de Meurig, tratou-me com uma certa reserva, embora tivesse feito o possível para me prevenir sobre o que me esperava para lá da fronteira.

— Sabeis, senhor — disse ele — que os Sais estão a recusar-se a deixar os homens atravessarem a fronteira?

— Sim, constou-me.

— Dois mercadores atravessaram-na há uma semana — disse Carig. — Levavam cerâmica e velos. Avisei-os, mas — fez uma pausa e encolheu os ombros — os saxões ficaram com os potes e a lã, mas devolveram duas cabeças.

— Se a minha cabeça vos for enviada — pedi-lhe — mandai-a a Artur. — Observei a gordura a pingar do veado e a incendiar-se no fogo. — Os viajantes regressam de Lloegyr?

— Há semanas que não — disse Carig — mas no próximo ano, sem dúvida, vereis inúmeros lanceiros saxões na Dumnónia.

— E em Gwent, não? — desafiei-o.

— Aelle não tem nenhuma contenda connosco — disse Carig com firmeza. Ele era um jovem nervoso a quem não agradava muito a sua posição a descoberto na fronteira da Bretanha, apesar de cumprir o seu dever com razoável consciência e os seus homens, reparei nesse facto, estarem bem disciplinados.

— Sois bretões — disse eu a Carig — e Aelle é saxão, não é isso motivo suficiente?

Carig encolheu os ombros.

— A Dumnónia está enfraquecida, senhor, os Saxões sabem-no. Gwent está forte. Atacar-vos-ão, não a nós. — A sua voz soou terrivelmente complacente.

— Mas uma vez vencida a Dumnónia — afirmei, tocando no ferro

do copo da minha espada para afastar o mau agoiro implícito nas minhas palavras — quanto tempo demorarão eles a rumar para norte, em direção a Gwent?

— Cristo proteger-nos-á — disse Carig piamente, e fez o sinal da cruz. Um crucifixo estava pendurado na parede da cabana e um dos seus homens lambeu os dedos e tocou nos pés do Cristo torturado. Sub-repticiamente, cuspi para o lume.

Na manhã seguinte rumei para leste. O céu havia ficado com nuvens durante a noite e a aurora saudou-me com uma chuva miúda e fria que me fustigava o rosto. A estrada romana, agora com fendas e cheia de ervas daninhas, estendia-se até uma mata húmida e fria, e quanto mais eu caminhava, mais os meus ânimos se afundavam. Tudo o que eu ouvira no forte fronteiro de Carig sugeria que Gwent não lutaria por Artur. Meurig, o jovem rei de Gwent, sempre fora um guerreiro obstinado. O seu pai, Tewdric, sabia que os Bretões tinham de se unir contra o seu inimigo comum, mas Tewdric renunciara ao trono e fora viver como monge junto ao rio Wye e o seu filho não era um senhor da guerra. Sem as tropas bem treinadas de Gwent, a Dumnónia estava decididamente condenada, a menos que uma ninfa nua luminosa pressagiasse uma qualquer intervenção milagrosa dos Deuses. Ou a menos que Aelle acreditasse na mentira de Artur. E chegaria Aelle a receber-me? Acreditaria ele tão-pouco que eu era seu filho? Para mim, o rei saxão cumprira o seu papel nas escassas ocasiões em que nos encontráramos, mas isso nada significava, porque eu continuava a ser seu inimigo, e quanto mais avançava através dos chuviscos frios, por entre as árvores altas e molhadas, mais aumentava o meu desespero. Eu tinha a certeza que Artur me enviara em direção à morte, e pior ainda, que ele o fizera com a insensibilidade de um jogador que perde e que arrisca tudo num lançamento final.

A meio da manhã cheguei às últimas árvores e caminhei para o centro de uma vasta clareira no meio da qual corria um ribeiro. A estrada seguia o pequeno curso de água, mas junto à passadeira e espetado num morro, que se elevava à altura da cintura de um homem, encontrei um abeto morto com oferendas penduradas. A prestidigitação era-me estranha, por isso eu não fazia ideia se a árvore ornamentada protegia a estrada, acalmava o ribeiro ou era uma simples brincadeira de crianças. Deslizei do dorso do meu cavalo e vi que os objetos pendurados nos frágeis ramos eram os pequenos ossos da coluna de um homem. Não era nenhuma brincadeira de crianças, concluí, mas o que seria? Cuspi para o lado do morro para afastar o agoiro, toquei no ferro do copo de Hywelbane, depois conduzi o meu cavalo através do vau.

Trinta passos adiante do ribeiro começava novamente a mata e eu não

percorrera metade dessa distância quando um machado foi lançado das sombras por baixo dos ramos. Guinou ao passar por mim com a luz do dia cinzento a tremeluzir na sua lâmina. O arremesso fora mau, e o machado sibilou até uns bons quatro passos de distância. Ninguém me desafiou, mas também não surgiu outra arma vinda das árvores.

— Eu sou saxão! — gritei nessa língua. Ninguém disse nada, mas ouvi um sussurro de vozes e o estalido de galhos a quebrarem-se. — Sou saxão! — voltei a dizer, e questionei-me se os observadores escondidos não seriam saxões mas bretões fora-da-lei, porque eu estava ainda em terra de ninguém onde os homens sem senhor de todas as tribos e regiões se escondiam da justiça.

Preparava-me para dizer em bretão que não queria fazer-lhes mal quando uma voz gritou das sombras em saxão.

— Atira a tua espada para aqui! — ordenou-me um homem.

— Podes vir aqui tomar a minha espada — respondi.

Houve uma pausa.

— Como te chamas? — perguntou a voz.

— Derfel! — respondi. — Filho de Aelle.

Referi o nome do meu pai como um desafio, e isso deve tê-los tranquilizado porque uma vez mais ouvi o murmúrio baixo das vozes. Depois, um instante mais tarde, seis homens passaram por entre os ramos dos espinheiros e entraram na clareira. Todos tinham grossas peles, que os Saxões preferiam às armaduras, e todos traziam lanças. Um deles tinha um elmo com cornos e esse, sem dúvida o chefe, desceu desde o início da estrada na minha direção.

— Derfel — disse ele, detendo-se a meia dúzia de passos de mim. —

Derfel — repetiu. — Já ouvi esse nome, e não é saxão.

— É o meu nome — respondi — e eu sou saxão.

— Um filho de Aelle? — Ele desconfiava.

— Sim.

Examinou-me por um momento. Era um homem alto, com uma massa de cabelo castanho enrolada no elmo com cornos. A barba dava-lhe quase pela cintura e os bigodes pendiam-lhe até ao início da couraça de cabedal que usava por baixo da capa de pelo. Calculei que fosse um chefe de tribo local, ou talvez um guerreiro destacado para vigiar essa parte da fronteira. Encaracolou um dos bigodes com a mão livre e depois deixou as pontas desenrolarem-se.

— Conheço Hrothgar, filho de Aelle — afirmou pensativo — e Cyrning, filho de Aelle, de quem sou amigo. Penda, Saebold e Yffe, filhos de Aelle, vi-os combater, mas Derfel, filho de Aelle? — Abanou a cabeça.

— Vê-lo agora — respondi.

Tomou o peso da sua lança, reparando que o meu escudo ainda pendia da sela do meu cavalo.

— De Derfel, amigo de Artur, já ouvi falar — disse ele acusador.

— Também o vês neste instante — afirmei — e ele tem assuntos a tratar com Aelle.

— Nenhum bretão tem assuntos a tratar com Aelle — respondeu, e os seus homens resmonearam a sua concordância.

— Eu sou saxão — insisti.

— Então que assunto te traz?

— Cabe ao meu pai ouvi-lo e a mim falar dele. Tu nada tens com isso. Ele virou-se e gesticulou para os seus homens.

— Torná-lo-emos um assunto nosso.

— Como te chamas? — perguntei.

Ele hesitou, depois concluiu que mal nenhum faria revelar o seu nome.

— Ceolwulf — afirmou — filho de Eadbeht.

— Então, Ceolwulf — perguntei-lhe — julgas que o meu pai te recompensará quando souber que atrasaste a minha viagem? O que pensas que te dará? Ouro? Ou uma sepultura?

Foi uma pequena artimanha, mas deu resultado. Eu não fazia ideia se Aelle me receberia de braços abertos ou se me mataria, mas Ceolwulf teve suficiente medo da ira do seu rei para, de má vontade, me deixar passar e ordenar que quatro lanceiros me escoltassem, penetrando nós cada vez mais nas Terras Perdidas.

E foi assim que viajei por sítios que, durante uma geração, poucos bretões livres haviam pisado. Aquelas eram as terras que ficavam no coração do território do inimigo, e durante dois dias atravessei-as. À primeira vista, a região parecia ter poucas diferenças em relação à região bretã, uma vez que os Saxões se haviam apoderado dos nossos campos e amanhavam-nos de forma muito idêntica à nossa, embora eu tivesse reparado que as suas medas de feno eram empilhadas a maior altura e eram também mais quadradas, e as suas casas mais robustas. As vilas romanas estavam quase todas desertas, embora aqui e ali algumas herdades ainda se mantivessem em funcionamento. Ali não havia igrejas cristãs, nem, que eu tivesse visto, nenhum santuário, apesar de termos passado por um ídolo britânico com algumas oferendas de pouca monta na base. Ainda aí viviam bretões e alguns até possuíam o seu próprio terreno, mas a maioria eram escravos ou mulheres casadas com saxões. Os nomes dos locais haviam sido todos alterados e a minha escolta nem tão-pouco sabia como se chamavam na altura em que os Britânicos governavam. Passámos por Lycceword e Steortford, depois por Leodasham e Celmeresfort, todos com estranhos nomes saxões mas lugares prósperos. Estes não eram lares nem quintas de invasores, mas



colónias de gentes que se haviam fixado. Em Celmeresfort virámos para sul atravessando Beadewan e Wicford, e à medida que avançávamos, os meus companheiros disseram-me orgulhosamente que naquele instante passávamos pela quinta que Cerdic entregara a Aelle no verão. O terreno foi o preço, afirmaram eles, da lealdade de Aelle na guerra que está para vir e que empurrará estas gentes ao longo da Bretanha para o Mar Ocidental. A minha escolta estava confiante que venceriam. Todos tinham ouvido como Dumnónia havia enfraquecido com a rebelião de Lancelote, e essa revolta encorajara os reis saxões a unirem-se num único esforço para conquistarem todo o Sul da Bretanha.

Os aposentos de inverno de Aelle situavam-se num local a que os Saxões chamavam Thunreslea. Ficavam numa colina alta, numa região plana de campos argilosos e pântanos escuros, e do cume plano da montanha podia-se olhar para sul, para lá do vasto Tamisa, até à região brumosa onde Cerdic governava. Um enorme palácio erguia-se na colina. Era um edifício sólido com troncos de carvalho escuro, e bem alto na sua íngreme e pontiaguda empena estava a insígnia de Aelle: o crânio de um touro pintado com sangue. No crepúsculo, o solitário palácio surgia escuro e enorme, um local sinistro. A leste, para lá de algumas árvores, existia uma vila e eu conseguia ver o crepitar de uma miríade de fogueiras. Parecia que chegara a Thunreslea na altura de uma reunião, e as fogueiras mostravam onde as gentes estavam acampadas.

— É um festim — disse-me um dos do meu séquito.

— Em homenagem aos Deuses? — inquiri.

— Em homenagem a Cerdic. Ele veio falar com o nosso Rei.

As minhas esperanças, que já eram escassas, desvaneceram-se. Com Aelle eu tinha algumas hipóteses de sobreviver, mas com Cerdic, pensei, não tinha nenhuma. Cerdic era um homem frio e insensível, enquanto Aelle tinha um espírito emotivo, até mesmo generoso.

Toquei no copo de Hywelbane e pensei em Ceinwyn. Rezei aos Deuses para que me deixassem vê-la de novo. Agora era altura de descer do dorso do meu fatigado cavalo, compor a minha capa com um gesto seco, retirar o escudo do arção da minha sela e ir ao encontro dos meus inimigos.

Deviam estar trezentos guerreiros a festejar no chão coberto de junco daquele alto e lúgubre palácio do topo da húmida colina. Trezentos homens odiosos e animados, barbudos e de rostos vermelhos, que, ao contrário de nós, Bretões, nada viam de errado em levarem armas para os festins no palácio de um senhor. Três enormes fogueiras crepitavam no centro do salão e o fumo era tão espesso que, no início, não consegui ver o homem que se encontrava sentado atrás da longa mesa, no extremo mais longínquo do salão. Ninguém deu pela minha entrada, já que com o meu longo e farto

cabelo e a barba cerrada, parecia um lanceiro saxão, mas ao passar pelas fogueiras crepitantes, um guerreiro viu a estrela branca de cinco pontas do meu escudo e recordou-se de ter visto aquele símbolo no campo de batalha. Um resmoneio sobressaiu do meio do tumulto de vozes e risos, ecoando até todos os homens daquele palácio vociferarem contra mim, ao mesmo tempo que eu caminhava na direção do estrado onde se encontrava a grande mesa. Os guerreiros vociferantes pousaram os seus chifres de cerveja e começaram a bater com as mãos no chão ou nos escudos, de tal modo que o teto alto ecoou com o barulho medonho.

O embate de uma lâmina na mesa fez com que o barulho se dissipasse. Aelle havia-se levantado, e fora a sua espada que lançara pelo ar lascas da mesa tosca onde via uma dúzia de homens com pratos empilhados à sua frente e chifres cheios. Ladeavam-no Cerdic e Lancelote. Lancelote não era o único bretão presente. Bors, seu primo, persistia ao seu lado numa posição relaxada enquanto Amhar e Loholt, os filhos de Artur, ocupavam a extremidade da mesa. Todos eles eram meus inimigos, e eu toquei no copo de Hywelbane e rezei para que tivesse uma morte digna.

Aelle fitou-me. Conhecia-me suficientemente bem, mas saberia ele que eu era seu filho? Lancelote pareceu surpreendido por me ver, chegando a corar, depois chamou um intérprete com um aceno, disse-lhe algumas palavras breves e este inclinou-se para Cerdic e sussurrou ao ouvido do monarca. Cerdic também me conhecia, mas nem as palavras de Lancelote nem o reconhecimento de um inimigo alteraram a impenetrável expressão do seu rosto. Era um rosto de eclesiástico, sem barba, queixo estreito e com uma testa alta e larga. Os seus lábios eram finos e o seu cabelo ralo fora penteado com severidade para trás, formando um nó atrás do crânio. Por outro lado, o rosto banal tornava-se memorável por causa dos seus olhos. Eram olhos mortiços e cruéis, os olhos de um assassino.

Aelle pareceu demasiado admirado para dizer alguma coisa. Era muito mais velho do que Cerdic, de facto, passava um ou dois anos dos cinquenta, o que permitia dizer que se tratava de um homem velho, mas tinha ainda um aspeto formidável. Era alto, bem constituído, e tinha um rosto longo e severo, o nariz partido, bochechas com cicatrizes e uma barba preta e farta. Tinha vestida uma bela túnica escarlate e usava um grosso cordão de ouro ao pescoço e mais ouro nos pulsos. Nenhuma joia, porém, conseguia disfarçar o facto de Aelle ser acima de tudo um soldado, um belo exemplar dos guerreiros saxões. Faltavam-lhe dois dedos na sua mão direita, cortados em alguma batalha travada há muito, atrever-me-ia a dizer, onde ele consumara uma vingança sanguinária. Por fim falou.

— Atreves-te a vir aqui?

— Para vos ver, meu Rei e Senhor — respondi, colocando um joelho

no chão. Fiz uma vénia a Aelle, depois a Cerdic, mas ignorei Lancelote. Para mim, ele nada mais era do que um protegido do rei Cerdic, um traidor britânico elegante cujo rosto sombrio estava cheio de aversão por mim.

Cerdic espetou um pedaço de carne com uma enorme faca, levou-o à boca, depois hesitou.

— Não recebemos nenhum mensageiro de Artur — afirmou ele com indiferença — e aquele que for suficientemente louco para vir até aqui será morto. — Colocou a carne na boca, depois virou-se parecendo abandonar-me como a um pormenor de um assunto trivial. Os seus homens gritaram pela minha morte.

De novo Aelle silenciou o salão ao bater com a lâmina da sua espada na mesa.

— Vens da parte de Artur? — desafiou-me ele.

Achei que os Deuses me perdoariam uma mentira.

— Trago-vos cumprimentos, meu Rei e Senhor — respondi — de Erce, e a filial estima do filho de Erce que é, para seu contentamento, também vosso.

Para Cerdic as palavras nada significaram. Lancelote, que ouvira uma tradução, sussurrou rapidamente ao seu intérprete e este voltou a falar com Cerdic. Não tenho dúvidas que ele encorajou aquilo que Cerdic então pronunciou.

— Ele tem de morrer — insistiu Cerdic. Falou muito pausadamente, como se a minha morte fosse uma coisa sem importância. — Nós temos um acordo — lembrou ele a Aelle.

— O nosso acordo afirma que não receberemos nenhum mensageiro dos nossos inimigos — afirmou Aelle, fitando-me.

— E que mais é ele? — perguntou Cerdic, finalmente mostrando alguma irritação.

— Ele é meu filho — afirmou Aelle simplesmente, e um arquejo soou por todo o palácio cheio de gente. — Ele é meu filho — repetiu Aelle — não és?

— Sou, meu Rei e Senhor.

— Tens mais filhos — disse Cerdic a Aelle despreocupadamente, e gesticulou para alguns homens barbudos sentados à esquerda de Aelle. Aqueles homens, que presumi fossem meus meio-irmãos, fitavam-me confusos. — Ele traz uma mensagem de Artur! — insistiu Cerdic. — Esse cão — apontou a sua faca na minha direção — está sempre ao serviço de Artur.

— Trazes alguma mensagem de Artur? — perguntou Aelle.

— Trago as palavras de um filho para o seu pai — voltei a mentir — nada mais.

— Ele tem de morrer! — afirmou Cerdic lacônico, e todos os seus partidários no salão murmuraram a sua concordância.

— Não matarei o meu próprio filho — disse Aelle — no meu próprio palácio.

— Então, posso eu fazê-lo? — perguntou Cerdic com azedume. — Se algum bretão vier ter connosco, terá de ser morto. — Proferiu estas palavras dirigindo-se a todo o palácio. — Isto foi acordado entre nós! — insistiu Cerdic e os seus homens bradaram a sua aprovação e bateram com os copos das suas lanças nos escudos. — Essa coisa — afirmou Cerdic, agitando uma mão na minha direção — é um saxão que luta por Artur! É um verme, e sabes o que se faz a um verme! — Os guerreiros pediram a minha morte e os seus cães juntaram-se ao clamor com uivos e latidos. Lancelote observava-me com o rosto inexpressivo, enquanto Amhar e Loholt pareciam ansiosos por me trespassar com a espada. Loholt tinha um ódio especial por mim, porque eu lhe segurara no braço enquanto o pai decepara a sua mão direita.

Aelle esperou até o tumulto se desvanecer.

— No meu palácio — afirmou, acentuando o possessivo para mostrar que era ele quem ali mandava e não Cerdic — um guerreiro morre com a sua espada na mão. Há aqui algum homem que queira matar Derfel armado com a sua espada? — Olhou para todo o salão, convidando alguém a desafiar-me. Ninguém o fez, e Aelle baixou os olhos para o rei, seu par. — Não quebrarei nenhum acordo contigo, Cerdic. Os nossos lanceiros caminharão lado a lado e nada do que o meu filho diga poderá impedir essa vitória.

Cerdic retirou um pedaço de carne de entre os dentes.

— A sua cabeça — disse ele, apontando para mim — fará um belo estandarte para a batalha. Eu quero que ele morra.

— Então mata-o — disse Aelle com desdém. Podiam ser aliados, mas existia pouco afeto entre os dois. Aelle ressentia-se com a arrogância do jovem Cerdic, enquanto este achava que faltava crueldade ao velho.

Cerdic esboçou um sorriso irónico perante o desafio de Aelle.

— Eu não — disse ele, calmamente — mas o meu paladino fará o trabalho. — Baixou os olhos para o salão, encontrou o homem que procurava e apontou um dedo. — Liofa! Está aqui um verme. Mata-o!

Os guerreiros aplaudiram de novo. Rejubilavam com a ideia de um combate, e sem dúvida que antes de a noite terminar, a cerveja que bebiam causaria mais do que uns tantos combates mortais, mas uma luta até à morte entre o paladino de um rei e o filho de um outro rei era um divertimento muito maior do que uma qualquer rixa de bêbados e uma diversão muito mais agradável do que a melodia dos dois harpistas que observavam dos extremos do salão.

Virei-me para ver o meu adversário, na esperança de que ele me desse mostras de já estar meio ébrio, e desse modo ser uma presa fácil para Hywelbane; mas o homem que saiu do meio dos comensais não era de todo o que eu esperava. Pensei que seria um homem enorme, não muito diferente de Aelle, mas este paladino era um guerreiro esguio e ágil com um rosto calmo e sagaz sem uma única cicatriz. Olhou-me de relance, despreocupadamente, ao mesmo tempo que deixava cair a sua capa; depois puxou da sua bainha de cabedal uma espada enorme com uma lâmina fina. Tinha poucas joias, apenas um cordão de prata, e as suas vestes nada tinham dos adornos que a maioria dos paladinos usava. Tudo nele transparecia a experiência e confiança, enquanto o seu rosto sem cicatrizes sugeria tanto uma sorte fabulosa como uma habilidade fora do comum. Pareceu-me também assustadoramente sóbrio assim que avançou para o espaço livre diante da mesa alta, fazendo depois uma vénia aos reis.

Aelle pareceu perturbado.

— O preço para falares comigo — disse-me ele — é defenderes-te de Liofa. Ou podes partir agora e regressar a casa ileso. — Os guerreiros zombaram a essa sugestão.

— Falarei convosco, meu Rei e Senhor — afirmei.

Aelle acenou com a cabeça, depois sentou-se. Continuou a parecer infeliz e eu calculei que Liofa tivesse uma temível reputação como esgrimista. Tinha de ser bom, caso contrário não seria o paladino de Cerdic, mas algo no rosto de Aelle me disse que Liofa era mais do que simplesmente bom.

Todavia, também eu tinha uma boa reputação, e isso parecia preocupar Bors, que rapidamente sussurrou ao ouvido de Lancelote. Depois de o seu primo terminar, Lancelote acenou ao intérprete que, por sua vez, falou com Cerdic. O rei ouviu-o e, em seguida, lançou-me um olhar sinistro.

— Como sabemos nós, Aelle — perguntou ele — que este teu filho não traz com ele nenhum feitiço de Merlim?

Os Saxões sempre haviam temido Merlim, e a sugestão fê-los resmonear iradamente.

Aelle franziu as sobrancelhas.

— Trazes algum, Derfel?

— Não, meu Rei e Senhor.

Cerdic não estava convencido.

— Estes homens reconhecerão qualquer feitiço de Merlim — insistiu ele, gesticulando para Lancelote e Bors; depois falou com o intérprete, que passou as suas ordens a Bors. Este encolheu os ombros, levantou-se e caminhou em volta da mesa, descendo, por fim, do estrado. Hesitou ao aproximar-se de mim, mas eu afastei os braços como que para lhe mostrar que não queria fazer-lhe mal. Bors examinou os meus pulsos, talvez à pro-

cura de fios de canas com nós ou qualquer outro amuleto, depois desatou com um puxão as fitas do meu justilho de cabedal.

— Tem cuidado com ele, Derfel — murmurou ele em inglês, e percebi, para surpresa minha, que afinal Bors não era meu inimigo. Convencera Lancelote e Cerdic a revistar-me para poder sussurrar-me este aviso. — É rápido como uma doninha — continuou Bors — e combate com as duas mãos. Fica de olho no estupor quando fingir que escorrega. — Viu o pequeno broche de ouro que Ceinwyn me oferecera de presente. — Está enfeitado? — perguntou-me.

— Não.

— Em todo o caso guardá-lo-ei comigo — disse ele, desprendendo o broche e mostrando-o ao salão, e os guerreiros vociferaram irados que eu podia estar a esconder o talismã. — E dá-me o teu escudo — ordenou Bors, porque Liofa não tinha o dele.

Desapertei as presilhas do meu braço esquerdo e entreguei o escudo a Bors. Agarrou nele e encostou-o ao estrado, equilibrando na sua extremidade superior o broche de Ceinwyn. Olhou para mim como que para se certificar de que eu tinha visto onde ele o havia colocado e eu acenei-lhe com a cabeça.

O paladino de Cerdic desferiu um golpe com a sua espada no ar fuliginoso.

— Matei quarenta e oito homens num único combate — disse-me ele numa voz suave, quase monótona — e perdi a conta dos que me atacaram em combate. — Fez uma pausa e tocou no seu rosto. — Nem uma única vez, em nenhum desses combates — afirmou — fiquei com cicatrizes. Se quiseres ter uma morte rápida, podes dar-te agora por vencido.

— Podes entregar-me a tua espada — disse-lhe eu — e poupare uma derrota a ti próprio.

A troca de insultos era uma formalidade. Liofa recusou a minha oferta com um encolher de ombros e virou-se para os reis. Fez de novo uma vénia e eu imitei-o. Estávamos a uma distância de dez passos um do outro, no centro do espaço vazio, entre o estrado e a mais próxima das três fogueiras, encontrando-se de ambos os lados do salão um amontoado de homens excitados. Eu conseguia ouvir o tilintar de moedas à medida que as apostas iam sendo feitas.

Aelle acenou-nos com a cabeça, dando autorização para o início do combate. Desembainhei Hywelbane e levei o seu copo aos lábios. Beije um dos pequenos pedaços de osso de porco nele colocados. Os dois fragmentos de osso eram os meus verdadeiros talismãs e eram muito mais poderosos do que o broche, porque os ossos de porco haviam outrora feito parte de uma magia de Merlim. Os fragmentos de osso não me davam qualquer

proteção mágica, mas eu beijei o copo uma segunda vez, e depois enfrentei Liofa.

As nossas espadas são coisas pesadas e desajeitadas que não ajudam a levar vantagem durante o combate. Deste modo, pouco mais são do que enormes moccas de ferro que exigem no seu manejo uma força considerável. A luta de espadas nada tem de difícil, embora exija habilidade. A habilidade reside no engano, em convencer um opositor que um golpe virá da esquerda, e quando ele mantiver a guarda desse lado, atacar pela direita, embora a maioria dos combates com espadas não sejam ganhos devido a essa perícia, mas por causa da força bruta. Um homem enfraquece e, desse modo, a sua guarda é baixa e a espada do vencedor livremente desferida golpeia-o, matando-o.

Todavia, Liofa não lutava deste modo. De facto, nunca antes nem depois, voltei a lutar com ninguém como Liofa. Senti a diferença assim que se aproximou de mim, porque a lâmina da sua espada, apesar de ser tão longa como a de Hywelbane, era muito mais esguia e leve. Ele havia sacrificado o peso à velocidade, e eu percebi que este homem iria ser tão rápido como Bors me avisara, veloz como um relâmpago, e no preciso instante em que me apercebia disso, ele atacou. Contudo, em vez de passar velozmente a lâmina de modo a fazer uma grande curva, ele precipitou-se com ela, tentando passar a sua ponta nos músculos do meu braço direito.

Eu afastei-me da estocada. Estas coisas acontecem tão depressa que depois do combate, ao tentar lembrar-me dos passos da luta, a mente não conseguiu firmar cada movimento e contragolpe, mas eu vira um pestanejo nos seus olhos, vira que a sua espada só conseguia estocar para diante e eu movera-me no exato momento em que ele precipitava a estocada na minha direção. Fingi que a velocidade do seu golpe não me surpreendera, por isso não me esquivei, passando apenas por ele. Depois, quando calculei que ele estaria em desequilíbrio, rosnei e oscilei Hywelbane trazendo-a de trás num golpe que teria desmembrado um boi.

Ele deu um salto para trás, equilibrando-se perfeitamente, e abriu tanto os braços que o meu golpe ceifou a uns perigosos centímetros da sua barriga. Esperou que eu a oscilasse de novo, mas em vez de o fazer, esperei por ele. Os homens gritavam-nos, pedindo sangue, mas eu não lhes prestei atenção, mantendo os olhos fixos nas pupilas cinzentas e serenas de Liofa. Ele tomou o peso da espada na sua mão direita, volteou-a para diante para tocar na minha lâmina, depois gingou na minha direção.

Detive-o com facilidade, depois contra-ataquei a sua investida, que surgiu tão naturalmente como o dia surge a seguir à noite. O clangor das espadas era sonoro, mas eu sentia que os golpes de Liofa não eram desferidos com verdadeiro esforço. Ele oferecia-me o combate que eu esperara,

mas também me avaliava quando investia e quando desferia golpe atrás de golpe. Detive-os, pressentindo as alturas em que eles se tornavam mais fortes, e justamente quando eu esperava que ele fizesse um verdadeiro esforço, susteve o golpe, largou a espada no ar, apanhou-a com a mão esquerda e desferiu-a para baixo em direção à minha cabeça. Fê-lo à velocidade da picada de uma víbora.

Hywelbane aparou aquele golpe descendente. Não sei como o conseguiu. Eu aparara um golpe lateral e, de repente, não estava lá nenhuma espada, apenas a morte por cima da minha cabeça. Contudo, seja como for, a minha lâmina estava no sítio certo e a sua espada, mais leve, deslizou para o copo de Hywelbane, Tentei converter a defesa num contragolpe, mas não houve força na minha resposta e ele recuou de um salto com facilidade. Eu continuei para diante, golpeando como ele fizera, mas aplicando todas as minhas forças, de modo que nenhum dos golpes conseguiu estripá-lo, e a velocidade e a força das minhas investidas não lhe deram outra alternativa senão recuar. Ele aparou os golpes com tanta facilidade quanto eu havia aparado os seus, mas não havia resistência nas defesas. Ele deixava-me oscilar, e em vez de defender com a sua espada, protegia-se com constantes retiradas. Também me deixava esgotar as minhas forças no ar em vez de ser num osso, num músculo ou no sangue. Desferi um último golpe maciço, sustendo a espada a meio da oscilação e torcendo o pulso para alojar Hywelbane na sua barriga.

A sua espada deslocou-se na direção da estocada, depois ripostou para mim quando ele deu um passo para o lado. Também eu dei rapidamente um passo para o lado, para que ambos fálhássemos. Em vez disso, chocá-mos, peito com peito, e eu senti o seu hálito. Senti um vago cheiro a cerveja, embora sem dúvida ele não estivesse embriagado. Por momentos ficou imóvel, depois delicadamente moveu para o lado o braço que empunhava a espada e olhou para mim motejador como se sugerisse que concordássemos em nos separar. Acenei-lhe com a cabeça, e ambos demos um passo atrás, com as espadas bem afastadas, enquanto a multidão falava excitadamente. Sabiam que presenciavam um combate raro. Liofa era famoso entre eles, e atrevo-me a dizer que o meu nome não era desconhecido, mas eu sabia que provavelmente seria derrotado. As minhas proezas, se tinha alguma, eram as de um soldado. Eu sabia como romper um escudo defensivo, como lutar com lança e escudo ou com espada e escudo, mas Liofa, o paladino de Cerdic, tinha apenas uma habilidade, a luta corpo a corpo com espada. Nisso ele era mortal.

Recuámos seis ou sete passos, depois Liofa saltou para diante, com pés tão ligeiros como os de um dançarino, e estocou na minha direção com rapidez. Hywelbane aparou o golpe com força e eu vi-o recuar, vacilante, com



a sólida defesa. Eu fora mais rápido do que ele esperara, ou talvez ele tivesse sido mais lento do que o habitual, pois até uma pequena quantidade de cerveja diminuirá a rapidez de um homem. Alguns homens apenas lutam embriagados, mas os que vivem mais tempo lutam sóbrios.

Questionei-me sobre a razão da sua vacilação. Ele não fora ferido, contudo eu apoquentara-o visivelmente. Golpeei-o e ele recuou com um salto, e esse salto permitiu-me outra pausa para refletir. O que o fizera vacilar? Depois recordei-me da fraqueza das suas defesas e percebi que ele não se atrevia a arriscar a sua lâmina contra a minha, por ser demasiado leve. Se eu conseguisse bater naquela lâmina com todas as minhas forças, então seria provável que partisse, por isso bati de novo, mas desta vez continuei a bater vociferando contra ele ao mesmo tempo que batia violentamente com os pés no chão na sua direção. Amaldiçoei-o com o ar, o fogo e o mar. Chamei-lhe fêmea, cuspi na sua sepultura e na sepultura de cão onde a sua mãe havia sido enterrada, e durante todo esse tempo ele não proferiu uma única palavra, deixando apenas que a sua espada encontrasse a minha e deslizesse para o lado, voltando sempre a recuar com aqueles olhos mortíços a observarem-me.

Então escorregou. O seu pé direito pareceu deslizar num montículo de junco e a perna fugir-lhe. Caiu de costas e amparou-se com a mão esquerda para se erguer, mas eu bradei a sua morte erguendo Hywelbane bem alto.

Então afastei-me dele um passo, sem mesmo tentar terminar o golpe de misericórdia.

Eu fora avisado desse deslize por Bors e estivera a aguardá-lo. Vê-lo foi maravilhoso, e por pouco eu fui de facto enganado, porque podia jurar que o deslize fora acidental, mas Liofa era tanto um acrobata como um esgrimista e o deslize aparentemente desequilibrado tornou-se num súbito movimento ágil que varreu a sua espada num círculo para onde os meus pés deviam estar. Ainda hoje consigo ouvir aquela longa e fina lâmina a silvar quando passou apenas a alguns centímetros acima do chão. O golpe deveria ter-me atingido nos tornozelos, mutilando-me, mas eu não estava lá.

Eu havia recuado e agora observava-o calmamente. Ele olhou para cima, pesarosamente.

— Levanta-te, Liofa — ordenei-lhe numa voz firme, dizendo-lhe que toda a minha ira fora fingida.

Penso que ele percebeu naquela altura que eu era, de facto, perigoso. Ele pestanejou uma ou duas vezes e eu percebi que usara os seus melhores truques comigo. Nenhum resultara, porém, e a sua confiança desvanecia-se. Mas não a sua destreza, e então avançou veemente e rápido para me fazer recuar com uma sucessão estonteante de golpes curtos, varredelas rápidas e investidas repentinas. Deixei as varredelas prosseguirem sem as

deter, enquanto os outros ataques foram por mim defendidos o melhor que consegui, desviando-os e tentando quebrar-lhes o ritmo. Por fim, um golpe atingiu-me diretamente no antebraço esquerdo, e a manga de cabedal quebrou a força da espada, apesar de eu ter ficado com uma ferida durante quase um mês depois disso. A multidão suspirou. Haviam assistido ao combate com entusiasmo e estavam radiantes por ver o primeiro vestígio de sangue. Liofa retirou a lâmina com um sacão do meu antebraço, tentando mover o seu gume para trás e para diante através do cabedal até ao osso, mas eu retirei-o com um movimento rápido, estoquei com Hywelbane e desse modo fi-lo recuar.

Ele esperou por mim para prosseguir o ataque, mas chegara a minha vez de pôr em prática os meus truques. Propositadamente, não me movi na sua direção. Em vez disso, baixei a minha espada alguns centímetros enquanto inspirava profundamente. Abanei a cabeça, tentando afastar da minha testa as farripas de cabelo ensopadas de suor, porque junto àquela grande fogueira o calor era enorme. Liofa observou-me cauteloso. Ele via agora que eu estava sem fôlego e percebeu que a minha espada hesitava, contudo ele não havia matado quarenta e oito homens correndo riscos. Desferiu um dos seus golpes rápidos para testar a minha reação. Fê-lo com uma breve oscilação que exigiu uma defesa, embora não fosse uma pancada semelhante a um machado que penetra na carne. Aparei-o tarde, deliberadamente tarde, e deixei que a ponta da espada de Liofa me batesse no braço ao mesmo tempo que Hywelbane ressoava na parte mais grossa da sua espada. Gemi, simulei uma oscilação, depois fiz com que a minha lâmina recuasse enquanto ele se afastava com facilidade.

Esperei de novo por ele. Ele estocou e eu empurrei a sua espada para o lado, mas desta vez não tentei contra-atacar. A multidão estava em silêncio, presentindo que este combate estava prestes a terminar. Liofa tentou outra estocada e eu detive-a de novo. Ele preferia as estocadas, porque matavam sem danificar a sua preciosa lâmina, mas eu percebi também que se detivesse essas estocadas rápidas bastantes vezes, provavelmente ele matar-me-ia da forma tradicional. Tentou mais duas estocadas e eu afastei violentamente a primeira de forma desajeitada, recuei à segunda e depois bati nos olhos com a manga esquerda da minha camisa porque o suor me causava ardor.

Então ele vacilou. Pela primeira vez gritou bem alto quando imprimiu à sua espada uma oscilação poderosa que partiu bem acima da sua cabeça e desenhou uma curva descendo em direção ao meu pescoço. Detive-a, facilmente, mas vacilei quando fiz deslizar o seu golpe ceifado em segurança por cima da minha cabeça com a lâmina de Hywelbane, depois deixei-a descair um pouco e ele fez o que eu esperava que fizesse.

Ripostou com todas as suas forças. Fê-lo com rapidez e bem, mas ago-

ra eu sabia exatamente qual a sua velocidade, por isso levantei Hywelbane num contragolpe igualmente rápido. Eu tinha as duas mãos no seu copo e coloquei todas as minhas forças nesse golpe devastador vindo de cima, que não era dirigido a Liofa, mas à sua espada.

As duas espadas encontraram-se na vertical.

Todavia, desta vez não se ouviu um som vibrante, mas um ruído repentino e seco.

Quebrara-se a espada de Liofa. Os dois terços exteriores saltaram, caindo no meio da multidão, deixando apenas um pedaço na sua mão. Ele pareceu horrorizado. Depois, por instantes, pareceu tentado a atacar-me com o que restava da sua espada, mas eu imprimi a Hywelbane dois rápidos golpes que o fizeram recuar. Nessa altura, ele percebeu que eu não estava de todo cansado. Também percebeu que era um homem morto, mas ainda assim tentou deter Hywelbane com a sua arma partida, mas ela afastou aquele pequeno pedaço de metal para o lado e depois feriu-o com uma estocada.

Mantive a lâmina imóvel junto ao cordão de prata que tinha em volta do pescoço.

— Meu Rei e Senhor? — gritei, mantendo os olhos fixos nos de Liofa. O salão estava em silêncio. Os saxões haviam visto o seu paladino ser derrotado e mantiveram-se em silêncio. — Meu Rei e Senhor! — gritei de novo.

— Lorde Derfel? — respondeu Aelle.

— Pedistes-me para lutar com o paladino do rei Cerdic, não me ordenastes que o matasse. Peço-vos a sua vida.

Aelle fez uma pausa.

— A sua vida é tua, Derfel.

— Rendes-te? — perguntei a Liofa. Não respondeu de pronto. O seu orgulho procurava ainda uma vitória, mas como hesitasse, passei a ponta de Hywelbane da sua garganta para a bochecha direita. — Então? — instiguei-o.

— Rendo-me — disse ele, e atirou para o chão o que restava da sua espada.

Impeli Hywelbane apenas com a força suficiente para lhe arrancar pele e carne da maçã do rosto.

— Uma cicatriz, Liofa — disse eu — para te lembrares que lutaste com o Lorde Derfel Cadarn, filho de Aelle, e que perdeste. — Deixei-o a sangrar. A multidão aplaudia. Os homens são seres estranhos. Num momento, eles gritavam pelo meu sangue, agora gritavam aclamações por eu ter poupado a vida do seu paladino. Fui buscar o broche de Ceinwyn, depois peguei no meu escudo e levantei os olhos para o meu pai. — Trago-vos cumprimentos de Erce, meu Rei e Senhor — disse eu.

— E são bem-vindos, Lorde Derfel — disse Aelle — são bem-vindos.

Fez um gesto para uma cadeira à sua esquerda que um dos seus filhos deixara vaga, e assim me juntei aos inimigos de Artur na sua bela mesa. E banqueteámos.

Depois de o festim ter terminado, Aelle levou-me para os seus próprios aposentos, situados por detrás do estrado. Era um quarto enorme e com um pé direito alto. No seu centro estava uma lareira acesa e a cama de peles encontrava-se por baixo da empena. Ele fechou a porta onde colocara guardas, depois fez-me sinal para que me sentasse numa arca de madeira junto à parede enquanto ele caminhou para o lado oposto do quarto, desaperçou as ceroulas e urinou para um buraco fundo aberto no chão de terra.

— Liofa é rápido — disse-me ele enquanto urinava.

— Muito.

— Pensei que te venceria.

— Não é suficientemente rápido — respondi — ou então a cerveja tornou-o mais lento. Agora cuspi nela.

— Cuspo em quê? — perguntou meu pai.

— Na vossa urina. Para afastar a má sorte.

— Os meus Deuses não dão importância à urina nem ao cuspe, Derfel — afirmou divertido. Ele convidara dois dos seus filhos a irem ao quarto e ambos, Hrothgar e Cyrning, me olhavam com curiosidade. — Então que mensagem — perguntou Aelle — me envia Artur?

— Porque havia ele de enviar alguma?

— Porque de outro modo não estarias aqui. Julgas que foste feito por um tolo, rapaz? Então, o que quer Artur? Não, não digas, deixa-me adivinhar. — Apertou o cordão que lhe segurava as ceroulas, depois foi sentar-se na única cadeira que havia no quarto, uma cadeira de braços romana feita em madeira preta e com incrustações de marfim, embora já lhe faltassem muitas. — Ele oferece-me tranquilidade na minha região, é isso — perguntou Aelle — se eu atacar Cerdic no próximo ano?

— Sim, meu senhor.

— A resposta é não — resmungou ele. — Um homem oferece-me o que já é meu! Que oferta é essa?

— Uma paz perpétua, meu Rei e Senhor — disse eu.

Aelle sorriu.

— Quando um homem promete algo para sempre, está a proceder descuidadamente com a verdade. Nada é para sempre, rapaz, nada. Diz a Artur que os meus lanceiros marcharão com Cerdic no próximo ano. — Deu uma gargalhada. — Desperdiçaste o teu tempo, Derfel, mas estou con-

tente por teres vindo. Amanhã falaremos de Erce. Queres uma mulher para passar a noite contigo?

— Não, meu Rei e Senhor.

— A tua princesa nunca o saberá — zombou ele.

— Não, meu Rei e Senhor.

— E diz-se ele meu filho! — Aelle riu, e os seus filhos riram com ele.

Eram ambos altos e, embora os seus cabelos fossem mais escuros do que o meu, desconfio que eram parecidos comigo, tal como suspeitei que haviam sido levados para a câmara do rei para testemunharem aquela troca de palavras e, desse modo, divulgarem aos outros chefes saxões a recusa liminar de Aelle. — Podeis dormir junto à minha porta — afirmou Aelle, fazendo um aceno aos seus filhos para que saíssem do quarto — aí estareis fora de perigo. — Aguardou que Hrothgar e Cyrning abandonassem os seus aposentos, depois deteve-me com uma mão. — Cerdic — disse o meu pai em voz baixa — partirá amanhã, e levará Lancelote consigo. Cerdic irá ficar desconfiado por te deixar viver, mas eu passo bem com a sua suspeição. Amanhã falaremos, Derfel, e eu terei uma longa resposta para o teu Artur. Não será a resposta que ele deseja, mas talvez seja uma com a qual ele consiga viver. Agora vai, tenho a minha companhia a chegar.

Dormi no espaço exíguo entre o estrado e a porta dos aposentos do meu pai. Durante a noite uma rapariga passou por mim, esgueirando-se para a cama de Aelle, enquanto no salão os guerreiros cantavam e brigavam, bebiam e eventualmente dormiam, apesar de já estar a amanhecer quando o último homem começou a rressonar. Foi na altura em que acordei com o canto dos galos que estavam na colina de Thunreslea. Afivelei Hywelbane à cintura, apanhei a minha capa e o meu escudo e passei pelas brasas das fogueiras, saindo depois para o ar gelado e húmido. A neblina uniu-se ao elevado planalto, adensando-se em nevoeiro à medida que o terreno descia em declive para o ponto onde o Tamisa se juntava com o mar. Afastei-me do palácio até ao extremo da colina olhando daí para baixo para a alvura por cima do rio.

— O meu Rei e Senhor — disse uma voz atrás de mim — ordenou-me que vos matasse se vos encontrasse sozinho.

Virei-me e vi Bors, o primo e paladino de Lancelote.

— Tenho de vos agradecer — disse-lhe eu.

— Por vos ter avisado em relação a Liofa? — Bors encolheu os ombros como se o seu aviso tivesse sido coisa de pouca monta. — Ele é rápido, não é? Rápido e mortal. — Bors veio colocar-se ao meu lado. Deu uma dentada numa maçã, achou que estava mole e deitou-a fora. Ele era mais um guerreiro enorme, um outro lanceiro com cicatrizes e de barba preta

que estivera em muitos escudos defensivos e vira demasiados amigos serem mortos. Arrotou. — Nunca me importei de lutar para entregar o trono de Dumnónia a meu primo — disse ele — mas nunca quis lutar por um saxão. E não quis ver-vos ser morto para divertimento de Cerdic.

— Mas no próximo ano, senhor — disse eu — estareis a lutar por Cerdic.

— Estarei? — perguntou-me ele. Pareceu divertido. — Não sei o que irei fazer no próximo ano, Derfel. Talvez eu parta de barco para Lyonesse? Dizem que aí estão as mulheres mais belas do mundo. Têm cabelos de prata, corpos de ouro e não têm língua. — Deu uma gargalhada, depois tirou outra maçã da bolsa e poliu-a com a manga. — Agora, o meu Rei e Senhor — disse ele, referindo-se a Lancelote — irá lutar por Cerdic, mas que outra alternativa tem ele? Artur não o aceitará de novo.

Então percebi o que Bors insinuava.

— Artur, o meu Senhor — disse eu, cautelosamente — não tem nenhuma questão convosco.

— Nem eu com ele — disse Bors com a boca cheia de maçã. — Então talvez nos voltemos a encontrar, Lorde Derfel. Foi pena não vos ter encontrado esta manhã. O meu Rei e Senhor ter-me-ia dado uma bela recompensa se eu vos tivesse matado. — Sorriu ironicamente e afastou-se.

Duas horas mais tarde vi Bors a partir com Cerdic, descendo a colina onde a névoa se dissipava por entre as árvores de folhas vermelhas. Uma centena de homens acompanhava Cerdic, a maioria sofrendo as consequências da noite de festim, bem como os homens de Aelle que compunham a escolta dos seus convidados que partiam. Segui atrás de Aelle, cujo cavalo era puxado enquanto ele caminhava ao lado do rei Cerdic e de Lancelote. Imediatamente atrás deles caminhavam dois porta-estandartes, um transportando um bordão com a cabeça de touro de Aelle salpicada com sangue e o outro erguendo num mastro a cabeça de lobo de Cerdic pintada de vermelho e pendurada com a pele esfolada de um homem morto. Lancelote ignorou-me. Bem cedo pela manhã, quando inesperadamente nos encontrámos perto do palácio, ele apenas fingira não me ver e eu não reagi ao encontro inesperado. Os seus homens haviam assassinado a minha filha mais nova, e apesar de eu ter matado os assassinos, teria gostado de vingar ainda a alma de Dian no próprio Lancelote, mas o palácio de Aelle não era o local indicado para o fazer. Agora, de uma cumeada coberta de erva acima das margens lamacentas do Tamisa, eu observava Lancelote e os seus escassos guardas a caminharem na direção dos barcos de Cerdic que os aguardavam.

Só Amhar e Loholt se atreveram a desafiar-me. Os gémeos eram jovens soturnos que odiavam o pai e desprezavam a mãe. Aos seus próprios

olhos, eles eram príncipes, mas Artur, que menosprezava os títulos, recusou-se a conceder-lhes a honraria, facto que apenas aumentou a sua indignação. Eles acreditavam que haviam sido enganados em relação à posição real, às terras, à riqueza e à honra, e lutariam por quem tentasse derrotar Artur, a quem culpavam por todo o seu infortúnio. O coto do braço direito de Loholt estava revestido a prata, ao qual ele juntara um par de garras de urso. Foi Loholt quem se virou para mim.

— Encontrar-nos-emos no próximo ano — disse-me ele.

Eu sabia que ele ansiava por um combate, mas mantive a voz em tom moderado.

— Esperarei ansiosamente por esse encontro.

Ele levantou o coto revestido a prata, lembrando-me como eu segurara o seu braço enquanto o pai desferira o golpe com Excalibur.

— Deves-me uma mão, Derfel.

Eu não disse nada. Amhar fora colocar-se ao lado do irmão. Ambos tinham o rosto do pai, uns ossos largos e um queixo comprido. Os seus, porém, haviam endurecido, de modo que não mostravam nenhuma da força de Artur. Pelo contrário, eles pareciam matreiros, quase semelhantes a lobos.

— Não me ouviste? — perguntou Loholt.

— Dá-te por satisfeito — disse-lhe eu — por ainda teres uma mão. E quanto à minha dívida para contigo, Loholt, pagá-la-ei com Hywelbane.

Eles hesitaram, mas não tinham a certeza se os guardas de Cerdic os apoiariam caso desembainhassem as suas espadas, e, por fim, contentaram-se em cuspir-me antes de se virarem, e desceram com um andar empertigado para a praia lamacenta onde os dois barcos de Cerdic aguardavam.

Esta costa junto a Thunreslea era um local miserável, composto por uma parte de terra e outra de mar, onde o encontro do rio com o oceano dera origem a uma paisagem enevoada de taludes lamacentos, baixios e emaranhados de ancoradouros. Gaivotas piaram quando os lanceiros de Cerdic atravessaram a estreita zona da praia deixada a descoberto pela maré-baixa, se comprimiram na pequena enseada e se içaram para os tala-bardões de madeira dos seus longos barcos. Vi Lancelote a levantar a ponta da sua capa enquanto escolhia o seu delicado percurso através da lama malcheirosa. Loholt e Amhar seguiram-no e, ao chegarem ao seu barco, viraram-se e apontaram os dedos para mim, um gesto que significava lançar mau agoiro. Ignorei-os. As velas dos barcos já estavam içadas, mas o vento soprava fraco e os dois barcos de proas altas tiveram de ser manobrados para fora do exíguo ancoradouro vazante com longos remos manejados pelos lanceiros de Cerdic. E uma vez os barcos de proas ornamentadas com

o lobo virados para o vasto oceano, os guerreiros remadores iniciaram um cântico que imprimia ritmo às suas remadas.

— *Hwaet* pela tua mãe — cantavam eles — e *hwaet* pela tua garota, e *hwaet* pela tua amante que tu *hwaet* no chão. — E a cada «*hwaet*» eles gritavam mais alto e puxavam os seus longos remos e os dois barcos ganhavam velocidade até, por fim, o nevoeiro envolver as suas velas grosseiramente pintadas com cabeças de lobos. — E *hwaet* pela tua mãe — começou de novo o cântico, mas desta vez as vozes eram mais fracas por causa da bruma — e *hwaet* pela tua rapariga — e os cascos baixos tornaram-se indistintos no meio da neblina até, por fim, os barcos desaparecerem na atmosfera esbranquiçada — e *hwaet* pela tua amante, que tu *hwaet* no chão. — O som chegou como se viesse de nenhures, e depois desvaneceu-se com o chapinhar dos seus remos.

Dois dos homens de Aelle ajudaram o seu senhor a subir para cima do seu cavalo.

— Dormiste? — perguntou-me ele enquanto se acomodava na sela.

— Sim, meu Rei e Senhor.

— Eu tive melhores coisas para fazer — disse ele concisamente. — Agora segue-me. — Bateu vigorosamente com os calcanhares no cavalo e conduziu-o ao longo da costa onde as águas nas enseadas encrespavam e puxavam à medida que a maré baixava. Nessa manhã, em honra dos seus convidados que partiam, Aelle havia-se vestido como um rei guerreiro. O seu elmo de ferro estava decorado a ouro e encimado com um leque de penas pretas, e trazia ainda a sua couraça de cabedal e botas altas tingidas de preto, enquanto dos seus ombros pendia uma longa capa preta de pele de urso que enfezava o seu pequeno cavalo. Uma dúzia dos seus homens seguia-nos a cavalo, um deles levando o estandarte da cabeça de touro. Aelle, tal como eu, andava desajeitadamente a cavalo.

— Eu sabia que Artur te enviaria — disse ele, de repente e, como eu não respondesse, virou-se para mim. — Então encontraste a tua mãe?

— Sim, meu Rei e Senhor.

— Como está ela?

— Velha — disse eu com sinceridade. — Velha, gorda e doente.

Ele suspirou com estas notícias.

— Elas começam como jovens tão belas que conseguem partir os corações de um exército inteiro, e depois de terem dois filhos, todas parecem velhas, gordas e doentes. — Fez uma pausa, refletindo no que dissera. — Mas, de certo modo, pensei que isso nunca aconteceria a Erce. Ela era muito bonita — afirmou melancólico, depois fez um sorriso irónico — mas graças aos Deuses há um constante fornecimento de jovens, há? — Riu e depois olhou-me novamente de soslaio. — Quando me falaste pela primei-



ra vez no nome da tua mãe, percebi que eras meu filho. — Fez uma pausa. — O meu primogénito.

— O vosso primogénito bastardo — disse eu.

— E então? Sangue é sangue, Derfel.

— E eu sinto orgulho em ter o vosso, meu Rei e Senhor.

— E assim deve ser, rapaz, embora o partilhes com mais alguns. Não tenho sido egoísta com o meu sangue. — Soltou um riso abafado, depois virou o cavalo para um banco de lama e vergastou-o para que subisse a encosta escorregadia até ao local onde uma frota de barcos estava encalhada. — Olha para eles, Derfel! — disse o meu pai, obrigando o seu cavalo a seguir a passo e gesticulando para os barcos. — Olha para eles! Agora inúteis, mas quase todos vieram este verão e todos estavam cheios de pessoas até ao talabardão. — Deu de novo um toque no cavalo com os calcanhares e continuámos devagar, passando por aquela deplorável linha de barcos encalhados.

Devia haver oitenta ou noventa embarcações no banco de lama. Todas tinham extremidades duplas e eram navios elegantes, mas todos estavam agora apodrecidos. Os seus tabuados estavam verdes do lodo, o fundo dos seus porões inundados e as madeiras negras por causa do apodrecimento. Alguns dos barcos, que deviam ali estar havia mais de um ano, eram apenas esqueletos escuros.

— Sessenta pessoas em cada barco, Derfel — disse Aelle — pelo menos sessenta, e cada maré trouxe mais outras tantas. Agora, quando as tempestades assolam o mar alto, eles não vêm, mas estão a construir mais barcos e esses chegarão na primavera. E não apenas aqui, Derfel, mas ao longo de toda a costa! — Fez um gesto largo com o braço para abarcar toda a costa leste da Bretanha. — Barcos e barcos! Todos cheios com a nossa gente, todos querendo um lar, todos querendo um território. — Ele proferiu a última palavra com ira, depois afastou o seu cavalo de mim sem esperar por resposta alguma. — Anda! — gritou, e eu segui o seu cavalo pelo banco cheio de lama, subimos um talude com seixos e depois passámos por tufos de espinheiros, à medida que subíamos a colina onde se erguia o seu imponente palácio.

Aelle virou o seu cavalo numa saliência da colina onde esperou por mim, depois, assim que cheguei junto dele, apontou em silêncio para baixo para uma depressão oblonga de terra. Estava aí um exército. Eu não conseguia contá-los, tantos eram os homens que se juntavam nessa reentrância de terra, e esses homens, conforme eu sabia, eram apenas uma parte do exército de Aelle. De pé, os guerreiros saxões juntaram-se numa imensa multidão e ao verem o seu rei na linha do horizonte, irromperam num coro de aclamações ensurdecedor e começaram a bater com as hastes das suas

lanças nos escudos até todo o céu cinzento se encher com o seu barulho terrível. Aelle ergueu a mão direita, coberta de cicatrizes, e o barulho desvaneceu-se.

— Vês, Derfel? — perguntou-me ele.

— Vejo o que haveis escolhido mostrar-me, meu Rei e Senhor — respondi-lhe evasivo, sabendo exatamente que mensagem estava ele a transmitir-me com os barcos encalhados e a massa de homens armados.

— Agora estou forte — disse Aelle — e Artur está fraco. Pode ele ainda apresentar quinhentos homens? Duvido. Os lanceiros de Powys virão em seu auxílio, mas serão eles suficientes? Tenho dúvidas. Eu tenho mil lanceiros treinados, Derfel, e o dobro de homens famintos, que empunharão um machado para ganharem um metro de terra a que possam chamar seu. E Cerdic tem ainda mais homens, muitos mais, e ele precisa ainda mais desesperadamente de terras do que eu. Ambos precisamos de terras, Derfel, ambos precisamos de terras, e Artur tem-nas, e Artur está fraco.

— Gwent tem mil lanceiros — disse eu — e se vós invadirdes a Dumnónia, Gwent acorrerá em seu auxílio. — Eu não estava certo disso, mas não prejudicaria a causa de Artur se eu parecesse confiante. — Gwent, Dumnónia e Powys — disse eu — todos lutarão, e há ainda outros que virão em auxílio do estandarte de Artur. Os Escudos Negros lutarão por nós, e virão lanceiros de Gwynedd e Elmet, até mesmo de Rheged e de Lothian.

Aelle sorriu diante da minha gabarolice.

— A tua lição ainda não terminou, Derfel — disse ele — por isso vem. — E esporeou de novo o cavalo, continuando a subir a colina, mas agora virava para leste passando por uma mata. Desmontou junto ao bosque, gesticulou à sua escolta para que permanecesse onde estava, depois conduziu-me ao longo de um estreito caminho pantanoso até uma clareira onde se encontravam dois pequenos edifícios de madeira. Eram pouco maiores do que cabanas com telhados inclinados de colmo e paredes baixas feitas de troncos de árvores não aparadas.

— Vês? — disse ele, apontando para a empena da cabana mais próxima.

Cuspi para afastar o mal, porque ali, bem alto naquela empena, estava uma cruz de madeira. Aqui na pagã Lloegy, estava uma das últimas coisas que eu alguma vez esperara ver: uma igreja cristã. A segunda cabana, levemente mais baixa do que a igreja, era sem sombra de dúvida os aposentos do sacerdote, que acorreu à nossa chegada, arrastando-se para fora da porta baixa da sua choupana. Ele tinha tonsura, usava as vestes negras de um monge e uma barba castanha emaranhada. Reconheceu Aelle e fez-lhe uma longa vénia.

— Saudações de Cristo, meu Rei e Senhor! — disse o homem com uma má pronúncia saxónica.

— De onde és? — perguntei na língua inglesa.

Ele pareceu surpreendido por lhe falarem na sua língua nativa.

— De Gobannium, senhor — respondeu-me. A mulher do monge, uma criatura desgrenhada de olhar rancoroso, arrastou-se para fora da choupana ficando de pé ao lado do marido.

— O que fazes aqui? — perguntei-lhe.

— O Bom Jesus Cristo abriu os olhos do rei Aelle, senhor — disse ele — e convidou-nos a trazer as novas de Cristo ao seu povo. Estou aqui com o meu irmão, o sacerdote Gorfydd para pregar os Evangelhos aos Sais.

Olhei para Aelle que sorria dissimuladamente.

— Missionários de Gwent? — perguntei.

— Criaturas débeis, não são? — inquiriu Aelle, fazendo um gesto ao monge e à sua mulher para que voltassem para dentro da cabana. — Mas eles pensam que nos irão afastar da adoração de Thunor e Seaxnet e a mim satisfaz-me deixá-los pensar desse modo. Por enquanto.

— Porque — disse eu lentamente — o rei Meurig vos prometeu tréguas desde que deixásseis os seus sacerdotes virem pregar ao vosso povo?

Aelle riu.

— É um tolo, esse Meurig. Ele preocupa-se mais com as almas da minha gente do que com a segurança do seu território, e dois sacerdotes são um preço baixo a pagar por manter os mil lanceiros de Gwent parados enquanto nós tomamos Dumnónia. — Colocou um braço em volta dos meus ombros e conduziu-me em direção aos cavalos. — Vês, Derfel? Gwent não lutará, pelo menos enquanto o seu rei acreditar que há uma hipótese de espalhar a sua religião pelas minhas gentes.

— E está a religião a expandir-se? — perguntei.

Ele soprou.

— Entre alguns escravos e mulheres, mas poucos, e não se espalhará muito. Tratarei de o impedir. Eu vi o que essa religião fez à Dumnónia, e não o permitirei aqui. Os nossos antigos Deuses são suficientemente bons para nós, Derfel, então porque precisaríamos de novos? Essa é uma parte dos infortúnios dos Bretões. Eles perderam os seus Deuses.

— Merlim não — afirmei.

Isso fez com que Aelle hesitasse. Virou-se nas sombras das árvores e vi no seu rosto que estava preocupado. Ele sempre temera Merlim.

— Eu ouço histórias — disse ele sem convicção.

— Os Tesouros da Bretanha — afirmei.

— O que são? — perguntou-me.

— Coisas de pouca monta, meu Rei e Senhor — respondi-lhe sendo

bastante honesto. — Apenas uma coleção andrajosa de coisas velhas e desgarradas. Apenas duas têm de facto valor: uma espada e um caldeirão.

— Já os viste? — perguntou ele receoso.

— Sim.

— O que fazem eles?

Encolhi os ombros.

— Ninguém sabe. Artur acha que não farão nada, mas Merlim diz que comandam os Deuses e que se ele fizer a magia certa na altura certa, então os antigos Deuses da Bretanha acederão à sua ordem.

— E ele libertará esses Deuses sobre nós?

— Sim, meu Rei e Senhor — afirmei, e seria em breve, muito em breve, mas eu não o disse a meu pai.

Aelle franziu as sobrancelhas.

— Também nós temos Deuses — disse ele.

— Então evocai-os, meu Rei e Senhor. Deixai que os Deuses lutem entre si.

— Os Deuses não são tolos, rapaz — resmungou ele — porque haviam eles de lutar quando podem ser os homens a matar por eles? — Começou a caminhar de novo. — Agora estou velho — disse-me ele — e em todos os anos que já vivi, nunca vi os Deuses. Nós acreditamos neles, mas será que eles se importam connosco? — Lançou-me um olhar preocupado. — Acreditas nesses Tesouros?

— Acredito no poder de Merlim, meu Rei e Senhor.

— Mas caminham os Deuses pela terra? — Refletiu nisso durante algum tempo, depois abanou a cabeça. — E se os teus Deuses vierem, porque não viriam os nossos para nos proteger? Até tu, Derfel — falou com sarcasmo — acharias difícil lutar com o Martelo de Thunor. — Ele conduzira-me para fora do arvoredado e eu vi que as suas duas escoltas e os nossos cavalos haviam desaparecido. — Podemos caminhar — disse Aelle — e eu dir-te-ei tudo o que se passa na Dumnónia.

— Eu sei o que se passa na Dumnónia, meu Rei e Senhor.

— Então sabes, Derfel, que o seu rei é um tolo, e que o seu governante não quer ser rei, nem tão-pouco, o que quer que vocês lhe chamem, um *kaiser*?

— Um imperador — respondi.

— Um imperador — repetiu ele, troçando da palavra com a sua má pronúncia. Conduziu-me por um caminho junto ao bosque. Não havia mais ninguém à vista. À nossa esquerda o terreno desaparecia até às zonas planas e brumosas do estuário, enquanto a norte ficavam os bosques densos, húmidos e frios.

— Os vossos cristãos são rebeldes — resumiu Aelle o seu argumen-

to. — O vosso rei é um tolo coxo e os vossos comandantes recusam-se a roubar o trono ao tolo. Com o tempo, Derfel, e mais cedo do que tarde, outro homem irá querer esse trono. Lancelote quase o tomou, e um homem melhor do que Lancelote tentará fazê-lo muito em breve. — Fez uma pausa, franzindo as sobranceiras. — Por que razão Guinevere lhe abriu as pernas? — perguntou-me ele.

— Porque Artur não iria ser rei — respondi com tristeza.

— Então ele é um tolo. E no próximo ano será um tolo assassinado a menos que aceite uma proposta.

— Que proposta, meu Rei e Senhor? — perguntei, detendo-me por baixo de uma faixa fogueiramente vermelha.

Ele parou e colocou as suas mãos nos meus ombros.

— Diz a Artur que te entregue o trono, Derfel.

Olhei fixamente nos olhos do meu pai. Por instantes pensei que ele gracejava, depois vi que falava tão seriamente quanto um homem pode fazê-lo.

— Eu? — perguntei, surpreendido.

— Tu — disse Aelle — e jurares-me lealdade. De ti, exigirei terras, mas podes pedir a Artur que te entregue o trono e tu poderás governar a Dumnónia. O meu povo instalar-se-á nessa terra e amanhã-la-á, e tu governá-la-ás, mas como meu rei-vassalo. Tu e eu constituiremos uma federação. Pai e filho. Tu governas a Dumnónia e eu Aengeland.

— Aengeland? — perguntei, porque a palavra me era estranha.

Retirou as mãos dos meus ombros e fez um gesto largo para a paisagem.

— Aqui! Vocês chamam-nos Saxões, mas na verdade tu e eu somos Aengles. Cerdic é saxão, mas tu e eu somos Aenglish e o nosso país é a Aengeland. Isto é Aengeland! — Disse-o com orgulho, olhando para aquele topo húmido da colina.

— E em relação a Cerdic? — perguntei.

— Tu e eu mataremos Cerdic — respondeu com sinceridade, depois puxou-me pelo cotovelo e começou de novo a caminhar. Simplesmente desta vez conduziu-me por um caminho que seguia por entre as árvores onde porcos fossavam no meio das folhas que haviam caído há pouco, à procura dos frutos das faias. — Comunica a Artur a minha sugestão — disse Aelle. — Diz-lhe que pode ficar com o trono em vez de ti se for isso que quer, mas aquele de vós que o tomar, fá-lo-á em meu nome.

— Dir-lhe-ei, meu Rei e Senhor — afirmei, embora soubesse que Artur iria desdenhar a proposta. Julgo que também Aelle o sabia, mas a sua aversão por Cerdic levava-o a sugerir-la. Ele sabia que ainda que ele e Cerdic conquistassem todo o Sul da Bretanha, teria de haver outra batalha para

determinar qual deles seria o *Bretwalda*, o nome que lhe dão para Grande Rei. — Suponho, nesse caso — disse eu — que Artur e vós atacaríeis Cerdic juntos no próximo ano?

Aelle abanou a cabeça.

— Cerdic deu demasiado ouro aos meus comandantes. Eles não lutarão contra ele, pelo menos enquanto ele lhes oferecer a Dumnónia como recompensa. Mas se Artur te der Dumnónia, e tu ma entregares, nesse caso eles não precisarão do ouro de Cerdic. Diz isto a Artur.

— Dir-lhe-ei, meu Rei e Senhor — repeti, mas eu continuava certo de que Artur nunca concordaria com esta proposta, porque isso significaria quebrar o seu juramento a Uther, o juramento que prometia fazer de Mordred rei, e esse juramento estava na base de toda a vida de Artur. De facto, eu tinha tanta certeza que ele não quebraria esse juramento que, apesar das minhas afirmações a Aelle, tinha dúvidas que chegasse a mencionar esta proposta a Artur.

Então Aelle conduziu-me a uma vasta clareira onde vi que o meu cavalo me aguardava, e com ele uma escolta de lanceiros montados. No centro da clareira havia uma enorme pedra rugosa da altura de um homem, e apesar de ser pouco vistosa comparada com os blocos de arenito bem conservados dos antigos templos da Dumnónia, ou com as grandes pedras arredondadas e lisas onde aclamávamos os nossos reis, sem dúvida que esta era uma pedra sagrada, uma vez que se erguia sozinha no círculo de relva e nenhum dos guerreiros saxões se atrevia a aproximar-se dela, apesar de um dos seus objetos sagrados, um grande tronco de árvore com um rosto cruel gravado na sua casca, ter sido colocado no terreno contíguo. Aelle conduziu-me na direção do enorme rochedo, mas deteve-se a alguma distância dele e agarrou numa bolsa que pendia do cinturão da sua espada. Retirou do seu interior um pequeno saco de cabedal e abriu-o, despejando depois qualquer coisa na palma da sua mão. Estendeu-me o objeto e vi tratar-se de um minúsculo anel de ouro com uma pequena ágata lascada.

— Eu ia dar isto à tua mãe — disse-me ele — mas Uther capturou-a antes de eu ter oportunidade de lho dar, e desde essa altura que o guardo. Fica com ele.

Peguei no anel. Era uma coisa simples, feita no campo. Não era um trabalho romano, uma vez que as suas joias são requintadamente decoradas, nem era feita por saxões, porque eles gostam da sua joalharia pesada, mas talvez o anel tivesse sido feito por algum pobre bretão que se rendera a uma espada saxónica. A pedra verde quadrada nem sequer tinha sido colocada direita, contudo o minúsculo anel possuía uma formosura estranha e frágil.

— Nunca o dei à tua mãe — disse Aelle — e se ela está gorda, então

agora não consegue usá-lo. Por isso dá-o à tua princesa de Powys. Ouvi dizer que ela é uma boa esposa?

— É sim, meu Rei e Senhor.

— Dá-lho — ordenou-me Aelle — e diz-lhe que se os nossos países se defrontarem na guerra, eu pouparei a mulher que usar este anel, poupá-la-ei a ela e à sua família.

— Obrigado, meu Rei e Senhor — disse eu, e coloquei o pequeno anel na minha bolsa.

— Tenho uma última coisa para te dar — disse-me ele e colocou um braço em volta dos meus ombros, levando-me até junto da pedra. Sentia-me culpado por não lhe ter levado nenhuma oferenda; de facto, com medo de vir a Lloegyr, a ideia nem tão-pouco me ocorreu, mas Aelle deixou passar a minha falha. Deteve-se junto ao bloco de pedra arredondada. — Outrora esta pedra pertenceu aos Bretões — afirmou — e para eles ela era sagrada. Tem um buraco, vês? Chega-te para o lado, rapaz, olha.

Caminhei para o lado da pedra e vi que, de facto, existia um enorme buraco negro que se dirigia para o seu centro.

— Certa vez falei com um velho escravo britânico — confessou-me Aelle — e ele disse-me que se sussurrarmos para o interior do buraco, conseguimos falar com os mortos.

— Mas vós não acreditais nisso? — perguntei-lhe, tendo percebido ceticismo na sua voz.

— Nós acreditamos que podemos falar com Thunor, Woden e Seaxnet através deste buraco — disse Aelle — mas, e tu? Talvez consigas chegar aos mortos, Derfel. — Ele sorriu. — Havemos de nos encontrar de novo, rapaz.

— Assim o espero, meu Rei e Senhor — respondi-lhe, e depois lembrei-me da estranha profecia da minha mãe, de que Aelle seria morto pelo seu filho, e tentei afastá-la como fazendo parte dos delírios de uma mulher velha e louca; mas os Deuses escolhem muitas vezes essas mulheres para suas porta-vozes e de repente fiquei sem palavras.

Aelle abraçou-me, apertando o meu rosto contra a gola da sua grande capa de pelo.

— Tem a tua mãe ainda muito tempo de vida? — perguntou-me.

— Não, meu Rei e Senhor.

— Enterra-a — disse-me ele — com os pés para norte. É um costume da nossa gente. — Deu-me um último abraço. — Serás levado a casa em segurança — afirmou, depois recuou. — Para falar aos mortos — acrescentou bruscamente — tens de dar três voltas à pedra, depois ajoelhares-te diante do buraco. Dá um beijo às minhas netas por mim. — Sorriu, satisfeito por me ter surpreendido com a revelação de tão íntimo conhecimento da minha vida. Depois virou-se e afastou-se.

A escolta que me aguardava observou-me enquanto eu caminhava três vezes em volta da pedra, quando me ajoelhei e me inclinei para o buraco. De repente tive vontade de chorar e a minha voz embargou-se quando sussurrei o nome da minha filha.

— Dian? — murmurei para o centro da pedra. — Minha querida Dian? Espera por nós, minha querida, iremos ter contigo, Dian. — A minha filha morta, a minha adorada Dian, assassinada pelos homens de Lancelote. Disse-lhe que nós a amávamos, mandei-lhe o beijo de Aelle, depois inclinei a testa sobre a rocha fria e pensei naquele pequeno corpinho-sombra completamente sozinho no Outro Mundo. Merlin, era verdade, havia-me dito que as crianças brincam felizes por baixo das macieiras de Annwn nesse mundo de morte, mas eu ainda chorava quando, de repente, imaginei que ouvira a sua voz. Teria ela olhado para cima? Estaria ela, como eu, a chorar?

Pus-me de novo a caminho. Demorei três dias a chegar a Dun Caric e dei o pequeno anel de ouro a Ceinwyn. Ela sempre gostara de coisas simples e o anel ficava-lhe muito melhor do que algumas joias romanas trabalhadas. Ela colocou-o no dedo mindinho da mão direita, o único dedo onde cabia.

— Embora duvide que me venha a salvar a vida — disse ela, lugubrememente.

— Porque não? — perguntei.

Ela sorriu, admirando o anel.

— Que saxão fará uma pausa para procurar o anel? Primeiro violar e depois pilhar, não é esse o lema do lanceiro?

— Tu não estarás aqui quando os saxões chegarem — disse eu. — Tens de voltar para Powys.

Ela abanou a cabeça.

— Ficarei. Não posso estar sempre a fugir para o meu irmão quando surgem os problemas.

Deixei-a sustentar aquele argumento até chegar a altura certa e enviei mensageiros a Durnovária e Caer Cadarn para dar conhecimento a Artur do meu regresso. Quatro dias depois ele veio a Dun Caric, onde lhe comuniquei a recusa de Aelle. Artur encolheu os ombros como se não esperasse outra coisa.

— Valeu a pena tentar — disse ele em tom de despedida. Não lhe falei na proposta que Aelle me tinha feito, porque com o seu espírito irascível, provavelmente pensaria que eu estava tentado a aceitar e podia nunca mais voltar a confiar em mim. Também não lhe disse que Lancelote estivera em Thunreslea, porque eu sabia como ele odiava até mesmo a simples menção daquele nome. Todavia, falei-lhe dos sacerdotes vindos de Gwent e essa notícia fê-lo carregar o sobrolho.



— Suponho que tenho de visitar Meurig — disse ele, com tristeza, fitando o Tor. Depois, virou-se para mim. — Sabias — perguntou-me, acusadoramente — que Excalibur é um dos Tesouros da Bretanha?

— Sim, meu senhor — admiti. Merlim dissera-mo há muito, mas havia-me feito jurar segredo com medo que Artur pudesse destruir a espada para demonstrar que não era supersticioso.

— Merlim pediu-me que a devolvesse — disse Artur. Ele sempre soubera que esse pedido seria feito, justamente desde o dia em que Merlim entregara ao jovem Artur a espada mágica.

— Entregar-lha-eis? — perguntei ansioso.

Ele fez um careta.

— Se eu não o fizer, Derfel, será que isso impedirá a tolice de Merlim?

— Se for de facto uma tolice, senhor — afirmei, e lembrei-me daquela rapariga nua e reluzente, e afirmei para mim próprio que ela era uma mensageira de coisas prodigiosas.

Artur desapertou o cinto da sua bainha em forma de cruz.

— Leva-lha tu, Derfel — disse ele com ressentimento — leva-lha tu. — Empurrou a preciosa espada para as minhas mãos. — Mas diz a Merlim que eu a quero novamente.

— Direi, senhor — prometi. Porque se os Deuses não vierem na Véspera do Samain, Excalibur terá de ser desembainhada e usada contra o exército de todos os Saxões.

Todavia, naquele momento, a Véspera do Samain estava já próxima e, nessa mesma noite dos mortos, os Deuses seriam evocados.

E, no dia seguinte, levei Excalibur para sul para que o conseguíssemos.

**M**ai Dun é uma enorme colina situada a sul de Durnovária e em determinada época terá sido a maior fortaleza de toda a Bretanha. Tem um cume amplo, suave e arredondado que se estende para leste e oeste e em torno do qual os antigos construíram três enormes muros com taludes de turfa. Ninguém sabe quando foram construídos, nem mesmo como, e alguns acreditam que os próprios Deuses escavaram os taludes, porque aquele muro triplo parece demasiado alto, e os seus fossos demasiado profundos, para serem meros trabalhos feitos pela mão do homem, embora nem a altura dos muros nem a profundidade dos fossos evitassem que os romanos assaltassem a fortaleza e matassem os seus guardas. Mai Dun havia permanecido vazia desde esse dia, à exceção de um pequeno templo de pedra dedicado a Mitras que os vitoriosos romanos construíram no extremo leste da zona plana do cume. No verão, a velha fortaleza é um lugar bonito, onde as ovelhas apascentam junto aos muros íngremes e as borboletas tremuleiam por cima da relva, do timo selvagem e das orquídeas. No fim do outono, porém, quando as noites caem cedo e as chuvas se precipitam de oeste por toda a Dumnónia, o cume consegue ser um ponto elevado muito frio onde o vento é cortante.

O caminho principal para o cume, semelhante a um labirinto, conduz ao portão oeste e quando levei Excalibur a Merlim, o chão estava escorregadio por causa da lama. Uma horda de gente simples caminhava pensativamente comigo. Alguns carregavam enormes molhos de lenha às costas, outros acartavam odres com água para beber, enquanto alguns outros acicatavam os bois que arrastavam enormes troncos de árvores ou puxavam trenós empilhados com ramos. Os flancos dos bois escorriam sangue e eles debatiam-se para que as suas cargas subissem o caminho íngreme e tortuoso de onde, bem acima de mim no talude de relva mais distante, pude ver lanceiros a montarem guarda. A presença de tais lanceiros confirmou o que me fora dito em Durnovária, que Merlim encerrara o acesso a Mai Dun a todas as pessoas exceto aos que vinham para trabalhar.

Dois lanceiros guardavam o portão. Eram ambos guerreiros irlandeses Escudos Negros, alugados a Oengus mac Airem, e eu questioneimei-me sobre quanto da fortuna de Merlim estava a ser gasta a preparar este desolador forte de erva para a vinda dos Deuses. Os homens perceberam que

eu não era um dos que trabalhavam em Mai Dun e desceram a encosta ao meu encontro.

— Tendes algo a tratar aqui, senhor? — perguntou-me um deles, respeitosamente. Eu não colocara a minha armadura, mas levava Hywelbane e a sua bainha era suficiente para mostrar que eu era um homem de posição.

— Venho tratar de um assunto com Merlim — respondi.

O Escudo Negro não se afastou para o lado.

— Muita gente vem aqui, senhor — disse ele — e diz ter assuntos a tratar com Merlim. Mas terá Merlim assuntos a tratar com eles?

— Diz-lhe — ordenei — que Lorde Derfel lhe trouxe o último Tesouro. — Tentei imbuir as palavras com o devido sentido de formalidade, mas não pareceram impressionar os Escudos Negros. O mais novo afastou-se subindo com a mensagem, enquanto o mais velho conversou comigo. Tal como a maioria dos lanceiros de Oengus, ele parecia um simpático trapaceiro. Os Escudos Negros vieram da Demétia, um reino que Oengus formara na costa oeste bretã, mas apesar de serem invasores, os lanceiros irlandeses de Oengus não eram odiados como os Saxões. Os Irlandeses lutavam contra nós, roubavam-nos, faziam de nós escravos e tiravam-nos as nossas terras, mas falavam uma linguagem próxima da nossa, os seus Deuses eram os nossos Deuses e, quando não lutavam contra nós, misturavam-se com bastante facilidade com os bretões nativos. Alguns, como o próprio Oengus, agora pareciam mais britânicos do que irlandeses, porque a sua Irlanda natal, que sempre se orgulhava de nunca ter sido invadida pelos Romanos, havia nessa altura sucumbido à religião que os Romanos haviam trazido. Os Irlandeses tinham adotado o Cristianismo, apesar de os Senhores de Além Mar, aqueles reis irlandeses como Oengus que se haviam apoderado de terras na Bretanha, ainda se manterem fiéis aos seus antigos Deuses. *Na próxima primavera, pensei, a menos que os ritos de Merlim tragam esses Deuses para nos auxiliar, estes lanceiros Escudos Negros lutarão, sem dúvida, pela Bretanha contra os Saxões.*

Foi o jovem príncipe Gawain quem surgiu no cume para me receber. Desceu pelo caminho com grandes passadas, coberto pela sua armadura de lâminas metálicas brancas como a cal, embora o seu esplendor se tivesse desvanecido quando os pés lhe escorregaram no caminho lamacento e ele caiu sentado poucos metros mais adiante.

— Lorde Derfel! — gritou ele enquanto se erguia amparando-se com as mãos. — Lorde Derfel! Vinde, vinde! Bem-vindo! — Fez um sorriso radiante quando me aproximei. — Não é emocionante? — perguntou.

— Ainda não sei, meu Príncipe e Senhor.

— Um triunfo! — disse ele com entusiasmo, pisando cuidadosamente

em volta do pedaço lamacento que provocara a sua queda. — Um belíssimo trabalho! Rezemos para que não seja em vão.

— Toda a Bretanha reza para que assim seja — disse eu — exceto talvez os Cristãos.

— Dentro de três dias, Lorde Derfel — assegurou-me — já não haverá cristãos na Bretanha, porque todos terão visto os verdadeiros Deuses diante de si. Desde que — acrescentou ansiosamente — não chova. — Olhou para cima, para as nuvens carregadas e, de repente, pareceu prestes a chorar.

— Chuva? — perguntei.

— Ou talvez sejam as nuvens que impedem a vinda dos Deuses. Chuva ou nuvens, não tenho a certeza, e Merlim está impaciente. Ele não diz, mas eu penso que a chuva é o pior, ou talvez sejam as nuvens. — Fez uma pausa continuando cabisbaixo. — Talvez ambas. Perguntei a Nimue, mas ela não gosta de mim — ele pareceu-me muito infeliz — por isso não tenho a certeza, mas continuo a suplicar aos Deuses para que limpem os céus. E, recentemente, tem estado nublado, muito nublado, e desconfio que os Cristãos estão a pedir para que chova. Trouxestes mesmo Excalibur?

Desatei o pano que cobria a espada embainhada e empunhei o copo na sua direção. Por um instante não se atreveu a tocar-lhe, depois cautelosamente retirou Excalibur da bainha. Olhou fixa e reverentemente para a lâmina, depois tocou com um dedo nos embutidos em espiral e nos dragões cravados que decoravam o aço.

— Feita no Outro Mundo — disse ele, numa voz cheia de admiração — pelo próprio Gofannon!

— É mais provável que tenha sido forjada na Irlanda — disse eu pouco indulgente, porque havia algo na juventude e credulidade de Gawain que me levava a destruir a sua inocência devota.

— Não, Lorde — assegurou-me ele com seriedade — foi feita no Outro Mundo. — Entregou-me de novo Excalibur. — Vinde, Lorde — disse ele, tentando apressar-me, mas voltou a escorregar na lama, equilibrando-se com dificuldade. A sua armadura branca, tão impressionante à distância, era andrajosa. As suas lâminas metálicas estavam salpicadas de lama e esbatidas, mas ele possuía uma indubitável autoconfiança que impedia que parecesse ridículo. O seu longo cabelo dourado estava preso com um tecido axadrezado que lhe pendia até ao fundo das costas. Quando transpusemos a passagem da entrada que serpenteava por entre os grandes taludes de relva, perguntei a Gawain como conhecera Merlim. — Oh, desde sempre que conheço Merlim! — respondeu-me satisfeito o príncipe. — Ele frequentava a corte de meu pai, embora não muito ultimamente, mas quando eu era apenas um garoto, ele estava sempre lá. Era o meu professor.

— O vosso professor? — Pareci surpreendido e estava-o realmente, mas Merlim sempre fora reservado e nunca me havia falado de Gawain.

— Não na escrita — disse Gawain — isso ensinaram-mo as mulheres. Não, Merlim ensinou-me a conhecer o meu destino. — Sorriu envergonhado. — Ensinou-me a ser puro.

— A ser puro! — Lancei-lhe um olhar curioso. — Sem mulheres?

— Nenhuma, senhor — admitiu, inocentemente. — Merlim insiste. Pelo menos já não, apesar de antes, claro. — A sua voz esmoreceu e ele, de facto, corou.

— Não admira — afirmei — que rezes a pedir céus limpos.

— Não, senhor, não! — protestou Gawain. — Eu rezo a pedir céus limpos para que os Deuses venham! E quando isso acontecer, eles trarão Olwen, a Prateada consigo. — Voltou a corar.

— Olwen, a Prateada?

— Tende-la visto, senhor, em Lindinis. — O seu lindo rosto tornou-se quase etéreo. — Caminha com mais suavidade do que uma brisa de vento, a sua pele brilha no escuro e nascem flores nas suas pegadas.

— E ela está-vos destinada? — perguntei, reprimindo uma maldosa pontinha de inveja pela ideia de esse espírito ágil e brilhante ser dado ao jovem Gawain.

— Casar-me-ei com ela quando a minha tarefa estiver terminada — disse ele com um ar sério — apesar de agora o meu dever ser guardar os Tesouros. Mas dentro de três dias darei as boas-vindas aos Deuses e levá-los-ei ao encontro do inimigo. Deverei ser eu o libertador da Bretanha. — Esta jactância ultrajante com toda a calma, como se fosse uma tarefa vulgar. Fiquei calado, seguindo-o apenas e passando pelo fundo fosso que se encontra entre o centro de Mai Dun e os muros interiores e reparei que o seu valado estava cheio de pequenos abrigos temporários feitos com ramos e colmo. — Dentro de dois dias — Gawain viu para onde eu olhava — desmancharemos estes abrigos e atirá-los-emos para as fogueiras.

— Fogueiras?

— Ireis ver, senhor, ireis ver.

Embora no início, quando cheguei ao cume, não tivesse conseguido perceber o que via. O pico de Mai Dun é um espaço alongado e coberto de relva onde se pode abrigar uma tribo inteira com todos os seus haveres em tempo de guerra, mas agora a extremidade oeste da colina estava vedada e gradeada com um complexo arranjo de sebes secas.

— Ali! — disse Gawain orgulhoso, apontando para as sebes como se tivessem sido feitas apenas por ele.

As pessoas que carregavam a lenha eram dirigidas para uma das sebes mais próximas, para onde atiravam os seus molhos e se apressavam a apa-

nhar ainda mais lenha. Então vi que as sebes eram, na verdade, enormes vigas de madeira a serem preparadas para arder. As pilhas eram maiores do que um homem, e pareceu-me haver quilómetros delas, mas só quando Gawain me levou para cima da muralha mais interior, é que vi o desenho que as sebes formavam.

Enchiam toda a parte oeste do planalto e no seu centro estavam cinco pilhas de lenha, que formavam um círculo no meio de um espaço vazio com cerca de sessenta ou setenta passos de largura. Esse vasto espaço estava rodeado por uma sebe em espiral, que serpenteava em três voltas inteiras, de modo que toda aquela espiral, incluindo o centro, tinha mais de cento e cinquenta passos de comprimento. Fora da espiral havia um círculo de relva vazio bordejado por um anel de seis espirais duplas, cada uma desenrolando-se de um espaço circular e enrolando-se de novo para se juntar a outra, de modo que ficavam doze espaços com fogueiras em círculo no intrincado anel exterior. As espirais duplas tocavam uma na outra de modo a formarem uma muralha de fogueiras a toda a volta do compacto desenho.

— Doze círculos mais pequenos — perguntei a Gawain — para os Treze Tesouros?

— O Caldeirão, senhor, estará no centro — respondeu ele com medo na voz.

Era um trabalho gigantesco. As sebes eram altas, bem acima da altura de um homem, e estavam todas cheias com combustível; de facto, no topo daquela colina devia haver já lenha suficiente para manter as fogueiras de Durnovária a arder durante nove ou dez invernos. As espirais duplas no extremo oeste da fortaleza estavam ainda a ser completadas, e eu conseguia ver os homens a descarregarem energicamente a madeira para que as fogueiras não se consumissem rapidamente, mas ardessem durante muito tempo e intensamente. Havia troncos inteiros de árvores a aguardar as chamas no interior dos madeiros dos taludes. *Deveria ser um fogo, pensei, para assinalar o fim do mundo.*

E, de certo modo, supunha eu, era exatamente isso que as fogueiras pretendiam assinalar. Seria o fim do mundo como nós o conhecíamos, porque se Merlim tivesse razão, então os Deuses da Bretanha viriam até este lugar alto. Seriam menos os Deuses que iriam para os círculos mais pequenos do anel exterior enquanto Bel descesse para o centro fogueiro de Mai Dun onde o seu Caldeirão aguardava. O Grande Bel, Deus dos Deuses, o Senhor da Bretanha, viria numa enorme corrente de ar com as estrelas a luzirem na sua esteira, semelhantes a folhas outonais lançadas por um vento tempestuoso. E aí, onde as cinco fogueiras individuais marcavam o centro dos círculos de chama de Merlim, Bel pisaria de novo em Ynys Prydain, a Ilha da Bretanha. De repente senti a pele fria. Até esse momento eu não com-

preendera exatamente a magnificência do sonho de Merlim, e agora quase me soterrava. Dentro de três dias, apenas três dias, os Deuses estariam ali.

— Temos mais de quatrocentas pessoas a trabalhar nas fogueiras — disse-me Gawain com seriedade.

— Acredito que sim.

— E marcámos as espirais — continuou ele — com corda de fadas.

— Com quê?

— Uma corda, senhor, tecida a partir do cabelo de uma virgem e apenas com um fio de largura. Nimue ficou no centro e eu marquei o perímetro com passos e Merlim, o meu senhor, assinalou os meus passos com pedras de gnomos. As espirais tinham de ficar perfeitas. Levou uma semana a fazê-las, porque a corda partia-se constantemente e sempre que isso acontecia, tínhamos de começar de novo.

— Afinal, talvez não fosse uma corda de fadas, meu Príncipe? — agradei com ele.

— Ah, era, senhor — assegurou-me Gawain. — Foi tecida do meu próprio cabelo.

— E na Véspera do Samain — perguntei-lhe — acendereis as fogueiras e esperareis?

— Três horas passadas sobre outras três, senhor, as fogueiras terão de arder, e à sexta hora iniciamos a cerimónia. — E depois, em qualquer altura essa noite deverá tornar-se dia claro, o céu encher-se-á de fogo e o ar com fumo será varrido num redemoinho pelo bater das asas dos Deuses.

Gawain havia-me conduzido ao longo do muro norte do forte, mas agora gesticulava para baixo, indicando o sítio onde se erguia o pequeno Templo de Mitras, mesmo a leste dos círculos de lenha.

— Podeis esperar aqui, senhor — disse ele — enquanto vou buscar Merlim.

— Ele está longe? — perguntei, pensando que Merlim estivesse num dos abrigos temporários virados para a extremidade leste do planalto.

— Não tenho a certeza onde está — confessou Gawain — mas sei que foi buscar *Anbarr* e julgo saber onde possa estar.

— *Anbarr*? — perguntei. Eu apenas conhecia *Anbarr* das histórias em que ele era um cavalo mágico, um garanhão indomável afamado por galopar tão velozmente na água como em terra.

— Montarei *Anbarr* ao lado dos Deuses — disse Gawain, orgulhoso — e empunharei o meu estandarte contra o inimigo. — Apontou para o templo onde uma enorme bandeira se inclinava sem cerimónia sobre o baixo telhado. — O estandarte da Bretanha — acrescentou Gawain, e conduziu-me ao templo onde desfraldou o estandarte. Era um vasto quadrado de tecido branco decorado com o desafiador dragão vermelho da Dum-

nónia. Toda a fera era garras, cauda e fogo. — É, sem dúvida, o estandarte da Dumnónia — confessou Gawain — mas não creio que os outros reis britânicos se importem, não achais?

— Não, se levardes os Sais para o mar — disse eu.

— Essa é a minha tarefa, senhor — disse Gawain com grande solenidade. — Com a ajuda dos Deuses, claro, e disto. — Tocou em Excalibur que estava ainda debaixo do meu braço.

— Excalibur! — Pareci surpreendido, uma vez que não conseguia imaginar homem nenhum sem ser Artur a empunhar a espada mágica.

— Que mais? — perguntou-me Gawain. — Devo empunhar Excalibur, montar *Anbarr* e expulsar o inimigo da Bretanha. — Sorrii satisfeito, depois indicou um gesto para um banco que se encontrava junto à porta do templo. — Se esperardes, senhor, irei à procura de Merlim.

O templo era guardado por seis lanceiros Escudos Negros, mas uma vez que eu tinha ido até ali na companhia de Gawain, eles nem tentaram deter-me quando me curvei para passar sob o baixo lintel da entrada. Não explorei o pequeno edifício por mera curiosidade, mas porque, naquela época, Mitras era o meu principal Deus. Ele era o Deus dos soldados, o Deus secreto. Haviam sido os Romanos quem introduzira o seu culto na Bretanha e, apesar de já há muito terem partido, Mitras era ainda um dos Deuses favoritos da maioria dos guerreiros. Este templo era minúsculo, apenas com duas pequenas salas sem janelas imitando a gruta onde Mitras nascera. A sala exterior estava cheia de caixas de madeira e cestos de vime que, suspeitei, continham os Tesouros da Bretanha, embora não tivesse levantado nenhuma das tampas para me certificar. Em vez disso, baixei-me para passar pela porta interior que dava acesso ao escuro santuário e nele encontrei, tremeluzindo, o grande Caldeirão de ouro e prata de Clyddno Eiddyn. Para além do Caldeirão, e apenas vislumbrando-se à escassa luz acinzentada que penetrava pelas duas portas baixas, encontrava-se também o altar de Mitras. Merlim ou Nimue, ambos ridicularizavam Mitras, havia colocado um crânio de texugo no altar para desviar a atenção dos Deuses. Afastei o crânio com uma palmada, e ajoelhei-me ao lado do Caldeirão, rezando. Pedi a Mitras que ajudasse os nossos outros Deuses e rezei também para que ele viesse a Mai Dun e emprestasse o seu terror para matar os nossos inimigos. Toquei com o copo de Excalibur na sua pedra e questionei-me sobre a última vez que um touro ali fora sacrificado. Imaginei os soldados romanos forçando o touro a ajoelhar-se, depois empurrando-lhe as ancas e puxando os chifres para o fazer passar pelas portas baixas até, uma vez no santuário interior, se levantar e mugir com medo, cheirando-lhe apenas a inúmeros lanceiros na escuridão. E aí, na escuridão aterradora, ele seria estropiado pelo corte dos tendões da parte de trás dos joelhos. Mugiria de



novo, cairia, mas ainda assim agitaria violentamente os seus enormes chifres para os idólatras, mas eles vencê-lo-iam e escoariam o seu sangue, e o touro morreria devagar, e o templo encher-se-ia com o cheiro pestilento dos seus excrementos e do seu sangue. Depois, os idólatras beberiam o sangue do touro em homenagem a Mitras, tal como ele nos ordenara. Os Cristãos, haviam-me dito, tinham uma cerimónia semelhante, mas eles afirmavam que não matavam nada durante os seus ritos, apesar de poucos pagãos acreditarem nisso, já que a morte é o emolumento que devemos aos Deuses como agradecimento pela vida que eles nos dão.

Permaneci de joelhos na escuridão, como um guerreiro de Mitras que vai a um dos seus templos esquecidos, e enquanto rezava, senti o mesmo cheiro a mar que me recordou o cheiro a algas marinhas e o intenso odor a sal que invadira as nossas narinas quando Olwen, a Prateada, caminhara imponente, tão esguia, delicada e bela para a arcada de Lindinis. Por um instante pensei que fosse da presença de um qualquer Deus, ou talvez que Olwen, a Prateada, tivesse, ela própria, vindo a Mai Dun, mas nada se moveu; não ocorreu nenhuma visão, nenhuma pele nua reluziu, apenas continuei a sentir o leve odor a sal do mar e o suave sussurro do vento no exterior do templo.

Voltei-me e passei pela porta interior e aí, na sala exterior, o cheiro a mar tornou-se mais forte. Abri as tampas das caixas com um puxão e levantei as coberturas de serapilheira dos cestos de vime. Pensei ter aí encontrado o motivo do cheiro a mar, mas descobri que dois dos cestos estavam cheios de sal que empedernira ao ar húmido do outono. Contudo, o cheiro a mar não provinha do sal, mas de um terceiro cesto que estava cheio de algas molhadas. Toquei nelas e lambi o dedo ficando com um gosto a água salgada na boca. Um enorme cântaro de barro estava junto do cesto, tapado, e, ao levantar a tampa, descobri que o pote estava cheio de água do mar, provavelmente para manter as algas húmidas. Remexi dentro do cesto das algas e encontrei, logo abaixo da superfície, uma camada de crustáceos. O peixe tinha longas, finas e elegantes conchas dos dois lados, que fazia lembrar mexilhão, embora estes fossem um pouco maiores do que os mexilhões e as suas conchas fossem de um branco-acinzentado em vez de serem pretas. Tirei um, cheirei-o e pensei que fosse apenas alguma iguaria que Merlim gostasse de comer. O crustáceo, talvez ressentindo-se do meu toque, abriu as suas conchas e espichou um esguicho de líquido para a minha mão. Voltei a colocá-lo no cesto e tapei a camada de crustáceos vivos com as algas.

Assim que me virei para a porta exterior, planeando aguardar do lado de fora, olhei para a minha mão. Fiquei a fitá-la durante alguns instantes, julgando que os meus olhos me enganavam, mas com a ténue luz que entrava pela porta exterior, não consegui ter a certeza, por isso recuei para a

porta interior para junto do grande Caldeirão ao lado do altar e aí, na parte mais escura do Templo de Mítras, mantive a mão direita diante do rosto.

E vi que brilhava.

Fitei-a. Não conseguia acreditar no que via, mas a minha mão brilhava. Não era luminosa, não uma luz interior, mas vi laivos de um indubitável brilho na palma da minha mão. Passei um dedo pela mancha húmida deixada pelo crustáceo, e esse gesto deixou um rasto escuro na superfície reluzente. Então, afinal, Olwen, a Prateada, não era nenhuma ninfa, nenhum mensageiro dos Deuses, apenas uma rapariga humana besuntada com o líquido dos crustáceos. A magia não provinha dos Deuses mas de Merlim, e todas as minhas esperanças pareceram desvanecer-se naquela sala escura.

Limpei a mão à minha capa e saí para a luz do dia. Sentei-me no banco junto à porta do templo e olhei fixamente para o talude interior onde um grupo de crianças davam trambolhões e escorregavam, brincando alegre e ruidosamente. Voltava a sentir a angústia que me assaltara durante a minha viagem a Lloegy. Queria desesperadamente acreditar nos Deuses, contudo estava cheio de dúvidas. Que importava isso, disse a mim mesmo, que a rapariga fosse humana, e que a sua luminosidade inumana e difusa fosse um truque de Merlim? Isso não negava os Tesouros, mas sempre que eu pensasse nos Tesouros, e sempre que fosse tentado a duvidar da sua eficácia, tinha de me tranquilizar com a lembrança daquela rapariga nua reluzente. E agora, conforme parecia, afinal ela não era nenhum mensageiro dos Deuses, mas apenas uma das ilusões de Merlim.

— Senhor? — A voz de uma rapariga interrompeu-me os pensamentos. — Senhor? — perguntou-me novamente, e eu levantei os olhos e vi uma senhorinha roliça e de cabelo escuro a sorrir nervosamente para mim. Trazia um vestido simples e uma capa, tinha uma fita em volta dos seus pequenos caracóis escuros e segurava a mão de um rapazinho ruivo. — Não vos lembrais de mim, senhor? — perguntou-me, tristonha.

— Cywwyllog — respondi, lembrando-me do seu nome. Ela fora uma das nossas servas em Lindinis, onde fora seduzida por Mordred. Levantei-me. — Como estás? — perguntei-lhe.

— Bem, tanto quanto posso estar, senhor — respondeu, agradada por me recordar dela. — E este é o pequeno Mardoc. Parecido com o pai, não é? — Olhei para o rapaz. Tinha, talvez, seis ou sete anos e um rosto robusto e redondo, e o seu cabelo espigado e hirto era justamente igual ao do seu pai, Mordred. — Mas em feitio, não sai ao pai — disse Cywwyllog. — É um bom rapazinho, uma joia, senhor. Nunca deu um instante de preocupações, pois não, meu querido? — Ela inclinou-se e deu um beijo a Mardoc. O rapaz ficou embaraçado com a demonstração de afeto, mas ainda assim fez

um sorriso rasgado. — Como está a Senhora Ceinwyn? — perguntou-me Cywwylllog.

— Muito bem. Muito lhe agradecerá saber que nos encontramos.

— Ela sempre foi boa para mim — afirmou Cywwylllog. — Eu teria ido para a vossa nova casa, senhor, mas conheci um homem. Agora sou casada.

— Quem é ele?

— Idfael ap Meric, senhor. Agora está ao serviço do Lorde Lanval.

Lanval comandava a guarda que mantinha Mordred na sua prisão dourada.

— Pensámos que tinhas deixado a nossa casa — confessei a Cywwylllog — por Mordred te ter dado dinheiro.

— Ele? Dar-me dinheiro! — Cywwylllog riu. — Viverei para ver as estrelas caírem antes que isso aconteça, senhor. Nessa altura eu era uma tola — confessou-me Cywwylllog, alegremente. — Claro que não sabia o tipo de homem que Mordred era, e ele também não era um verdadeiro homem, não nessa altura, e creio que fiquei com a cabeça à roda por ele ser rei, mas não fui a primeira rapariga, pois não? E atrevo-me a dizer que não serei a última. Mas tudo se resolveu pelo melhor. O meu Idfael é um homem bom, e não se importa que o pequeno Mardoc seja um cuco no seu ninho. É o que tu és, meu querido — disse ela — um cuco! — E inclinou-se para abraçar Mardoc, que se contorceu nos seus braços e largou em grandes gargalhadas quando ela lhe fez cócegas.

— O que fazes aqui? — perguntei-lhe.

— O Senhor Merlim mandou-nos chamar — disse Cywwylllog orgulhosa. — Ele gosta do pequeno Mardoc, lá isso gosta. Estraga-o com mimos! Está sempre a dar-lhe comida, lá isso está, e tu vais ficar gordo, vais sim, ficarás gordo como um porco! — E fez de novo cócegas no rapaz, que riu, tentou libertar-se, e por fim conseguiu. Não correu para longe, ficando apenas a alguns metros de distância, onde me observou com o dedo polegar na boca.

— Merlim mandou-te chamar? — perguntei-lhe.

— Precisava de uma cozinheira, senhor, foi o que ele disse, e atrevo-me a dizer que sou tão boa cozinheira como qualquer outra, e com o dinheiro que ele ofereceu, bem, Idfael disse que eu tinha de vir. Não que o Senhor Merlim coma muito. Ele gosta do seu queijo, não é, mas para isso não precisa de nenhuma cozinheira, pois não?

— Ele come crustáceos?

— Ele gosta das suas amêijoas, mas não come muitas. Não, o que ele mais come é queijo. Queijo e ovos. Ele não é como vós, senhor, lembro-me que apreciáveis muito a carne.

— E ainda aprecio — afirmei.

— Foram bons tempos — disse Cywwylllog. — Aqui o pequeno Mardoc tem a mesma idade da vossa Dian. Pensei muitas vezes que eles fariam um bom par. Como está ela?

— Ela morreu, Cywwylllog — disse-lhe eu.

O seu rosto esmoreceu.

— Oh, não, senhor, dizei que não é verdade!

— Ela foi morta pelos homens de Lancelote.

Ela cuspiu para a relva.

— Malvados, todos eles. Lamento muito, senhor.

— Mas ela é feliz no Outro Mundo — garanti-lhe — e um dia todos lhe faremos companhia.

— Fareis, senhor, fareis. Mas e as outras?

— Morwenna e Seren estão bem.

— Ainda bem, senhor. — Sorriu. — Ficais aqui para as Evocações?

— As Evocações? — Era a primeira vez que eu ouvia chamar-lhe aquilo. — Não — disse eu — não fui convidado. Pensei em ver de Durnovária.

— Será uma coisa digna de se ver — disse ela; depois sorriu e agradeceu-me por ter falado com ela, e a seguir fingiu apanhar Mardoc que fugia dela, dando gargalhadas de excitação. Sentei-me, satisfeito por a ter encontrado de novo, e depois questionei-me sobre os planos de Merlin. Porque teria ele querido encontrar Cywwylllog? E porquê contratar uma cozinheira, quando ele jamais havia empregado alguém para lhe preparar as refeições?

Uma agitação repentina para lá dos taludes interrompeu-me os pensamentos e dispersou as crianças que brincavam. Levantei-me no preciso instante em que dois homens surgiram puxando uma corda. Gawain apareceu apressado uns segundos depois, e então, no fim da corda, vi um enorme e violento garanhão preto. O cavalo tentava libertar-se e por pouco não arrastou os dois homens de encontro ao muro, mas eles agarraram subitamente no cabresto e empurravam o aterrorizado animal para diante quando, de repente, o cavalo se libertou e arrastou os homens atrás de si. Gawain gritou-lhes para que tivessem cuidado, depois entre escorregadelas e passos em corrida foi atrás do enorme animal. Merlin, aparentemente indiferente ao pequeno drama, seguiu-os com Nimue. Ficou a observar enquanto o cavalo era levado para um dos abrigos a leste e depois ele e Nimue desceram em direção ao templo.

— Ah, Derfel! — cumprimentou-me ele descuidadamente. — Parece muito sorumbático. Tens dores de dentes?

— Trouxe-vos Excalibur — afirmei com severidade.

— Vejo-o com os meus próprios olhos. Sabes que não sou cego? Às vezes, um tanto surdo, e a vesícula é fraca, mas que mais se pode esperar com a minha idade? — Tirou-me Excalibur, desembainhou-a a alguns centíme-

tros da bainha, depois beijou o aço. — A espada de Rhydderch — afirmou com receio, e por instantes o seu rosto mostrou um estranho olhar extático, antes de abruptamente embainhar a espada e deixar que Nimue lha tirasse. — Então foste ter com o teu pai — disse-me Merlim. — Gostaste dele?

— Sim, senhor.

— Sempre foste um tipo absurdamente emotivo, Derfel — disse Merlim, depois lançou um olhar rápido a Nimue, que libertara Excalibur da sua bainha e segurava com força a lâmina nua contra o seu corpo magro. Por uma qualquer razão, Merlim pareceu incomodado com isso e arrancou-lhe a bainha, tentando depois agarrar a espada. Ela não queria largá-la e Merlim, depois de se debater com ela por breves instantes, abandonou a tentativa. — Constou-me que poupaste Liofa? — perguntou, virando-me as costas. — Isso foi um erro. Liofa é uma fera muito perigosa.

— Como sabeis que o poupei?

Merlim lançou-me um olhar reprovador.

— Talvez eu fosse uma das corujas que estava na empena do palácio de Aelle, Derfel, ou talvez fosse um dos ratos que correm no seu chão? — Precipitou-se para Nimue e desta vez conseguiu tirar-lhe a espada das mãos. — Não se pode estragar a magia — murmurou ele, fazendo com que a lâmina deslizesse desajeitadamente para o interior da bainha. — Artur não se importou de emprestar a espada? — perguntou-me ele.

— Porque havia de se importar, senhor?

— Porque Artur está perigosamente próximo do ceticismo — respondeu Merlim, inclinando Excalibur para passar pela porta baixa do templo. — Ele acha que nos conseguimos orientar sem os Deuses.

— Então é uma pena — afirmei sarcasticamente — que ele nunca tenha visto Olwen, a Prateada, brilhando na escuridão.

Nimue sibilou-me. Merlim fez uma pausa, depois, virou-se lentamente e endireitou-se junto à porta da entrada, lançando-me um olhar severo.

— Porquê, Derfel, por que razão é uma pena? — perguntou num tom de voz grave.

— Porque se ele a tivesse visto, senhor, certamente que acreditaria nos Deuses. Desde que, evidentemente, não descobrisse os vossos crustáceos.

— Então é isso — disse ele. — Andaste a investigar, não foi? Andaste a meter o teu gordo nariz saxão onde não eras chamado e encontraste os meus bivalves.

— Bivalves?

— Os crustáceos, tolo, chamam-se bivalves. Pelo menos, os plebeus chamam-lhes assim.

— E brilham? — perguntei.

— O seu suco tem qualidades luminosas — admitiu Merlim com de-

senvoltura. Percebi que estava aborrecido com a minha descoberta, mas fazia os possíveis por não se mostrar irritado.

— Plínio refere o fenómeno, mas depois fala em tantas coisas que é muito difícil saber exatamente em que acreditar. A maioria das suas noções são completos disparates, claro. Todos esses disparates sobre os druidas que cortam visco-branco ao sexto dia da Lua nova! Eu nunca fiz isso, nunca! Ao quinto dia, sim, e por vezes, ao sétimo, mas ao sexto? Nunca! E ele também recomenda, tanto quanto me recordo, que se amarre a faixa do peito de uma mulher em volta do crânio para curar as dores de cabeça, mas o remédio não dá resultado. Como podia dar? A magia está nos seios, não na faixa, por isso é evidentemente muito mais eficaz enterrar a cabeça doente nos próprios seios. Comigo, o remédio nunca falhou, seguramente. Leste Plínio, Derfel?

— Não, senhor.

— É verdade, nunca te ensinei latim. Descuido meu. Bom, ele estudou o bivalve e notou que as mãos e as bocas daqueles que comiam a criatura, depois de o fazerem, reluziam, e confesso que fiquei intrigado. Quem não ficaria? Eu estava relutante em explorar mais o fenómeno, porque desperdiçara muito do meu tempo nas noções mais credíveis de Plínio, mas essa revelou-se exata. Lembras-te de Caddwg? O barqueiro que nos libertou de Ynys Trebes? Agora ele é o meu pescador de bivalves. As criaturas vivem nos buracos das rochas, o que é bastante maçador, mas eu pago bem a Caddwg e ele apanha-os assiduamente como um verdadeiro caçador de bivalves. Pareces desiludido, Derfel.

— Eu pensei, senhor... — comecei, depois hesitei, sabendo que ia ser motejado.

— Oh! Tu pensaste que a rapariga vinha dos céus! — Merlim terminou a frase por mim, depois assobiou com ridicularia. — Ouviste isto, Nimue? O nosso bravo guerreiro, Derfel Cadarn, acreditou que a nossa pequena Olwen era uma aparição! — Arrastou a última palavra, imprimindo-lhe um tom portentoso.

— Era suposto ele acreditar nisso — disse Nimue secamente.

— Pensando bem, creio que sim — admitiu Merlim. — É um bom truque, não é, Derfel?

— Todavia, não passa de um truque, senhor — disse eu, incapaz de esconder a minha desilusão.

Merlim suspirou.

— És absurdo, Derfel, completamente absurdo. A existência de truques não implica a ausência de magia, mas a magia nem sempre nos é concedida pelos Deuses. Não consegues perceber nada? — Esta última pergunta foi feita de forma irritada.

— Eu sei que fui iludido, senhor.

— Iludido! Iludido! Não sejas tão patético. És pior do que Gawain! Um druida no seu segundo dia de treino conseguia iludir-te! A nossa tarefa não é satisfazer a tua curiosidade infantil, mas sim fazer o trabalho dos Deuses, e esses Deuses, Derfel, afastaram-se muito de nós. Partiram para longe! Desapareceram, sumiram-se na escuridão, mergulharam no abismo de Annwn. Eles têm de ser evocados, e para o fazer preciso de trabalhadores, e para atrair trabalhadores tenho de oferecer um pouco de esperança. Achas que eu e Nimue conseguíamos construir as fogueiras sozinhos? Nós precisávamos de gente! De centenas de pessoas! E besuntar uma rapariga com o líquido dos bivalves trouxe-os até nós, e tudo o que tu fazes é queixares-te por teres sido iludido. Quem se importa com o que tu pensas? Porque não te vais daqui e mascas um bivalve? Talvez isso te ilumine. — Deu um pontapé no copo de Excalibur, que ainda se projetava para fora do templo. — Suponho que aquele tolo do Gawain te mostrou tudo?

— Ele mostrou-me os anéis de fogo, senhor.

— E suponho que agora queiras saber para que servem?

— Sim, senhor.

— Qualquer pessoa de inteligência mediana conseguiria descobri-lo por si — disse Merlim, imponente. — Os Deuses estão muito longe, isso é óbvio, ou então não nos ignorariam, mas há muitos anos eles concederam-nos os meios para os evocarmos: os Tesouros. Há tanto tempo que os Deuses partiram para o vazio de Annwn que os Tesouros só por si não funcionam. Por isso temos de atrair a atenção dos Deuses; e como o conseguiremos? É simples! Enviamos um sinal para o abismo, e esse sinal é apenas um enorme desenho de fogo, e nesse desenho colocamos os Tesouros. Depois fazemos uma ou duas outras coisas que não têm, de facto, muita importância. Depois disso já posso morrer em paz, em vez de ter de explicar as matérias mais elementares a idiotas absolutamente crédulos. E não — acrescentou ele antes de eu sequer dizer alguma coisa, ou fazer alguma pergunta — tu não podes estar aqui em cima, na Véspera do Samain. Quero aqui apenas aqueles em quem posso confiar. E se cá voltares, ordenarei aos guardas que usem a tua barriga para a prática de esgrima.

— Porque não circundar apenas a colina com uma barreira de espíritos? — perguntei. Uma barreira de espíritos era uma linha de crânios, enfeitados por um druida, que ninguém se atrevia a transpor.

Merlim fitou-me de olhos esbugalhados como se o meu juízo tivesse desaparecido.

— Uma barreira de espíritos! Na Véspera do Samain! É a única noite do ano, idiota, em que as barreiras de espíritos não dão resultado! Tenho

de te explicar tudo? Uma barreira de espíritos, palerma, funciona, porque prende as almas dos mortos para assustar os vivos, mas na Véspera do Samain as almas dos mortos são libertadas para vaguearem e, por isso, não podem ser aprisionadas. Na Véspera do Samain, uma barreira de espíritos é quase tão útil para o mundo como a tua massa cinzenta.

Acatei calmamente a sua repreensão.

— Só faço votos para que não haja nuvens — afirmei, tentando acalmá-lo.

— Nuvens? — desafiou-me Merlim. — Porque haviam as nuvens de me preocupar? Ah, compreendo! Esse tolo do Gawain falou contigo e ele percebe tudo ao contrário. Se estiver nublado, Derfel, ainda assim os Deuses verão o nosso sinal, porque a sua visão, ao contrário da nossa, não é toldada pelas nuvens; mas se estiver muito nublado, então é provável que chova — fez com que a sua voz soasse semelhante à de um homem que explica algo muito simples a uma criancinha — e a chuva intensa apagará todas as grandes fogueiras. Pronto, isto era de facto difícil para tu conseguires descobrir sozinho, não era? — Olhou para mim furioso, depois virou-se e fitou os círculos de lenha. Apoiou-se no seu bastão preto, cismando na enorme coisa que fizera no cume de Mai Dun. Permaneceu em silêncio durante longo tempo, depois, de repente, encolheu os ombros.

— Já alguma vez pensaste — perguntou-me — o que poderia ter acontecido se os Cristãos tivessem conseguido colocar Lancelote no trono? — A sua ira tinha desaparecido e fora substituída pela melancolia.

— Não, senhor — respondi.

— O seu ano 500 teria chegado e todos eles teriam esperado pela vinda gloriosa daquele seu absurdo Deus crucificado. — Merlim estivera a olhar para os círculos enquanto falava, mas depois virou-se para olhar para mim. — E se ele nunca tivesse vindo? — perguntou ele perplexo. — Supõe que os Cristãos estavam todos prontos, todos com as suas melhores capas, todos lavados e limpos e em oração, e depois nada acontecia?

— Nesse caso, no ano 501 — afirmei — não haveria Cristãos.

Merlim abanou a cabeça.

— Tenho dúvidas. É a função dos sacerdotes explicarem o inexplicável. Homens como Sansum teriam inventado uma razão, e as pessoas teriam acreditado neles, porque elas querem acreditar desesperadamente. Os povos não desistem da esperança por causa da desilusão, Derfel, eles apenas redobram a sua esperança. Que tolos somos todos nós.

— Então estais com receio — indaguei, sentindo um súbito laivo de pena dele — que nada aconteça no Samain?

— Claro que estou com receio, seu idiota. Nimue não está. — Olhou de soslaio para Nimue, que nos espiava com um olhar taciturno. — Tu estás



cheia de certezas, minha pequenina, não estás? — Merlim troçou dela. — Mas quanto a mim, Derfel, gostaria que isto nunca tivesse sido necessário. Nós nem tão-pouco sabemos o que é suposto acontecer quando acendermos as fogueiras. Talvez os Deuses venham, ou talvez eles aguardem a sua hora. — Lançou-me um olhar terrível. — Se nada acontecer, Derfel, isso não significa que nada aconteceu. Compreendes isto?

— Julgo que sim, senhor.

— Duvido que compreendas. Nem tão-pouco sei porque me incomodo a desperdiçar explicações contigo! É o mesmo que ensinar a um touro os mais requintados elementos da retórica! Que homem absurdo tu és. Agora podes ir-te. Já entregaste Excalibur.

— Artur quere-a de novo — disse eu, lembrando-me de dar a mensagem de Artur.

— Tenho a certeza que sim, e talvez ele a tenha de novo quando Gawain tiver tudo acabado. Ou talvez não. O que importa isso? Deixa-te de me preocupar com ninharias, Derfel. E adeus. — Seguiu com passos imponentes, de novo zangado, mas parou alguns metros mais adiante e virou-se, chamando Nimue. — Anda, rapariga!

— Certificar-me-ei de que Derfel parte — disse Nimue, e com estas palavras pegou-me pelo cotovelo e dirigiu-me ao talude interior.

— Nimue! — gritou Merlim.

Ela ignorou-o, puxando-me pela encosta de relva acima para onde o caminho corria ao longo do talude. Olhei fixamente para os complexos círculos de fogueiras.

— Vocês fizeram um trabalho imenso — afirmei de modo pouco convincente.

— E tudo será desperdiçado se tu não representares os rituais corretamente — disse Nimue petulante. Merlim andava zangado comigo, mas, na maior parte das vezes, a sua ira era fingida e surgia e desaparecia como um relâmpago; contudo, a raiva de Nimue era profunda e convincente e tornava mais pequeno o seu rosto branco e em forma de cunha. Ela nunca fora bonita, e a perda do seu olho conferira ao seu rosto um aspeto terrível. No entanto, havia uma ferocidade e uma inteligência nos seus olhares que a tornavam inesquecível, e agora naquele alto talude com o vento oeste, ela parecia mais formidável do que nunca.

— Existe algum perigo — perguntei-lhe — de o ritual não ser feito corretamente?

— Merlim é como tu — afirmou ela zangada, ignorando a minha pergunta. — É emotivo.

— Disparate — afirmei.

— E o que sabes tu, Derfel? — disse ela, com brusquidão. — Tens de

aguentar as suas fanfarronadas? Tens de discutir com ele? Tens de o tranquilizar? Tens de o ver a cometer o maior erro de toda a história? — Fez-me estas perguntas abruptamente. — Tens de o ver desperdiçar todo este esforço? — Acenou uma mão magra para as fogueiras. — És um tolo — acrescentou amargamente. — Se Merlim se peidar, achas que é a sabedoria a falar. Ele é um homem velho, Derfel, não viverá por muito mais tempo, e está a perder o seu poder. E o poder, Derfel, vem de dentro. — Bateu com a mão entre os seus pequenos seios. Ela parara no cimo do talude e virou-se para me olhar de frente. Eu era um soldado robusto, ela uma mulher magra, contudo o seu poder suplantava o meu. Sempre assim fora. Em Nimue existia uma paixão tão profunda, obscura e forte que quase nada conseguia suplantá-la.

— Por que razão as emoções de Merlim põem em perigo o ritual? — perguntei-lhe.

— Porque põem! — disse Nimue, e virou-se, continuando a caminhar.

— Diz-me — exige-lhe.

— Nunca! — disse ela, rispivamente. — És um tolo.

Caminhei atrás dela.

— Quem é Olwen, a Prateada? — perguntei-lhe.

— Uma escrava que comprámos em Demétia. Ela foi capturada por Powys e custou-nos mais de seis moedas de ouro por ser tão bonita.

— E é — confirmei, recordando-me dos seus delicados passos pela noite calma de Lindinis.

— Merlim também acha — disse Nimue com desdém. — Ele treme quando a vê, mas hoje em dia está demasiado velho, e além disso temos de fingir que ela é uma virgem por causa de Gawain. E ele acredita em nós! Mas aquele tolo acreditará em qualquer coisa! É um idiota!

— E casará com Olwen quando tudo isto terminar?

Nimue deu uma gargalhada.

— Isso foi o que prometemos ao tolo, embora possa mudar de ideias quando descobrir que ela nasceu escrava e não é espírito nenhum. Por isso, talvez venhamos a vendê-la. Gostarias de a comprar? — Lançou-me um olhar manhoso.

— Não.

— Continuas fiel a Ceinwyn? — perguntou ela, motejadora. — Como está ela?

— Está bem — afirmei.

— E ela vem para Durnovária para ver as Evocações?

— Não — afirmei.

Nimue virou-se, lançando-me um olhar desconfiado.

— Mas tu vens?

— Irei vê-las, sim.

— E Gwydre — perguntou ela — vais trazê-lo?

— Sim, ele quer vir, mas primeiro pedirei autorização ao seu pai.

— Diz a Artur que devia deixá-lo vir. Todas as crianças da Bretanha deviam testemunhar a vinda dos Deuses. Será uma visão que jamais se conseguirá esquecer, Derfel.

— Então, sempre se realiza? — perguntei. — Apesar dos erros de Merlim?

— Realiza-se — afirmou Nimue vingativa — apesar de Merlim. Realiza-se, porque eu farei com que se realize. Eu darei àquele velho tonto o que ele pretende, quer ele goste ou não. — Ela deteve-se, virou-se e agarrou-me na mão esquerda, olhando fixamente com o seu único olho para a cicatriz marcada na sua palma. Aquela cicatriz obrigava-me por juramento a obedecer-lhe e eu pressenti que ela estava prestes a fazer-me algum pedido; mas depois um qualquer impulso de precaução deteve-a. Inspirou fundo, olhou-me fixamente, depois deixou cair a minha mão marcada com a cicatriz. — A partir daqui já sabes o caminho — disse ela num tom amargo, depois afastou-se.

Desci a colina. As pessoas ainda caminhavam penosamente com os seus fardos de lenha em direção ao cume de Mai Dun. Durante nove horas, dissera Gawain, as fogueiras teriam de arder. Nove horas para encher um céu com chamas e trazer os Deuses à terra. Ou talvez, se os ritos fossem feitos de maneira errada, as fogueiras nada trouxessem.

E dentro de três noites descobriríamos qual destas hipóteses se realizaria.

Ceinwyn teria gostado de ir a Durnovária para testemunhar a Evocação dos Deuses, mas a Véspera do Samain é a noite em que os mortos caminham sobre a terra e ela queria ter a certeza que deixávamos oferendas a Dian. Pensou que o local para as deixar era onde Dian morrera, por isso levou as nossas outras duas filhas às ruínas da casa senhorial de Ermid e aí, por entre as cinzas da casa, colocou uma bilha de hidromel diluído, algum pão com manteiga e uma mão-cheia de avelãs cobertas com mel que Dian sempre adorara. As suas irmãs colocaram nas cinzas algumas nozes e ovos bem cozidos, depois todas se abrigaram na cabana do guarda-florestal situada nas proximidades e guardada pelos meus lanceiros. Elas não viram Dian, porque na Véspera do Samain os mortos nunca se expõem, mas ignorar a sua presença é um convite ao infortúnio. De manhã, disse-me Ceinwyn mais tarde, todos os alimentos haviam desaparecido e a bilha estava vazia.

Eu estava em Durnovária quando Issa se juntou a mim com Gwydre. Artur havia dado autorização ao filho para assistir à Evocação e Gwydre estava excitado. Nesse ano, ele tinha onze anos, estava cheio de entusiasmo, vida e curiosidade. Tinha a constituição esguia do seu pai, mas tinha a beleza de Guinevere, porque tinha o seu nariz longo e os seus olhos arrojados. Era travesso, mas não era mau, e tanto Ceinwyn como eu teríamos ficado contentes se a profecia do seu pai se realizasse e ele casasse com Morwenna. Essa decisão não seria tomada antes de dois ou três anos, e até essa altura Gwydre viveria connosco. Ele queria estar no cume de Mai Dun, e ficou desiludido quando lhe expliquei que ninguém podia lá estar, exceto aqueles que representavam as cerimónias. Até mesmo as gentes que haviam construído as enormes fogueiras tinham sido mandadas embora durante o dia. À semelhança das centenas de pessoas curiosas que haviam vindo de toda a Bretanha, também eles veriam as Evocações dos campos junto ao antigo forte.

Artur chegou na manhã da Véspera do Samain e eu vi a alegria com que cumprimentou Gwydre. O rapaz era a sua única fonte de felicidade naqueles dias sombrios. Culhwch, o primo de Artur, chegou de Dunum com meia dúzia de lanceiros.

— Artur disse-me que eu não devia vir — disse-me ele com um sorriso rasgado — mas eu não podia perder isto. — Culhwch coxeou até Galaad para o cumprimentar. Passara os últimos meses com Sagramor vigiando a fronteira contra os saxões de Aelle, e enquanto Sagramor obedecera às ordens de Artur para permanecer no seu posto, pedira a Galaad que fosse a Durnovária para levar às suas forças as notícias dos acontecimentos da noite. As grandes expectativas preocupavam Artur, que temeu que os seus seguidores tivessem uma terrível decepção se nada acontecesse.

As expectativas continuavam a aumentar, porque nessa tarde o rei Cuneglas de Powys cavalgou para a cidade, levando consigo uma dúzia de homens, incluindo o seu filho Perddel, que era agora um jovem consciente de si mesmo, tentando fazer com que os seus primeiros bigodes crescessem. Cuneglas abraçou-me. Era irmão de Ceinwyn e um dos homens mais decentes e honestos que já existiram. Ele havia visitado Meurig de Gwent durante a sua viagem para sul e agora confirmava aquela relutância monárquica em lutar contra os Saxões.

— Ele acha que o seu Deus o irá proteger — afirmou Cuneglas severamente.

— Também nós — disse eu, fazendo um gesto amplo para fora da janela do palácio, para os taludes mais baixos de Mai Dun cheios de pessoas que esperavam estar prestes a assistir ao momento extraordinário que a noite pudesse trazer. Muitas das pessoas haviam tentado subir para o topo

da colina, mas os lanceiros Escudos Negros de Merlim haviam-nos mantido a todos à distância. No campo mesmo a norte da fortaleza, um desafiador grupo de cristãos orava ruidosamente ao seu Deus para que enviasse chuva para anular os ritos ateus, mas foram escoraçados por uma multidão furiosa. Uma mulher cristã foi agredida até perder os sentidos, e Artur mandou que os seus soldados apaziguassem os ânimos.

— Então, o que irá acontecer esta noite? — perguntou-me Cuneglas.

— Talvez nada, meu Rei e Senhor.

— Vim eu de tão longe para nada ver? — resmungou Culhwch. Ele era um homem atarracado, belicoso e intempestivo, que eu contava como um dos meus amigos mais chegados. Coxeava desde que uma lâmina saxónica se enterrara fundo na sua perna na batalha contra os saxões de Aelle às portas de Londres, mas ele não fazia grande alarido por causa da ferida anelada pela cicatriz e afirmava que continuava a ser um formidável lanceiro como sempre fora. — E o que fazes tu aqui? — desafiou Galaad. — Julguei que fosses cristão.

— E sou.

— Então vens rezar para que chova, é? — acusou-o Culhwch. Chovia enquanto falávamos, embora fosse apenas uma ligeira chuva miudinha vinda de oeste. Alguns homens acreditavam que o bom tempo se seguiria a esta chuva, mas inevitavelmente havia pessimistas que previam um dilúvio.

— Se, de facto, chover a cântaros esta noite — Galaad espicçou Culhwch — admites que o meu Deus é mais grandioso do que os vossos?

— Corto-te a goela — resmungou Culhwch, mas não faria tal coisa, porque ele, tal como eu, há muito que era amigo de Galaad.

Cuneglas foi falar com Artur, Culhwch desapareceu para ver se uma rapariga ruiva ainda trabalhava numa taberna junto ao portão norte de Durnovária, enquanto Galaad e eu caminhámos até à cidade com o jovem Gwydre. A atmosfera era alegre, de facto era como se uma grande feira de outono tivesse enchido as ruas de Durnovária e se tivesse alargado às campinas vizinhas. Os mercadores haviam armado as suas bancas, as tabernas estavam a fazer um bom negócio, malabaristas encantavam as multidões com as suas habilidades e um grande número de bardos cantava as suas canções. Um urso amestrado deslocava-se pesadamente subindo e descendo a colina de Durnovária junto à casa do bispo Emrys, tornando-se cada vez mais perigoso à medida que as gentes enchiam a sua tigela com hidromel. Reparei no bispo Sansum espreitando por uma janela o enorme animal, mas assim que me viu, escondeu-se para dentro e fechou a portada de madeira.

— Durante quanto tempo ficará ele prisioneiro? — perguntou-me Galaad.

— Até Artur lhe perdoar — afirmei — o que acontecerá, porque Artur perdoa sempre aos seus inimigos.

— Que cristão da parte dele.

— Que estupidez da parte dele — disse eu, certificando-me de que Gwydre não ouvia. Ele afastara-se para ir ver o urso. — Mas eu não consigo ver Artur a perdoar ao teu meio-irmão — continuei. — Eu vi-o há alguns dias.

— Lancelote? — perguntou Galaad, parecendo surpreendido. — Onde?

— Com Cerdic.

Galaad fez o sinal da cruz, indiferente aos olhares carrancudos que atraiu. Em Durnovária, tal como na maioria das cidades de Dumnónia, a maior parte das pessoas era cristã, mas naquele dia as ruas estavam cheias de pagãos vindos do campo e muitos estavam ansiosos por iniciar brigas com os seus inimigos cristãos.

— Achas que Lancelote lutará por Cerdic? — perguntou-me Galaad.

— Alguma vez combateu? — respondi causticamente.

— Ele pode fazê-lo.

— Então, se chegar a lutar — afirmei — será por Cerdic.

— Então rezarei para que me seja concedida a oportunidade de o matar — disse Galaad, e fez de novo o sinal da cruz.

— Se o estratagema de Merlim resultar — disse eu — não haverá guerra. Apenas uma matança feita pelos Deuses.

Galaad sorriu.

— Sê sincero comigo, Derfel, resultará?

— É para ver isso que aqui estamos — afirmei evasivamente, e lembrei-me, de repente, que devia haver um grande número de espiões saxões na cidade que teriam vindo para ver a mesma coisa. Aqueles homens seriam provavelmente seguidores de Lancelote, bretões que conseguiam passar despercebidos na expectante multidão que se avolumara durante todo o dia. *Se Merlim falhar, pensei, então os Saxões encher-se-ão de confiança e as batalhas da primavera serão as mais duras de sempre.*

A chuva começou a cair com maior intensidade e eu chamei Gwydre e os três voltámos a correr para o palácio. Gwydre pediu autorização ao seu pai para ver a Evocação a partir dos campos mesmo por baixo dos taludes de Mai Dun, mas Artur abanou a cabeça.

— Se chover assim — disse-lhe Artur — nada acontecerá em lado nenhum. Apenas te constiparás, e depois... — Calou-se abruptamente. «E depois a tua mãe zanga-se comigo», ia ele quase dizer.

— Depois passas a constipação para Morwenna e Seren — disse eu

— e eu apanho-a a partir delas, e passo-a para o teu pai, e então todos os exércitos estarão a espirrar quando os Saxões vierem.

Gwydre meditou no assunto por breves instantes, achou que era um disparate e puxou a mão do seu pai.

— Por favor! — pediu ele.

— Podes ver connosco, do salão mais alto — insistiu Artur.

— Então posso ir lá ver o urso, pai? Está a ficar bêbado e vão lançar-lhe os cães. Eu fico debaixo de um alpendre para me manter seco. Prometo. Por favor, pai?

Artur deixou-o ir e eu mandei Issa vigiá-lo, depois Galaad e eu subimos para o salão mais elevado do palácio. Um ano antes, quando Guinevere por vezes ainda visitava este palácio, era elegante e asseado, mas agora estava abandonado e sujo. Era um edifício romano e Guinevere tentara restaurá-lo, conferindo-lhe o seu antigo esplendor, mas havia sido saqueado pelas forças de Lancelote durante a rebelião e nada fora feito para reparar os estragos. Os homens de Cuneglas haviam ateado uma fogueira no chão do salão e o topo dos barrotes deformava as pequenas telhas. O próprio Cuneglas estava de pé, junto à ampla janela de onde olhava fixa e tristemente para os telhados de colmo e de telha de Durnovária, ao longo das encostas de Mai Dun, quase escondidos pelas cortinas da chuva.

— Vai levantar, não vai? — perguntou-nos enquanto entrávamos.

— Provavelmente irá piorar — disse Galaad, e nesse mesmo instante o ribombar de um trovão soou a norte e a chuva intensificou-se visivelmente, caindo violentamente nos telhados. A lenha no cume de Mai Dun deveria estar encharcada, mas até então só as camadas exteriores estariam ensopadas, enquanto a madeira no interior das fogueiras ainda estava seca. De facto, essa madeira interior permaneceria seca durante uma hora ou mais debaixo daquela chuva intensa, e a madeira seca no centro de uma fogueira rapidamente seca a humidade das camadas exteriores, mas se a chuva persistisse noite dentro, então as fogueiras nunca arderiam convenientemente. — Ao menos a chuva tornará sóbrios os ébrios — observou Galaad.

O bispo Emrys surgiu à porta do salão com as saias pretas das suas vestes de sacerdote encharcadas e lamacentas. Lançou um olhar preocupado aos lanceiros pagãos de Cuneglas, depois apressou-se a juntar-se a nós à janela.

— Artur está cá? — perguntou-me.

— Está algures no palácio — respondi, depois apresentei Emrys ao rei Cuneglas e acrescentei que o bispo era um dos nossos cristãos bons.

— Creio que somos todos bons, Lorde Derfel — disse Emrys, fazendo uma vénia ao rei.

— Para mim — disse ele — os cristãos bons são aqueles que não se revoltam contra Artur.

— Foi uma rebelião? — perguntou Emrys. — Penso que foi uma loucura, Lorde Derfel, levada a cabo por uma devoção exagerada, e atrevo-me a dizer que o que Merlim está hoje a fazer é justamente a mesma coisa. Desconfio que ele irá ficar desapontado, tal como a minha pobre gente ficou desapontada no ano passado. Mas no desapontamento desta noite, o que poderá acontecer? É por isso que aqui estou.

— O que irá acontecer? — perguntou Cuneglas.

Emrys encolheu os ombros.

— Se os Deuses de Merlim não aparecerem, meu Rei e Senhor, quem irá ser censurado? Os Cristãos. E quem será trucidado pela população? Os Cristãos. — Emrys fez o sinal da cruz. — Eu quero que Artur prometa proteger-nos.

— Estou certo que ele o fará de bom grado — afirmou Galaad.

— A vós, bispo — acrescentei — ele fá-lo-á. — Emrys havia permanecido fiel a Artur, e era um homem bom, ainda que fosse tão cauteloso no seu conselho como era pesado no seu velho corpo. Tal como eu, o bispo era um dos membros do Conselho Real, o corpo que aparentemente aconselhava Mordred, apesar de nessa altura, em que o nosso rei estava feito prisioneiro em Lindinis, o Conselho raramente se reunir. Artur recebia os conselheiros em privado, depois tomava as suas próprias decisões, mas as únicas que tinham de facto de ser tomadas eram as que preparavam a Dumnónia para a invasão saxónica, e todos nós estávamos satisfeitos por deixar Artur carregar esse fardo.

Um raio de luz rompeu por entre as nuvens cinzentas, e um instante depois o ribombar de um trovão soou tão alto que involuntariamente todos estremecemos. A chuva, já intensa, de repente intensificou-se ainda mais, batendo furiosamente nos telhados e escorrendo em riachos de água lamacenta pelas ruas e veredas de Durnovária. Poças de água espalharam-se pelo chão do salão.

— Talvez — observou Cuneglas friamente — os Deuses não queiram ser evocados?

— Merlim diz que eles estão muito longe — disse eu — por isso esta chuva não é obra sua.

— O que prova, sem dúvida, que um Deus maior está por detrás da chuva — argumentou Emrys.

— A vosso pedido? — questionou Cuneglas com azedume.

— Eu não rezei para que chovesse, meu Rei e Senhor — afirmou Emrys. — De facto, se vos aprouver, rezarei para que a chuva cesse.

E com estas palavras fechou os olhos, abriu bem os braços e levantou a



cabeça em oração. A solenidade do momento foi de alguma forma estragada por uma gota de água da chuva que escoou das telhas caindo exatamente na sua testa careca. No entanto, ele terminou a sua oração e fez o sinal da cruz.

E, milagrosamente, no preciso instante em que a mão de Emrys terminava o sinal da cruz, a chuva começou a diminuir de intensidade. Alguma chuva intensa ainda era atirada com força pelo vento oeste, mas o tamborilar no telhado cessou abruptamente e a paisagem entre a nossa janela alta e o pico de Mai Dun começou a clarear. A colina ainda estava escura sob as nuvens cinzentas, e não se conseguia ver nada na velha fortaleza exceto um punhado de lanceiros que vigiavam os taludes e, abaixo deles, alguns peregrinos que haviam conseguido subir bem alto nas encostas da colina. Emrys não tinha a certeza se havia de estar satisfeito ou triste com a eficácia da sua oração, mas todos nós estávamos impressionados, sobretudo quando uma aberta surgiu entre as nuvens, a oeste, e uma réstia de luz do Sol desceu obliquamente, tornando verdes as encostas de Mai Dun.

Alguns escravos trouxeram-nos hidromel quente e carne de veado fria, mas eu não tinha apetite. Preferi ficar a ver como a tarde se aprofundava na noite e como as nuvens se dissipavam em farrapos. O céu clareava, e o ocaso tornava-se numa enorme fôrnalha de fogo vermelho por cima da distante Lyonesse. O Sol punha-se na Véspera do Samain, e por toda a Bretanha, e até mesmo na Irlanda cristã, as gentes deixavam alimentos e bebidas aos mortos, que passariam o abismo de Annwn atravessando a ponte das espadas. Esta era a noite em que a procissão espectral dos corpos-sombra vinha visitar a terra onde haviam respirado, amado e morrido. Muitos haviam morrido em Mai Dun e, nessa noite, essa colina estaria cheia com os seus espectros; depois, inevitavelmente, pensei no corpinho-sombra de Dian a vaguear por entre as ruínas da casa senhorial de Ermid.

Artur foi ao palácio e eu pensei quão diferente ele parecia sem Excalibur a baloiçar dentro da sua banha em forma de cruz. Gemeu quando viu que a chuva tinha parado, depois ouviu o pleito do bispo Emrys.

— Colocarei os meus lanceiros nas ruas — assegurou ao bispo — e desde que as vossas gentes não vituperem os pagãos, estarão seguras. — Pegou num corno de hidromel que um escravo segurava, depois voltou-se de novo para o bispo. — Em todo o caso, eu queria falar-vos — disse ele, e contou ao bispo as suas inquietações relativamente ao rei Meurig de Gwent. — Se Gwent não lutar — Artur preveniu Emrys — então os Saxões suplantam-nos-ão em número.

Emrys empalideceu.

— Certamente que Gwent não deixará Dumnónia cair!

— Gwent tem sido subornada, bispo — informei-o, e descrevi como

Aelle havia permitido que mensageiros de Meurig entrassem no seu território. — Enquanto Meurig pensar que existe uma possibilidade de converter os Sais — afirmei — não levantará uma espada contra eles.

— Confesso que me regozijo com a ideia de evangelizar os Saxões — disse Emrys, piamente.

— Não o faça — avisei-o. — Quando esses sacerdotes tiverem servido o propósito de Aelle, cortar-lhes-á as gargantas.

— E depois disso cortará as nossas — acrescentou Cuneglas ameaçador. Artur e ele haviam decidido fazer uma visita ao rei de Gwent em conjunto e agora Artur pedia a Emrys que os acompanhasse.

— Ele ouvir-vos-á, bispo — disse Artur — e se o convencerdes que os cristãos da Dumnónia são mais ameaçados pelos Saxões do que por mim, talvez ele mude de ideias.

— Irei com prazer — disse Emrys. — Com todo o gosto.

— E no mínimo — disse Cuneglas severamente — o jovem Meurig precisará de ser convencido a deixar que o meu exército atravesse o seu território.

Artur pareceu alarmado.

— Poderá ele recusar?

— Assim o dizem os meus informadores — afirmou Cuneglas e depois encolheu os ombros. — No entanto, Artur, se os Saxões vierem, de facto, eu atravessarei o seu território quer ele o permita quer não.

— Nesse caso, eclodirá a guerra entre Gwent e Powys — observou Artur, irritado — e isso só ajudará os Sais. — Estremeceu com um arrepió. — Por que razão Tewdric desistiu do trono?

Tewdric era o pai de Meurig, e, embora Tewdric fosse cristão, sempre conduziu os seus homens ao lado de Artur contra os Saxões.

Desvaneceu-se a oeste a última réstia de luz vermelha. Por breves instantes, o mundo ficou suspenso entre a luz e a penumbra, e depois o abismo engoliu-nos. Ficámos de pé à janela, gelados pelo vento húmido e admirámos o primeiro cintilar das estrelas por entre os espaços vazios das nuvens. A Lua em quarto crescente estava baixa sobre o Mar do Sul, sendo a sua luz difundida pelas extremidades de uma nuvem atrás da qual se escondiam as estrelas que formavam a cabeça da constelação da cobra. Caía a noite na Véspera do Samain e os mortos estavam prestes a chegar.

Algumas lareiras iluminavam as casas de Durnovária, mas o campo fora do seu alcance estava totalmente escuro, exceto onde um raio de luar iluminava uma zona de árvores na protuberância de uma colina distante. Mai Dun era apenas uma sombra indefinida na escuridão, uma negritude no interior escuro da noite dos mortos. A escuridão tornou-se mais profunda, mais estrelas surgiram e a Lua deslizava livremente por entre nuvens

em farrapos. Agora os mortos passavam em grande número a ponte das espadas e estavam ali entre nós, embora não os conseguíssemos ver nem ouvir, mas eles estavam ali, no palácio, nas ruas, em todos os vales, cidades e casas da Bretanha, enquanto nos campos de batalha, onde tantas almas haviam sido arrancadas aos seus corpos terrenos, os mortos vagueavam tão numerosos como estorninhos. Dian estava sob as árvores da casa senhorial de Ermid, e os corpos-sombra ainda afluíam pela ponte das espadas para encher a ilha da Bretanha. Pensei que, também um dia, eu voltaria nesta noite para ver as minhas filhas e os seus filhos e os filhos dos seus filhos. Pensei que para todo o sempre a minha alma vaguearia pela terra em todas as Vésperas do Samain.

O vento acalmou. A Lua estava de novo escondida por um enorme aglomerado de nuvens suspensas por cima de Armórica, mas por cima de nós os céus estavam mais limpos. As estrelas, onde viviam os Deuses, cintilavam no vazio. Culhwch regressara ao palácio e juntara-se a nós à janela, onde nos apinhávamos para observar a noite. Gwydre havia regressado da cidade, embora pouco depois se tivesse aborrecido de olhar para a escuridão húmida e tivesse ido ter com os seus amigos entre alguns lanceiros do palácio.

— Quando começam os ritos? — perguntou Artur.

— Já não faltará muito — avisei-o. — As fogueiras deverão arder durante seis horas antes de a cerimónia ter início.

— Como conta Merlin as horas? — perguntou Cuneglas.

— Na sua cabeça, meu Rei e Senhor — respondi-lhe.

Os mortos passavam suavemente por entre nós. O vento parara e a quietude fez com que os cães uivassem na cidade. As estrelas, emolduradas pelas nuvens com recortes de prata, pareciam forçadamente brilhantes.

E então, muito de repente, da escuridão no interior da noite, do cume fortificado de Mai Dun, ateou-se a primeira fogueira, iniciando-se a Evocação dos Deuses.

Por breves instantes uma chama saltou límpida e brilhante por cima dos taludes de Mai Dun, depois o fogo alastrou-se até a vasta escudela, formada pelos taludes de relva dos muros da fortaleza, estar cheia de uma luz difusa e fumegante. Imaginei homens a empunharem tochas bem alto, a toda a extensão das sebes, depois correndo com as chamas para transportarem o fogo para a espiral do centro ou ao longo dos círculos exteriores. No início, as fogueiras arderam lentamente com as chamas a lutarem com as madeiras encharcadas por cima delas, depois gradualmente o calor secou a humidade e a luminosidade das chamas tornou-se cada vez mais brilhante até o fogo ter finalmente atingido todo aquele enorme desenho e a luz cintilar formidável e triunfante na noite. O pico da colina era agora uma sebe de fogo, um túmulo ardente por cima do qual o fumo, em contacto com o vermelho, se agitava em direção ao céu. As fogueiras estavam suficientemente brilhantes para eliminarem sombras trémulas em Durnovária, onde as ruas estavam cheias de pessoas; algumas tinham até trepado para o topo dos telhados para ver a conflagração distante.

— Seis horas? — perguntou-me Culhwch desconfiado.

— Assim me foi dito por Merlim.

Culhwch repetiu, violento.

— Seis horas! Eu podia voltar para junto da ruiva. — Mas não se mexeu, de facto nenhum de nós o fez; ficámos a observar a dança das chamas por cima da colina. Eram as fogueiras da Bretanha, o fim da história, as Evocações dos Deuses, e nós observámo-las num silêncio tenso como se esperássemos ver o fumo lívido desfazer-se com a descida dos Deuses.

Foi Artur que quebrou a tensão.

— Mantimentos — disse ele, bruscamente. — Se temos de esperar seis horas, então também podemos comer.

Pouco se disse durante essa refeição, mas na sua maioria a conversa reportou-se ao rei Meurig de Gwent e à terrível possibilidade de ele manter os seus lanceiros fora da guerra que se aproximava. Se, eu não parava de pensar, chegasse sequer a haver guerra, e eu lançava constantes olhares pela janela para o sítio onde as chamas crepitavam e o fumo se agitava. Tentei calcular a passagem das horas, mas na verdade eu não fazia ideia se passara uma ou duas horas antes de a refeição terminar e estarmos, uma vez mais, junto à grande janela aberta a olhar para Mai Dun, onde, pela primeira vez,

os Tesouros da Bretanha estavam reunidos. O Cesto de Garanhir, uma travessa feita de salgueiro que levava um pão e alguns peixes, embora o entrelaçado estivesse então tão esfarrapado que qualquer mulher respeitável há muito teria destinado o cesto à fogueira. A Trompa de Bran Galed era um chifre de boi que enegrecera com o tempo e se lascara nas extremidades orladas a estanho. A Quadriga de Modron partira-se ao longo dos anos e era tão pequena que só uma criança conseguia andar nela, se, de facto, alguma vez pudesse ser montada de novo. O Cabresto de Eiddyn era um cabresto de corda puída e rodas de ferro ferrugento, que até o mais pobre dos aldeãos hesitaria utilizar. A Faca de Laufrodedd estava embotada, com uma lâmina grosseira e tinha um cabo de madeira partido, enquanto a Pedra de Amolar de Tudwal era uma coisa desgastada que qualquer artífice se envergonharia de possuir. A Capa de Padarn estava coçada e remendada, um traje de pedinte, ainda assim mais bem conservada do que a Capa de Rhegadd, que era suposto conceder a invisibilidade àquele que a envergasse, mas que agora pouco mais era do que uma teia de aranha. O Prato de Rhygenydd era uma escudela em madeira achatada e partida sem ser pelo uso, enquanto o Quadro de Arremesso de Gwenddolau era um pedaço de madeira velha e empenada da qual as marcas do jogo quase haviam desaparecido com o uso. O Anel de Eluned parecia um vulgar anel de guerreiro, os simples círculos de metal que os lanceiros gostavam de fazer das armas dos seus inimigos mortos, mas todos nós havíamos deitado fora anéis de guerreiro com melhor aspeto do que o Anel de Eluned. Apenas dois dos Tesouros tinham algum valor intrínseco. Um era a Espada de Rhydderch, Excalibur, que fora forjada no Outro Mundo pelo próprio Gofannon, e o outro era o Caldeirão de Clyddno Eiddyn. Agora, todos eles, cheios de aparato e esplendor, estavam circundados por fogo para assinalarem o local aos seus Deuses distantes.

O céu continuava a ficar cada vez mais limpo, apesar de algumas nuvens ainda se amontoarem por cima do horizonte a sul onde, à medida que entrávamos nessa noite dos mortos, a luz começava a vacilar. Essa luminosidade era o primeiro sinal dos Deuses e, temente a eles, toquei no ferro do copo de Hywelbane. No entanto, os enormes raios de luz estavam bem longe, talvez por cima do mar distante ou talvez mais longe ainda para cima de Armórica. Durante uma hora ou mais, a luz varreu o céu a sul, mas sempre em silêncio. A certa altura, toda uma nuvem pareceu acender-se a partir do interior, todos nos sobressaltámos e o bispo Emrys benzeu-se.

A luz distante desvaneceu-se, deixando apenas a grande fogueira encolerizada no interior das muralhas de Mai Dun. Era um sinal de fogo a cruzar o Abismo de Annwn, uma chama a penetrar na escuridão existente entre os mundos. Questionei-me sobre o que estariam os mortos a pensar. Seria uma horda de almas-sombra a aglomerar-se em torno de Mai Dun

para testemunharem a Evocação dos Deuses? Imaginei os reflexos daquelas chamas a tremeluzirem ao longo das lâminas de aço da ponte das espadas e talvez a alcançarem e a penetrarem no Outro Mundo e confesso que fiquei assustado. A luminosidade havia-se dissipado, e agora nada parecia estar a acontecer para além da grande violência do fogo, mas creio que todos estávamos cientes de que o mundo estremecia com a mudança que se aproximava.

Depois, algures durante a passagem daquelas horas, surgiu o sinal seguinte. Foi Galaad quem primeiro o viu. Benzeu-se, olhou fixamente pela janela como se não conseguisse acreditar no que via, depois apontou para cima da grande coroa de fumo que lançava um véu por entre as estrelas.

— Vedes? — perguntou, e todos nos comprimimos à janela para olhar fixamente para cima.

E vi que as luzes do céu noturno haviam surgido.

Já noutras ocasiões todos víamos aquelas luzes, embora não muitas vezes, mas a sua chegada naquela noite era certamente significativa. No início havia apenas uma trémula bruma azul no escuro, mas aos poucos a bruma intensificou-se e tornou-se mais brilhante, e uma cortina vermelha de fogo juntou-se ao azul, ficando suspensa como um tecido esvoaçante por entre as estrelas. Merlim dissera-me que semelhantes luzes eram comuns no longínquo Norte, mas estas estavam suspensas no Sul, e depois, esplêndida e abruptamente, todo o espaço por cima das nossas cabeças se encheu de cascatas carmesim com reflexos azuis e prateados. Descemos todos para o pátio para ver melhor, e aí ficámos aterrados quando os céus se iluminaram. Do pátio já não conseguíamos ver as fogueiras de Mai Dun, mas a sua luz enchia o céu a sul, à medida que as luzes sobrenaturais formavam gloriosamente um arco por cima das nossas cabeças.

— Acreditais agora, bispo? — perguntou Culhwch.

Emrys parecia não conseguir falar, mas depois estremeceu e tocou na cruz de madeira que lhe pendia do pescoço.

— Nós nunca — afirmou, em voz baixa — negámos a existência de outros poderes. Acontece que acreditamos que o nosso Deus é o único Deus verdadeiro.

— E os outros Deuses o que são? — perguntou Cuneglas.

Emrys franziu as sobrancelhas, a princípio sem vontade de responder, mas a honestidade obrigou-o a falar.

— Eles são os poderes das trevas, meu Rei e Senhor.

— Os poderes da luz, sem dúvida — disse Artur receoso, pois até ele estava impressionado. Artur, que teria preferido que os Deuses nunca sequer nos tivessem perturbado, via o seu poder no céu e estava maravilhado. — Então, o que vai agora acontecer? — perguntou.

Fora a mim que ele fizera a pergunta, mas foi o bispo Emrys que respondeu.

— Será a morte, senhor — disse ele.

— Morte? — perguntou Artur, não tendo a certeza se tinha ouvido corretamente.

Emrys havia-se retirado para ir colocar-se sob a arcada, como se temesse a força da magia que tremeluzia e se espalhava tão brilhante por entre as estrelas.

— Todas as religiões utilizam a morte, senhor — afirmou com pedantismo — até os nossos devotos acreditam no sacrifício. Simplesmente, no Cristianismo foi o Filho de Deus que foi morto para que mais ninguém tivesse de ser esquartejado no altar; mas não me lembro de nenhuma religião que não utilize a morte como parte do seu dogma religioso. Osíris foi morta. — De repente, apercebeu-se de que falava do culto de Ísis, a causa da ruína da vida de Artur, e continuou rapidamente: — Mitrás também morreu e a sua veneração exige a morte de touros.

— Todos os nossos Deuses morrem, senhor — disse o bispo — e todas as religiões, exceto o Cristianismo, recriam essas mortes como parte da sua veneração.

— Nós, Cristãos, passámos para além da morte — disse Galaad — para a vida.

— Nós temos um Deus glorificado — concordou Emrys, fazendo o sinal da cruz — mas Merlin não tem. — As luzes no céu eram agora mais brilhantes; enormes colunas de cores através das quais, semelhantes a fios numa tapeçaria, raios de luz branca raiavam e desapareciam. — A morte é a magia mais poderosa — disse o bispo desaprovativamente. — Um Deus misericordioso não o permitiria, e o nosso Deus pôs fim a isso com a morte do seu próprio Filho.

— Merlin não utiliza a morte — afirmou Culhwch, zangado.

— Utiliza, sim. — Falei com suavidade. — Antes de irmos buscar o Caldeirão, ele fez um sacrifício humano. Ele disse-mo.

— Quem? — perguntou Artur com rispidez.

— Não sei, senhor.

— Provavelmente mentia — disse Culhwch, olhando para cima. — Ele gosta de o fazer.

— Ou, o que é mais provável, ele disse a verdade — afirmou Emrys. — A antiga religião exigia muito sangue, e em geral era humano. Certamente que sabemos muito pouco, mas lembro-me do velho Balise me dizer que os druidas gostavam de matar pessoas. Normalmente eram prisioneiros. Alguns eram queimados vivos, outros colocados em sepulturas.

— E outros fugiam — acrescentei suavemente, porque eu próprio ha-

via sido atirado para uma sepultura druida quando era criança, e a minha fuga desse horror da morte, de corpos destroçados levava a que Merlim me adotasse.

Emrys ignorou o meu comentário.

— Noutras ocasiões, certamente — prosseguiu ele — impunha-se um sacrifício de maior valor. Em Elmet e Cornóvia falam ainda de sacrifícios praticados no Ano Negro.

— Que sacrifício era esse? — perguntou Artur.

— Podia ser apenas uma lenda — disse Emrys — porque aconteceu há muito para que a memória seja fiel. — O bispo falava do Ano Negro em que os Romanos se haviam apoderado de Ynys Mon e, desse modo, dilacerado o âmago da religião dos druidas, um acontecimento sombrio que teria ocorrido há mais de quatrocentos anos no nosso passado. — Mas nessas paragens as gentes ainda falam do sacrifício do rei Cefydd — continuou Emrys. — Há muito que ouvi a história, mas Balise sempre acreditou nela. É certo que Cefydd defrontava o exército romano e parece provável que ele tenha sido suplantado em número, por isso sacrificou o seu bem mais valioso.

— Que era? — perguntou Artur. E esqueceram-se das luzes no céu e olhava fixamente para o bispo.

— O seu filho, claro. Sempre assim sucedeu, senhor. O nosso próprio Deus sacrificou o Seu Filho, Jesus Cristo, e até pediu a Abraão que matasse Isaac, embora, claro, Ele se tivesse compadecido e renunciado a esse desejo. Mas os druidas de Cefydd convenceram-no a matar o seu filho. Obviamente, não resultou. Conta a História que os Romanos mataram Cefydd e todo o seu exército e depois destruíram os bosques dos druidas em Ynys Mon.

Pressenti que o bispo estava tentado a acrescentar alguns agradecimentos ao seu Deus por essa destruição, mas Emrys era diferente de Sansum, e, desse modo, foi suficientemente diplomata para guardar os agradecimentos para si.

Artur dirigiu-se para a arcada.

— O que se estará a passar no topo daquela colina, bispo? — perguntou em voz baixa.

— Não vos sei dizer, senhor — disse Emrys, indignado.

— Mas achais que estão a matar alguém?

— Julgo que é possível, senhor — afirmou Emrys nervosamente. — Julgo que é até provável.

— Quem? — perguntou Artur, e a dureza da sua voz fez com que todos os homens no pátio desviassem a sua atenção do resplendor no céu e olhassem fixamente para ele.



— Se for o antigo sacrifício, senhor, e o sacrifício supremo — disse Emrys — então será o filho do governante.

— Gawain, filho de Budic — afirmei, suavemente — e Mardoc.

— Mardoc? — Artur virou-se, de repente, para mim.

— Um filho de Mordred — respondi, percebendo de repente por que razão Merlim havia chamado Cywwyllog, e por que razão ele havia levado a criança para Mai Dun, e ainda por que tratara o rapaz tão bem. Porque não o percebera eu antes? Agora parecia óbvio.

— Onde está Gwydre? — perguntou Artur, de repente.

Por breves instantes ninguém respondeu, depois Galaad fez um gesto na direção da entrada da casa.

— Ele estava com os lanceiros — afirmou Galaad — enquanto comíamos.

Mas Gwydre já lá não estava, nem estava nos aposentos onde Artur dormia quando estava na Durnovária. Não conseguimos encontrá-lo em parte alguma, e ninguém se lembrava de o ter visto depois de a noite cair. Artur esqueceu-se por completo das luzes mágicas enquanto revistava o palácio, procurando-o das caves até ao pomar, mas não encontrou vestígios do seu filho. Pensei nas palavras que Nimue me dissera em Mai Dun quando me encorajou a levar Gwydre para Durnovária, recordei a sua discussão com Merlim em Lindinis sobre o verdadeiro governante de Dumnónia e não quis acreditar nas minhas suspeitas, embora não conseguisse ignorá-las.

— Senhor — peguei na manga de Artur. — Creio que ele foi levado para a colina. Não por Merlim, mas por Nimue.

— Ele não é filho de um rei — disse Emrys muito nervoso.

— Gwydre é filho de um governante! — gritou Artur. — Há aqui alguém que o negue? — Ninguém o fez e, de repente, ninguém se atreveu a dizer o que quer que fosse. Artur virou-se para o palácio. — Hygwydd! Uma espada, lança, escudo, *Llamrei!* Depressa!

— Senhor! — interveio Culhwch.

— Silêncio! — gritou Artur. Nessa altura ele estava furioso e foi em mim que descarregou a sua ira por eu o ter encorajado a permitir que Gwydre viesse a Durnovária. — Sabias o que ia acontecer? — perguntou-me.

— Claro que não, senhor. E continuo sem saber. Acaso achais que eu faria mal a Gwydre?

Artur fitou-me severamente, depois afastou-se.

— Nenhum de vós precisa de vir — disse ele por cima do ombro — mas eu vou imediatamente a Mai Dun buscar o meu filho.

Atravessou o pátio em passos largos até ao sítio onde Hygwydd, o seu servo, segurava *Llamrei* enquanto um moço da estrebaria lhe colocava a sela. Galaad seguiu-o em silêncio.

Confesso que durante alguns segundos não me mexi. Não queria fazê-lo. Eu queria que os Deuses viessem. Queria que todos os nossos problemas terminassem com o bater de grandes asas e o milagre de Beli Mawr galgando a terra com uma passada. Eu queria a Bretanha de Merlim.

E depois lembrei-me de Dian. Estaria a minha filha mais nova no pátio do palácio, nessa noite? A sua alma devia ter estado na terra, porque era Véspera do Samain, e de repente vieram-me lágrimas aos olhos quando me lembrei do sofrimento pela perda de uma criança. Não podia permanecer no pátio do palácio de Durnovária enquanto Gwydre morria, nem enquanto Mardoc sofria. Não queria ir a Mai Dun, mas sabia que não conseguiria encarar Ceinwyn se nada fizesse para evitar a morte de uma criança, por isso segui Artur e Galaad.

Culhwch deteve-me.

— Gwydre é filho de uma prostituta — resmungou ele demasiado baixo para que Artur ouvisse.

Optei por não discutir sobre a linhagem do filho de Artur.

— Se Artur for sozinho — disse eu, em vez disso — será morto. Há duas dezenas de Escudos Negros naquela colina.

— E se nós formos, comportar-nos-emos como inimigos de Merlim — avisou-me Culhwch.

— E se não formos — afirmei — comportar-nos-emos como inimigos de Artur.

Cuneglas veio para junto de mim e colocou uma mão no meu ombro.

— Então?

— Eu vou com Artur — respondi. Não queria, mas não podia proceder de outro modo.

— Issa! — gritei. — Um cavalo!

— Se fores — resmungou Culhwch, descontente — suponho que também terei de ir. Apenas para me certificar de que não és ferido.

Então, de repente, todos gritávamos por cavalos, armas e escudos.

Porque íamos nós? Pensei tantas vezes nessa noite. Ainda vejo as luzes trémulas a vacilar nos céus, e sinto o cheiro do fumo brotando do cume de Mai Dun, e o enorme peso da magia que oprimia a Bretanha. E, contudo, cavalgámos. Sei que estava confuso naquela noite rasgada pelas chamas. Eu era levado por um sentimentalismo por causa da morte de uma criança, pela memória de Dian, e pelo meu sentimento de culpa por ter encorajado Gwydre a ir a Durnovária, mas acima de tudo era movido pelo meu afeto por Artur. E, então, o meu afeto por Merlim e Nimue? Suponho que nunca pensei que precisassem de mim, mas Artur sim. E nessa noite em que a Bretanha estava encerrada entre o fogo e a luz, cavalguei à procura do seu filho.

Éramos doze. Artur, Galaad, Culhwch, Derfel e Issa éramos dum-

nonianos, os outros eram Cuneglas e os seus seguidores. Hoje, quando se conta a história, diz-se às crianças que Artur, Galaad e eu éramos três saqueadores da Bretanha, mas havia doze cavaleiros nessa noite dos mortos. Nós não tínhamos armaduras, apenas os nossos escudos, mas cada homem transportava uma lança e uma espada.

As gentes afastaram-se para as bermas da estrada iluminada pelas fogueiras quanto avançámos em direção ao portão sul de Durnovária, que estava aberto, como era deixado todas as Vésperas do Samain para permitir o acesso dos mortos à cidade. Baixámo-nos ao passar sob as vigas do portão, depois galopámos para sul e oeste, atravessando os campos cheios de pessoas a olharem enfeitiçadas para o misto agitado de chamas e fumo que saía do cume da colina.

Artur impunha uma marcha terrível e eu agarrei-me ao arção da minha sela, com medo de ser lançado ao chão. As nossas capas agitavam-se atrás, as bainhas das nossas espadas saltavam ruidosamente para baixo e para cima, enquanto por cima de nós os céus estavam cheios de fumo e luz. Senti o cheiro a madeira queimada e ouvi o crepitar das chamas muito antes de chegarmos à encosta da colina.

Ninguém tentou deter-nos enquanto nos apressámos a subir a colina. Só ao atingirmos o intrincado emaranhado do labirinto do portão da entrada é que alguns lanceiros nos barraram o caminho. Artur conhecia a fortaleza, porque quando Guinevere e ele viveram em Durnovária, vinham com frequência ao seu cume no verão; ele conduziu-nos sem se enganar através da tortuosa passagem e foi aí que três Escudos Negros levantaram as suas lanças para nos deterem. Artur não hesitou. Baixou os calcanhares, apontou-lhes a sua longa lança e deixou que *Llamrei* corresse. Os Escudos Negros desviaram-se para o lado, gritando desesperados enquanto os grandes cavalos passavam como relâmpagos.

Agora, a noite encheu-se de barulho e luz. O barulho provinha de uma enorme fogueira e do crepitar de árvores inteiras colocadas no centro das chamas ávidas. O fumo envolvia as luzes no céu. Havia lanceiros que nos gritavam dos taludes, mas nenhum nos fez frente quando irrompemos pelo talude interior para o cume de Mai Dun.

E aí fomos detidos, não pelos Escudos Negros, mas por um bafo de calor abrasador. Vi *Llamrei* a empinar-se e a afastar-se das chamas, Artur a segurar-se com firmeza à sua crina e os seus olhos a faiscarem vermelhos com o reflexo do fogo. O calor era semelhante ao de mil fornalhas de ferrador; uma baforada retumbante de ar abrasador fez-nos estremecer e recuar vacilantes. Eu não conseguia ver nada no interior das chamas, porque o centro do desenho de Merlim estava escondido pelos muros ferventes de fogo. Artur estocou *Llamrei* na minha direção.

— Por onde? — gritou ele.

Eu devo ter encolhido os ombros.

— Como entrou Merlin? — perguntou Artur.

Disse à sorte.

— Pelo lado mais afastado, senhor.

O templo ficava no lado este do labirinto de fogo e eu calculei que certamente teria sido deixada uma passagem através das espirais exteriores.

Artur puxou as rédeas e apressou *Llamrei* a subir o declive do talude interior para o caminho que seguia para o cume. Os Escudos Negros dispersaram em vez de o defrontarem. Subimos o talude atrás de Artur, e apesar de os nossos cavalos estarem aterrorizados com o enorme fogo à sua direita, seguiram *Llamrei* por entre as fagulhas crepitantes e o fumo. Quando uma enorme parte da fogueira caiu ao passarmos a galope, o meu cavalo desviou-se do inferno para o lado de fora do talude interior. Por instantes pensei que ele fosse cair no fosso e debrucei-me, desesperadamente, para fora da sela com a mão esquerda enleada na sua crina, mas não sei como, ele equilibrou-se, voltou ao caminho e continuou a galopar.

Uma vez passada a extremidade norte dos grandes círculos de fogo, Artur virou para baixo subindo de novo para o cume plano. Uma brasa incandescente aterrou na sua capa branca e começava a queimar a lã. Segui, coloquei-me ao seu lado e extingui o pequeno fogo.

— Onde? — perguntou-me ele.

— Ali, senhor. — Apontei para as espirais de fogo mais próximas do templo. Ali não vi nenhuma abertura, mas à medida que nos aproximávamos mais, parecia ter havido uma abertura que fora fechada com lenha, embora essa madeira nova não estivesse tão densamente empilhada como a restante e houvesse um espaço exíguo onde a lenha, em vez de ter dois ou três metros de altura, não ia além da cintura de um homem. Para lá daquela baixa abertura ficava o espaço aberto entre as espirais interiores e as exteriores, e nesse espaço vimos mais Escudos Negros a aguardarem.

Artur encaminhou *Llamrei* através da abertura. Ele estava inclinado para diante, falando com a montada, quase como se estivesse a explicar-lhe o que pretendia. Ela estava assustada. As suas orelhas continuavam recuadas, e dava pequenos passos nervosos, mas não se afastava das fogueiras enraivecidas que ardiam em cada um dos lados da única passagem que conduzia ao interior da fogueira do topo da colina. Artur deteve-a apenas a alguns passos da passagem e acalmou-a, uma vez que a sua cabeça não parava de abanar e os seus olhos estavam enormes e brancos. Deixou-a olhar para a abertura, depois fez-lhe uma festa no pescoço, voltou a falar-lhe e avançou.

Fê-la andar a trote num amplo círculo, esporeou-a num meio-galope,

depois esporeou-a de novo quando apontou para a abertura. Ela agitou a cabeça e eu pensei que se fosse recusar, mas depois pareceu decidir-se e correu para as chamas. Cuneglas e Galaad seguiram-na. Culhwch amaldiçoou o risco que corríamos e depois todos estocámos os nossos cavalos atrás de *Llamrei*.

Artur inclinou-se sobre o pescoço da égua à medida que ela batia ruidosamente com os cascos no chão em direção à fogueira. Deixou *Llamrei* escolher o seu caminho e ela voltou a abrandar. Pensei que estivesse de novo retraída, depois vi que se preparava para saltar por entre as chamas. Gritei, tentando esconder o medo, depois *Llamrei* saltou e eu perdi-a de vista, uma vez que o vento atirou um manto de fumo incandescente para a abertura. Galaad estava próximo do interior do espaço, mas o cavalo de Cuneglas guinou para o lado. Eu galopava velozmente atrás de Culhwch, e o calor e o clamor das fogueiras enchiam o ar barulhento. Penso que quase quis que a minha montada se recusasse, mas ela continuou e eu fechei os olhos quando as chamas e o fumo me rodearam. Senti o cavalo a subir, ouvi o seu relincho, depois caímos com um ruído surdo no interior do círculo exterior de chamas, sentindo um imenso alívio e querendo gritar triunfante.

Então, uma lança rasgou-me a capa mesmo por detrás do meu ombro. Estivera tão atento a vigiar o fogo que nem pensara no que nos esperava no interior do círculo de chamas. Um Escudo Negro havia-me estocado e falhado, mas agora ele abandonara a lança e corria para me empurrar da sela. Estava demasiado próximo da lâmina da minha lança para que eu pudesse usá-la, por isso bati simplesmente com a haste na sua cabeça e bati com os calcanhares no meu cavalo. O homem agarrou-me na lança. Larguei-a, desembainhei Hywelbane e ripostei uma vez. Vislumbrei Artur a andar em círculos sobre *Llamrei* e malhando com a espada para a esquerda e para a direita; agora, eu fazia o mesmo. Galaad bateu no rosto de um homem, estocou outro, depois esporeou o cavalo, afastando-se. Culhwch agarrara no cimo do elmo de um Escudo Negro e arrastava o homem em direção à fogueira. O homem tentava desesperadamente desapertar a correia que lhe passava por baixo do queixo, depois gritou quando Culhwch o atirou para as chamas antes de se afastar rodopiando.

Issa passava agora pela abertura, tal como Cuneglas e os seus seis seguidores. Os Escudos Negros sobreviventes haviam fugido para o centro do labirinto de fogo e nós seguimo-los a trote por entre dois muros de chamas. A espada emprestada na mão de Artur estava vermelha com a luz. Esporeou *Llamrei* e ela seguiu em meio-galope e os Escudos Negros, sabendo que seriam apanhados, afastaram-se a correr e largaram as suas lanças mostrando-nos que não lutariam mais.

Tivemos de cavalgar metade do caminho em torno do círculo à pro-

cura da entrada para a espiral interior. A abertura entre as fogueiras interiores e as exteriores tinha uns bons trinta passos de um lado ao outro, sendo suficientemente ampla para nos deixar cavalgar sem sermos fritos vivos, mas o espaço no interior da passagem da espiral tinha menos de dez passos de largura, e estas eram as maiores fogueiras, as mais temíveis, pelo que todos hesitámos à entrada. Continuávamos sem ver nada do que acontecia no interior do círculo. Saberia Merlim que nós ali estávamos? E os Deuses? Olhei para cima, quase esperando que uma lança vingativa fosse violentamente lançada dos céus, mas havia apenas o dossel tortuoso do fumo a encobrir o céu torturado pelo fogo e em cascatas de luz.

E assim cavalgámos para a última espiral com firmeza e rapidez, galopando numa curva apertada por entre o barulho vociferador de chamas a saltar. As nossas narinas estavam cheias de fumo, enquanto as brasas nos queimavam os rostos, mas curva sobre curva aproximávamo-nos cada vez mais do centro do mistério.

O barulho das fogueiras ocultou a nossa chegada. Julgo que Merlim e Nimue não faziam a mínima ideia que o seu ritual estava prestes a terminar, porque não nos viram. Pelo contrário, os guardas no centro do círculo foram os primeiros a ver-nos e gritaram um aviso, correndo para nos barrarem o caminho. Mas Artur saiu das fogueiras como um demónio com uma capa de fumo. De facto, as suas vestes fumegavam à medida que ele gritava um desafio e atirava *Llamrei* violentamente de encontro ao escudo defensivo mal formado e feito à pressa dos Escudos Negros. Quebrou esse muro com uma velocidade e um peso impressionantes, e nós seguimo-lo com as espadas vacilantes, enquanto o punhado de Escudos Negros leais se juntava.

Gwydre estava ali. E Gwydre estava vivo.

Estava nas garras de dois Escudos Negros que, ao verem Artur, soltaram o rapaz. Nimue gritou-nos, rogando pragas através do círculo central de cinco fogueiras, enquanto Gwydre corria soluçante para junto do seu pai. Artur curvou-se e apenas com um braço puxou o filho para a sela. Depois virou-se para olhar para Merlim.

Merlim, de cujo rosto escorria suor, olhou fixa e calmamente para nós. Estava a meio de uma escada, de mão encostada a uma força feita de troncos de árvore enterrados a direito no chão e cruzados por um terceiro, e essa força encontrava-se agora justamente no centro das cinco fogueiras que constituíam o círculo do meio. O druida tinha vestida uma túnica branca, cujas mangas estavam vermelhas de sangue desde os punhos até aos cotovelos. Na sua mão tinha uma enorme faca, mas no seu rosto, posso jurar, vislumbrou-se um olhar momentâneo de completo alívio.

O pequeno Mardoc estava vivo, apesar de não sobreviver por muito

tempo. A criança já estava nua, apenas com um pedaço de tecido que lhe fora atado à boca para silenciar os seus gritos, e pendia da forca pelos tornozelos. Junto dele, também pendurado pelos tornozelos, estava um corpo pálido e magro que parecia muito branco à luz das chamas. Simplesmente, a garganta do cadáver tinha sido cortada quase até à coluna e todo o sangue do homem escorrera para o interior do Caldeirão, pingando ainda das pontas lisas e avermelhadas do longo cabelo de Gawain. O seu cabelo era tão comprido que as suas tranças ensanguentadas caíam dentro do rebordo dourado do Caldeirão de prata de Clyddno Eiddyn, e foi apenas por esse cabelo comprido que eu percebi que era Gawain quem ali estava pendurado, uma vez que o seu belo rosto estava coberto de sangue, escondido pelo sangue, disfarçado pelo sangue.

Merlim, ainda com a longa faca com que tinha matado Gawain na mão, parecia ter emudecido com a nossa chegada. O seu olhar de alívio desaparecera e agora eu não conseguia de todo ler o que quer que fosse no seu rosto, mas Nimue guinchava connosco. Ergueu a palma da mão esquerda, a que tinha a cicatriz igual à da minha mão esquerda.

— Mata Artur! — gritou-me ela. — Derfel! Tu prestaste-me juramento! Mata-o! Agora não podemos parar!

De repente, a lâmina de uma espada reluziu junto à minha barba. Era Galaad quem a empunhava, e ele sorria gentilmente para mim.

— Não te mexas, meu amigo — disse ele. Ele conhecia o poder dos juramentos, mas também sabia que eu não mataria Artur e tentava, por isso, poupar-me à vingança de Nimue. — Se Derfel se mexer — disse ele a Nimue — cortar-lhe-ei a goela.

— Corta! — gritou ela. — Esta é uma noite pela morte dos filhos dos reis!

— Não do meu filho — disse Artur.

— Tu não és rei, Artur ap Uther. — Merlim falou por fim. — Pensaste que eu iria matar Gwydre?

— Então, porque está ele aqui? — perguntou Artur. Tinha um braço em volta de Gwydre, enquanto o outro segurava a sua espada ensanguentada. — Porque está ele aqui? — Artur voltou a perguntar, mais zangado.

Pela primeira vez, Merlim nada tinha para dizer e foi Nimue quem respondeu.

— Ele está aqui, Artur ap Uther — disse ela com um sorriso escarninho — porque a morte dessa miserável criatura pode não ser suficiente. — E apontou para Mardoc que se torcia desesperadamente na forca. — Ele é filho de um rei, mas não o herdeiro legítimo.

— Então Gwydre teria morrido? — perguntou Artur.

— E voltado à vida! — disse Nimue de forma beligerante. Ela tinha

de gritar para ser ouvida por causa do barulho estilhaçante e encolerizado das fogueiras. — Não conheces o poder do Caldeirão? Coloca os mortos no Caldeirão de Clyddno Eiddyn e eles voltarão a caminhar, a respirar e a viver. — Dirigiu-se com um passo imponente para Artur, a demência espelhada no seu único olho. — Dá-me o rapaz, Artur.

— Não. — Artur puxou as rédeas de *Llamrei* e a égua afastou-se de Nimue. Ela virou-se para Merlim.

— Mata-o! — gritou ela, apontando para Mardoc. — Ao menos podemos tentar com ele. Mata-o!

— Não! — gritei.

— Mata-o! — guinchou Nimue, e depois, como Merlim não se mexia, ela correu em direção à força.

Merlim parecia incapaz de se mexer, mas depois Artur voltou a virar *Llamrei* e evitou Nimue novamente. Deixou que o seu cavalo batesse nela, fazendo-a cair na turfa.

— Deixa a criança viver — disse Artur para Merlim. Nimue enclavinhou as mãos como garras e virou-as para ele, mas ele empurrou-a e, quando ela se voltou novamente para ele, vendo-se-lhe apenas os dentes e as mãos como ganchos, ele meneou a espada em direção à cabeça dela, e essa ameaça acalmou-a.

Merlim moveu a lâmina brilhante para junto da garganta de Mardoc. O druida parecia quase afável, apesar das suas mangas ensopadas de sangue e da longa espada na sua mão.

— Julgas, Artur ap Uther, que podes derrotar os Saxões sem a ajuda dos Deuses? — perguntou ele.

Artur ignorou a pergunta.

— Liberta o rapaz — ordenou ele.

Nimue virou-se para ele.

— Pretendes ser amaldiçoado, Artur?

— Eu estou amaldiçoado — respondeu, amargamente.

— Deixa o rapaz morrer! — gritou Merlim da escada. — Ele não te é nada, Artur. Uma aventura passageira de um rei, um bastardo nascido de uma prostituta.

— E que mais sou eu — gritou Artur — do que uma aventura passageira de um rei, um bastardo nascido de uma prostituta?

— Ele tem de morrer — afirmou Merlim, pacientemente — e a sua morte irá trazer os Deuses até nós, e quando eles chegarem, Artur, colocaremos o seu corpo no Caldeirão e deixaremos que o sopro da vida volte.

Artur gesticulou na direção do corpo horripilante e sem vida de Gawain, seu sobrinho.

— E uma morte não basta?



— Uma morte nunca é suficiente — disse Nimue. Ela contornara o cavalo de Artur correndo para tentar alcançar a forca onde agora segurava com firmeza a cabeça de Mardoc para que Merlim pudesse cortar-lhe a garganta.

Artur aproximou *Llamrei* ainda mais da forca.

— E se os Deuses não vierem depois de duas mortes consumadas, Merlim — perguntou ele — quantas mais se seguirão?

— Tantas quantas as necessárias — respondeu Nimue.

— E sempre — Artur falou em voz alta, para que todos o pudessem ouvir — que a Bretanha estiver em aflições, sempre que surgir um inimigo, sempre que surgir uma peste, sempre que os homens e as mulheres estiverem assustados, levaremos crianças para o cadafalso?

— Se os Deuses vierem — afirmou Merlim — jamais haverá pestes, medos ou guerras.

— E virão eles? — perguntou Artur.

— Vêm a caminho! — gritou Nimue. — Olha! — E apontou para cima com a sua mão livre. Todos olhámos e eu vi que as luzes no céu se desvaneciam. Os azuis brilhantes obscureciam-se em preto-púrpura, os vermelhos esfumavam-se e eram indistintos, e as estrelas brilhavam de novo para lá daquelas cortinas que agora se extinguíam.

— Não! — gemeu Nimue — Não! — E lançou o último grito num lamento que parecia durar para sempre.

Artur havia conduzido *Llamrei* até à forca.

— Chamas-me o *Amherawdr* da Bretanha — disse ele a Merlim — e um imperador tem de governar ou deixar de ser imperador, e eu não governarei numa Bretanha onde as crianças têm de morrer para salvar as vidas dos adultos.

— Não sejas ridículo! — protestou Merlim. — Puro sentimentalismo!

— Eu seria recordado — disse Artur — como um homem justo, e há já demasiado sangue nas minhas mãos.

— Serás recordado — gritou-lhe Nimue — como um traidor, um saqueador, um covarde.

— Mas não — disse Artur, calmamente — pelos descendentes desta criança. — E com estas palavras alcançou a forca e com a sua espada cortou a corda que segurava os tornozelos de Mardoc. Nimue gritou quando o rapaz caiu, depois saltou de novo para Artur com os punhos enclavinhados como garras, mas Artur ripostou batendo-lhe com força na cabeça com a parte achatada da sua espada, fazendo-a rodopiar aturdida. Conseguiu-se ouvir com facilidade a força do golpe por cima do crepitar das chamas. Nimue cambaleou, balbuciou, o seu único olho toldou-se, e depois caiu.

— Devia ter feito isto a Guinevere — resmungou Culhwch para mim.

Galaad havia saído de ao pé de mim, tinha desmontado e agora soltava as amarras de Mardoc. De imediato, a criança começou a gritar pela mãe.

— Nunca consegui habituar-me a crianças barulhentas — disse Merlim calmamente, depois mudou a escada para que ficasse junto à corda que prendia Gawain à viga mestra. Subiu os degraus devagar. — Não sei — afirmou ele enquanto subia com esforço — se os Deuses vieram ou não. Vós todos esperáveis demasiado, e talvez eles já aqui estejam. Quem sabe? Mas nós acabaremos sem o sangue do filho de Mordred. — E com isto serrou, desajeitadamente, a corda que prendia os tornozelos de Gawain. O corpo oscilava de tal modo, enquanto ele o soltava, que o cabelo ensopado de sangue batia no bordo do Caldeirão, mas assim que a corda se partiu, o corpo caiu pesadamente no sangue, salpicando e manchando o rebordo do Caldeirão. Merlim desceu da escada devagar, depois ordenou aos Escudos Negros que haviam estado a observar a confrontação que trouxessem os enormes cestos de verga com sal que se encontravam a alguns metros de distância. Os homens vazaram o sal para dentro do Caldeirão, comprimindo-o com firmeza em torno do corpo arqueado e nu de Gawain.

— E agora? — perguntou Artur, embainhando a sua espada.

— Nada — afirmou Merlim. — Terminou.

— Excalibur? — perguntou Artur.

— Está na espiral mais a sul — disse Merlim, apontando nessa direção — embora desconfie que tenhas de esperar que as fogueiras se extingam antes de conseguires retirá-la.

— Não! — Nimue havia-se restabelecido o suficiente para protestar. O sangue jorrava do interior da bochecha que fora aberta pelo golpe de Artur. — Os Tesouros são nossos!

— Os Tesouros — disse Merlim, penosamente — foram reunidos e usados. Agora já nada valem. Artur pode ficar com a sua espada. Ele irá precisar dela. — Virou-se e atirou a sua longa faca para a fogueira mais próxima, depois voltou a virar-se para olhar para os dois Escudos Negros que acabavam de comprimir o conteúdo do Caldeirão. O sal tornava-se rosa à medida que cobria o corpo hediondamente ferido de Gawain.

— Na primavera — disse Merlim — virão os Saxões, e nessa altura veremos se hoje aqui houve alguma magia.

Nimue gritou conosco. Chorou e bradou, cuspiu e amaldiçoou, prometeu-nos que a morte viria do ar, do fogo, da terra e do mar. Merlim ignorou-a, mas Nimue nunca estava preparada para aceitar meias-medidas, e nessa noite ela tornou-se inimiga de Artur. Ainda nessa noite começou a trabalhar em maldições que lhe permitiriam vingar-se dos homens que haviam impedido a vinda dos Deuses a Mai Dun. Chamou-nos os saqueadores da Bretanha e prometeu-nos horrores.

menos setecentas lanças, e o dele era o mais fraco dos dois reinos saxões. Estimávamos que Cerdic teria mil lanças, e chegavam-nos rumores de que Cerdic comprara lanceiros a Clovis, o Rei dos Francos. Esses homens assoldados recebiam em ouro e era-lhes prometido mais ouro quando a vitória os brindasse com os tesouros da Dumnónia. Os nossos espiões também informaram que os Saxões esperariam até à passagem da Festa de Eostre, o seu festival da primavera, para dar tempo a que os novos barcos chegassem do outro lado do mar. Eles terão dois mil e quinhentos homens, calculou Artur, e nós apenas temos mil e duzentos se Meurig não combater. Certamente que nós podíamos aumentar o recrutamento, mas nenhum recrutamento seria suficiente contra guerreiros muito bem treinados, e o nosso recrutamento de homens velhos e rapazes contrastaria com o *fyrð* saxão.

— Então, sem os lanceiros de Gwent — afirmei, sombriamente — estamos condenados.

Artur raramente sorrisse desde a traição de Guinevere, mas naquela altura sorriu.

— Condenados? Quem diz isso?

— Vós o dizeis, senhor. Os números o dizem.

— Tu nunca lutaste e ganhaste estando em desvantagem numérica?

— Sim, senhor, assim já aconteceu.

— Então, porque não podemos nós ganhar novamente?

— Só um louco procura lutar contra um inimigo mais forte, senhor — afirmei.

— Só um louco procura lutar — afirmou ele, vigorosamente. — Não quero lutar na primavera. São os Saxões que pretendem fazê-lo, e nós não temos outra alternativa. Acredita em mim, Derfel, eu não quero estar em inferioridade numérica, e o que quer que eu consiga fazer para convencer Meurig a lutar, farei, mas se Gwent não quiser avançar, então teremos de derrotar os Saxões sozinhos. E nós podemos vencê-los! Acredita nisso, Derfel!

— Eu acredito nos Tesouros, senhor.

Ele deu uma gargalhada ridícula.

— Este é o Tesouro em que eu acredito — disse ele, batendo ao de leve no copo de Excalibur. — Acredita na vitória, Derfel! Se defrontarmos os Saxões como homens derrotados, eles darão os nossos ossos aos lobos. Mas se nós os defrontarmos como vencedores, ouvi-los-emos gemer.

Era uma bela bravata, mas era difícil acreditar na vitória. Dumnónia estava envolta em pessimismo. Havíamos perdido os nossos Deuses, e o povo dizia que fora Artur quem os havia afastado. Ele não era apenas o inimigo do Deus cristão, agora ele era o inimigo de todos os Deuses e os

Permanecemos na colina durante toda a noite. Os Deuses não vieram, e as fogueiras arderam tão furiosamente que apenas na tarde do dia seguinte Artur conseguiu reaver Excalibur. Mardoc foi entregue à sua mãe, apesar de mais tarde ter vindo a saber que ele morrera nesse inverno devido a uma febre.

Merlim e Nimue levaram consigo os outros Tesouros. Uma carroça puxada por bois levou o Caldeirão com o seu sinistro conteúdo. Nimue caminhava à frente e Merlim, como um velho obediente, seguia-a. Levaram *Anbarr*, o cavalo preto não domado de Gawain e levaram também o enorme estandarte da Bretanha. Para onde iam, nenhum de nós sabia, mas calculámos que seria para um sítio ermo, a oeste, onde as pragas de Nimue podiam ser aperfeiçoadas pelas tempestades do inverno.

Antes de os Saxões chegarem.

É estranho, ao olhar para trás, lembrar como Artur era odiado nessa altura. No verão, ele havia deitado por terra as esperanças dos Cristãos e agora, no final do outono, destruía os sonhos pagãos. Como sempre, pareceu surpreendido com a sua impopularidade.

— Que mais era suposto eu fazer? — perguntou-me. — Deixar o meu filho morrer?

— Cefydd fê-lo — afirmei, inutilmente.

— E ainda assim Cefydd perdeu a batalha! — disse Artur, rispidamente. Seguíamos a cavalo para o Norte. Eu ia para casa, para Dun Caric, enquanto Artur, juntamente com Cuneglas e o bispo Emrys, viajava ao encontro do rei Meurig de Gwent. Esse encontro era o único assunto que interessava a Artur. Ele nunca acreditara que os Deuses salvassem a Bretanha dos Sais, mas achava que os oitocentos ou novecentos lanceiros bem treinados de Gwent podiam atuar como fator decisivo. Nesse inverno a sua cabeça fervilhou com números. Dumnónia, calculou ele, podia pôr em campo seiscentos lanceiros dos quais cem já haviam sido testados no campo de batalha. Cuneglas traria outros quatrocentos, os Escudos Negros irlandeses outros cento e cinquenta e a esses podíamos acrescentar talvez cem homens sem senhor que podiam vir da Armórica ou dos reinos a norte, em busca dos saques.

— Digamos mil e duzentos homens — calcularia Artur, depois afadigar-se-ia a ajustar para mais ou para menos de acordo com a sua disposição.

Se esta era otimista, por vezes, atrevia-se a acrescentar oitocentos homens de Gwent, dando-nos um total de dois mil homens. Contudo, até mesmo isso, clamava ele, podia não ser o suficiente, porque os Saxões provavelmente teriam um exército ainda maior. Aelle podia reunir pelo

homens diziam que os Saxões eram o seu castigo. Até mesmo o tempo presagiava infortúnio porque, na manhã seguinte à minha separação de Artur, começou a chover e parecia que essa chuva não mais iria parar. Os dias que se seguiram trouxeram nuvens cinzentas baixas, um vento gelado, e uma chuva persistente. Tudo estava molhado. As nossas roupas, as nossas camas, a nossa lenha, todas as paredes das nossas casas pareciam untadas por causa da humidade. As lanças enferrujavam nos seus armeiros, os cereais armazenados germinavam ou ficavam bolorentos, e ainda assim a chuva fustigava implacavelmente de oeste. Ceinwyn e eu fizemos os possíveis por vedar o palácio de Dun Caric. O irmão dela presenteou-a com peles de lobo que trouxera de Powys e nós usámo-las para forrar as paredes de madeira, mas o próprio ar por baixo das vigas do telhado parecia encharcado. Fogueiras ardiam com aspeto lúgubre dando-nos de má vontade um calor intermitente e fuliginoso que ruborescia os nossos olhos. As nossas duas filhas estavam intratáveis no início desse inverno. Morwenna, a mais velha, que normalmente era a mais plácida e bem-disposta das crianças, tornou-se violenta e tão insistentemente egoísta que Ceinwyn chegou a bater-lhe com o cinto.

— Ela tem saudades de Gwydre — disse-me Ceinwyn ao cabo de algum tempo.

Artur ordenara que Gwydre não saísse de ao pé de si, por isso o rapaz havia partido com o seu pai para se encontrarem com o rei Meurig.

— Eles devem casar-se no próximo ano — acrescentou Ceinwyn. — Isso curá-la-á.

— Se Artur deixar que Gwydre case com ela — respondi, sombriamente. — Nos tempos que correm, ele não sente grande afeto por nós. — Eu quis acompanhar Artur a Gwent, mas ele recusou-se perentoriamente. Houve uma época em que eu próprio pensei ser o seu melhor amigo, mas agora ele resmungava quando me via, em vez de me acolher com prazer. — Ele pensa que eu pus em risco a vida de Gwydre — afirmei.

— Não — discordou Ceinwyn. — Ele tem sido distante contigo desde a noite em que descobriu Guinevere.

— Porque é que isso haveria de mudar as coisas?

— Porque tu estavas com ele, meu querido — disse Ceinwyn, pacientemente — e contigo ele não pode fingir que nada mudou. Tu foste uma testemunha da sua vergonha. Ele vê-te e recorda-se dela. Ele também tem ciúmes.

— Ciúmes?

Ela sorriu.

— Ele acha que tu és feliz. Agora, pensa que se tivesse casado comigo, também seria feliz.

— Provavelmente seria — afirmei.  
— Até o sugeriu — disse Ceinwyn, despreocupadamente.  
— Ele fez o quê? — irrompi.  
Ela contou-me a verdade.  
— Não foi a sério, Derfel. O pobre homem precisa novamente de confiança. Ele julga que porque uma mulher o rejeitou, todas as mulheres poderão fazê-lo e, por isso, pediu-me.  
Toquei no copo de Hywelbane.  
— Nunca me contaste isso.  
— Porque havia de o fazer? Nada havia para contar. Ele fez uma pergunta muito tímida e eu disse-lhe que jurara aos Deuses ficar contigo. Disse-lho com muita delicadeza, e depois disso ele sentiu-se muito envergonhado. Também lhe prometi que não te contaria, e agora quebrei essa promessa, o que significa que serei castigada pelos Deuses. — Encolheu os ombros como se sugerisse que o castigo era merecido e, por isso, aceite. — Ele precisa de uma esposa — acrescentou ela de modo estranho.  
— Ou de uma mulher.  
— Não — disse Ceinwyn. — Não é um homem fortuito. Ele não consegue dormir com uma mulher e depois ir-se embora. Confunde desejo com amor. Quando Artur dá a sua alma, dá tudo, e não consegue dar apenas um pouco de si próprio.  
Eu continuava furioso.  
— E que achou ele que eu faria enquanto casava contigo?  
— Ele pensou que tu governarias Dumnónia como guardião de Mordred — disse Ceinwyn. — Tinha essa estranha ideia de que eu iria com ele para Broceliande e aí viveríamos como crianças sob a luz do Sol, e tu ficarias aqui e derrotarias os Saxões. — Ela deu uma gargalhada.  
— Quando te fez ele essa pergunta?  
— No dia em que te ordenou que partisses ao encontro de Aelle. Creio que pensou que eu fugiria com ele enquanto tu estavas fora.  
— Ou tinha esperança que Aelle me matasse — afirmei ressentido, lembrando-me da promessa dos Saxões de matarem todos os mensageiros.  
— Depois disso ele ficou muito envergonhado — garantiu-me Ceinwyn, seriamente. — E não lhe vais falar no que eu te contei. — Ela fez-mo prometer e eu mantive a promessa. — Foi uma coisa sem importância nenhuma — acrescentou ela, acabando com a conversa. — Ele teria ficado muito chocado se eu tivesse dito que sim. Ele fez a pergunta, Derfel, porque sofre, e os homens que sofrem comportam-se de modo desesperado. O que ele realmente deseja é fugir com Guinevere, mas não pode, porque o seu orgulho não o deixa, e ele sabe que todos precisamos dele para derrotar os Saxões.

Para o fazer precisávamos dos lanceiros de Meurig, mas não tivéramos quaisquer notícias sobre as negociações de Artur com Gwent. As semanas passavam e continuavam a não chegar notícias verdadeiras do Norte. Um sacerdote que viajara de Gwent contou-nos que Artur, Meurig, Cuneglas e Emrys haviam falado durante uma semana em Burrium, a capital de Gwent, mas o sacerdote nada sabia sobre o que fora decidido. O sacerdote era um homem baixo e sombrio, estrábico e com uma pequena barba, que moldava com cera de abelha na forma de uma cruz. Ele viera a Dun Caric, porque não havia nenhuma igreja na pequena vila e ele pretendia aí estabelecer uma. À semelhança de muitos destes sacerdotes errantes, tinha um grupo de mulheres; três criaturas sostras que se agrupavam protetoramente em volta dele. Eu soube pela primeira vez da sua chegada quando começou a pregar à porta da oficina do ferrador junto à nascente, e eu enviei Issa e mais dois lanceiros para pararem com o seu disparate e o levarem ao palácio. Demos-lhe a comer uma papa muito líquida de grãos de cevada germinados, que ele comeu avidamente, pondo colheradas da quente mistura na boca e depois sibilando e lançando perdigotos, porque a comida lhe queimava a língua. Bocados de papa alojaram-se-lhe na barba de formas estranhas. As mulheres que o acompanhavam recusaram-se a comer enquanto ele não tivesse acabado.

— Tudo o que sei, senhor — respondeu ele às nossas impacientes perguntas — é que Artur viajou agora para oeste.

— Para onde?

— Para Demétia, senhor. Para se encontrar com Oengus mac Airem.

— Porquê?

Ele encolheu os ombros.

— Não sei, senhor.

— Está o rei Meurig a fazer preparativos para a guerra? — perguntei.

— Ele está preparado para defender o seu território, senhor.

— E para defender a Dumnónia?

— Apenas se a Dumnónia reconhecer o único Deus, o Deus verdadeiro — afirmou o sacerdote, fazendo o sinal da cruz com a colher de madeira e salpicando as suas vestes sujas com bocados da papa de cevada. — O nosso rei está convencido de que a cruz e as suas lanças não serão entregues aos pagãos. — Levantou os olhos para o crânio de boi que estava pregado a uma das nossas grandes vigas e fez de novo o sinal da cruz.

— Se os Saxões tomarem a Dumnónia — afirmei — então Gwent não estará muito longe.

— Cristo irá proteger Gwent — insistiu o sacerdote. Entregou a tigela a uma das suas mulheres, que rapou os escassos restos com um dedo imundo. — Cristo proteger-vos-á, senhor — continuou o sacerdote — se vos

tornardes humildes diante Dele. Se renunciardes aos vossos Deuses e vos batizardes, então tereis a vitória no novo ano.

— Então, porque não saiu Lancelote vitorioso no verão passado? — perguntou Ceinwyn.

O sacerdote olhou-a com o olho são, enquanto o outro vagueava entre sombras.

— O rei Lancelote, senhora, não foi O Escolhido. O rei Meurig, sim. Dizem as nossas Escrituras que um homem será escolhido e parece que o rei Lancelote não era esse homem.

— Escolhido para fazer o quê? — perguntou Ceinwyn.

O sacerdote olhou fixamente para ela; era ainda uma mulher bonita, tão preciosa e calma, a estrela de Powys.

— Escolhido, senhora — afirmou ele — para unir todos os povos da Bretanha sob o Deus vivo. Saxões e Bretões, Gwentianos e Dumnonianos, Irlandeses e Picos, todos venerando o único Deus verdadeiro e todos vivendo em paz e amor.

— E se nós decidirmos não seguir o rei Meurig? — perguntou Ceinwyn.

— Nesse caso, o nosso Deus destruir-vos-á.

— E essa — perguntei — é a mensagem que vieste aqui pregar?

— Outra coisa não posso fazer, senhor. Foi-me ordenado.

— Por Meurig?

— Por Deus.

— Mas eu sou o senhor das terras dos dois lados da nascente — afirmo — e de todas as terras para sul até Caer Cadarn e para norte até Aquae Sulis e tu não vais pregar aqui sem a minha autorização.

— Homem nenhum pode contrariar a palavra de Deus, senhor — afirmou o sacerdote.

— Isto pode — disse eu, desembainhando Hywelbane.

As mulheres sibilaram. O sacerdote olhou fixamente para a espada, depois cuspiu para a lareira.

— Arrisca-vos à ira de Deus?

— Arriskas-te à minha ira — disse eu — e se amanhã, ao pôr-do-sol, ainda estiveres nas terras que governo, entrego-te como escravo aos meus escravos. Esta noite podes dormir com os animais, mas amanhã partirás.

No dia seguinte ele partiu ressentido, e como que para me castigar, a primeira neve desse inverno chegou com a sua partida. Essa neve vinha cedo, prometendo uma estação rigorosa. No início caiu como saraiva, mas ao cair da noite tornara-se uma neve espessa que branqueava a terra na penumbra. Ficou mais frio na semana seguinte. Pingentes de gelo pendiam do interior do nosso telhado e começou, então, a longa luta de inverno para



nos aquecermos. Na vila, as gentes dormiam com o gado, enquanto nós combatíamos o ar gelado com enormes fogueiras que faziam com que os pingentes de gelo pingassem do colmo. Colocámos o nosso gado para o inverno no alpendre para os animais, e matámos os outros, guardando a sua carne em sal, assim como Merlim havia conservado o corpo ensopado de sangue de Gawain. Durante dois dias a vila ecoou com os mugidos enfurcidos de bois que eram arrastados para a morte. A neve estava salpicada de vermelho e o ar fedia a sangue, sal e excrementos. Dentro do palácio as fogueiras bramiam, mas aqueciam-nos pouco. Acordávamos frios, tremíamos embrulhados nas nossas peles e aguardávamos em vão um degelo. A nascente gelou de tal modo que todos os dias tínhamos de quebrar o gelo para retirar a água.

Continuámos ainda assim a treinar os nossos jovens lanceiros. Fizemo-los marchar na neve, enrijecendo os seus músculos para lutarem contra os Saxões. Nos dias em que nevava com maior intensidade e o vento fazia com que os espessos flocos serpenteassem em volta das empenas encrostadas de neve das pequenas casas da vila, fiz com que os homens retirassem os seus escudos dos pranchões em salgueiro cobertos com cabedal. Eu formava um grupo de guerra, mas ao observá-los a trabalhar, temi pelas suas vidas, questionando-me quantos iriam sobreviver para ver o Sol do verão.

Chegou uma mensagem de Artur mesmo antes do solstício. Em Dun Caric estávamos ocupados a preparar o grande festival que duraria toda a semana até à morte do sol, quando o bispo Emrys chegou. Montava um cavalo com os cascos envoltos em cabedal e era escoltado por seis lanceiros de Artur. O bispo disse-nos que ficara em Gwent a discutir com Meurig, enquanto Artur fora para Demétia.

— O rei Meurig não recusou liminarmente ajudar-nos — disse-nos o bispo, tremendo junto à lareira, onde abrira um espaço para si, empurrando dois dos nossos cães para o lado. Dirigiu as suas mãos rechonchudas e com gretas vermelhas na direção das chamas. — Todavia, as suas condições para essa ajuda são, receio eu, inaceitáveis. — Espirrou. — Querida senhora, sois muito amável — disse ele a Ceinwyn que lhe trouxera um corno de hidromel quente.

— Que condições? — perguntei.

Emrys abanou a cabeça, tristemente.

— Ele quer o trono de Dumnónia, senhor.

— Ele quer o quê? — explodi.

Emrys ergueu uma mão rechonchuda e gretada para silenciar a minha ira.

— Ele diz que Mordred não tem capacidade para governar, que Ar-

tur não deseja governar, e que a Dumnónia precisa de um rei cristão. Ele oferece-se.

— Estupor — disse eu. — O estupor traidor e covarde.

— Artur não pode aceitá-lo, claro — disse Emrys — o seu juramento a Uther garante-o. — Bebeu um pequeno gole de hidromel e suspirou apreciadoramente. — É tão bom estar novamente quente.

— Então, a menos que concedamos o reino a Meurig — afirmei zangado — ele não nos ajudará?

— Assim o afirma. Ele insiste que Deus irá proteger Gwent e que, a menos que o aclamemos rei, teremos de defender Dumnónia sozinhos.

Caminhei para a porta do palácio, afastei a cortina de cabedal e olhei fixamente para a neve que formava um monte alto nas pontas da nossa paliçada de madeira.

— Haveis falado com o seu pai? — perguntei a Emrys.

— Estive, de facto, com Tewdric — disse o bispo. — Fui com Agricola, que vos manda as melhores saudações.

Agricola fora o senhor da guerra do rei Tewdric, um magnífico guerreiro que combatera com uma armadura romana e com uma ferocidade arrepiante. Mas agora Agricola era um homem velho, e Tewdric, o seu senhor, desistira do trono e rapara a cabeça numa tonsura de sacerdote, e deste modo concedera o poder ao seu filho.

— Agricola está bem? — perguntei a Emrys.

— Velho, mas vigoroso. Ele concorda connosco, claro, mas... — Emrys encolheu os ombros. — Quando Tewdric abdicou do trono, desistiu do seu poder. Ele diz que não pode mudar a opinião do seu filho.

— Não o fará — resmunguei, voltando para junto da fogueira.

— Provavelmente não o fará — concordou Emrys. Suspirou. — Eu gosto de Tewdric, mas por enquanto ele está ocupado com outros problemas.

— Que problemas? — perguntei com demasiada veemência.

— Ele gostaria de saber — respondeu Emrys, acanhadamente — se no céu comeremos como mortais, ou se seremos poupados à necessidade de alimentos terrenos. Existe uma crença, deveis ter ouvido, que afirma que os anjos nada comem, que de facto são poupados a todos os vulgares e terrenos apetites, e o velho rei está a tentar reproduzir esse modo de vida. Come muito pouco, de facto, vangloriou-se por certa vez conseguir estar três semanas inteiras sem defecar e, depois disso, sentir-se muito mais piedoso. — Ceinwyn sorriu, mas eu nada disse, limitando-me a olhar fixamente para o bispo sem acreditar.

Emrys acabou o hidromel.

— Tewdric afirma — acrescentou ele dubiamente — que passará fome

até atingir o estado de graça. Confesso que não estou convencido disso, mas ele parece de facto um homem muitíssimo piedoso. Todos devíamos ser igualmente abençoados.

— O que diz Agricola? — perguntei.

— Ele vangloria-se da frequência com que defeca. Perdoai-me, senhora.

— Deve ter sido uma alegre reunião para ambos — disse Ceinwyn, secamente.

— Não foi útil no imediato — admitiu Emrys. — Eu tinha esperança de convencer Tewdric a mudar a opinião do seu filho, mas infelizmente — encolheu os ombros — tudo o que agora podemos fazer é rezar.

— E manter as nossas lanças aguçadas — afirmei com ar triste.

— Isso também — concordou o bispo. Voltou a espirrar e fez o sinal da cruz para afastar a má sorte do espirro.

— Meurig deixará que os lanceiros de Powys atravessem as suas terras? — perguntei.

— Cuneglas disse-lhe que se ele recusasse essa autorização, atravessaria sem ela.

Soltei um gemido. A última coisa de que precisávamos era que um reino britânico lutasse contra outro. Durante anos, semelhante estado de guerra enfraquecera a Bretanha e havia permitido que os Saxões se apoderassem de vales e cidades, apesar de ultimamente terem sido os Saxões a lutarem entre si, e nós quem obtivera vantagem da sua animosidade infligindo-lhes derrotas; mas Cerdic e Aelle haviam aprendido a lição que Artur inculcara nos Bretões: que a vitória surgia com a união. Agora eram os Saxões que estavam unidos e os Britânicos divididos.

— Creio que Meurig deixará Cuneglas atravessar — disse Emrys — porque ele não quer fazer a guerra com ninguém. Ele apenas pretende a paz.

— Todos nós pretendemos a paz — afirmei — mas se a Dumnónia cair, então Gwent será o próximo país a sentir as lâminas dos Saxões.

— Meurig insiste que não — disse o bispo — e está a oferecer imunidade a todo o dumnoniano cristão que deseje evitar a guerra.

Estas eram más notícias, porque significavam que quem não tivesse coragem para enfrentar Aelle e Cerdic apenas teria de clamar a fé cristã para ter refúgio no reino de Meurig.

— Ele acredita verdadeiramente que o seu Deus o protegerá? — perguntei a Emrys.

— Ele é obrigado a isso, senhor, senão para que mais serviria Deus? Claro que Deus pode ter outros planos. É tão difícil ler a Sua mente. — Agora o bispo estava suficientemente quente para experimentar retirar a

grande capa de pelo de urso dos seus ombros. Por baixo dela vestia um justilho de pelo de ovelha. Colocou a mão dentro do justilho e eu presumi que esmagava um piolho, mas em vez disso retirou um pergaminho enrolado atado com uma fita e selado com uma gota de cera fundida. — Artur enviou-me isto de Demétia — afirmou, oferecendo-me o pergaminho — e pediu que o entregueis à princesa Guinevere.

— Certamente — disse eu, pegando no pergaminho. Confesso que me senti tentado a quebrar o selo e a ler o documento, mas resisti à tentação. — Sabeis o que diz? — perguntei ao bispo.

— Infelizmente não, senhor — disse Emrys, apesar de não olhar para mim, e eu desconfiei que o velho quebrara o selo e sabia de facto o conteúdo da carta, mas era incapaz de admitir esse pequeno pecado. — Estou certo de que não será nada de importante — disse o bispo — mas ele pediu especialmente que ela o receba antes do solstício. Ou seja, antes de ele voltar.

— Porque foi ele a Demétia? — perguntou Ceinwyn.

— Para se certificar de que os Escudos Negros lutarão na próxima primavera, suponho — disse o bispo, mas eu percebi uma certa evasão na sua voz. Desconfiei que a carta continha o verdadeiro motivo da visita de Artur a Oengus mac Airem, mas Emrys não podia revelá-lo sem também admitir que quebrara o selo.

No dia seguinte dirigi-me para Ynys Wydryn. Não ficava longe, mas a viagem durou a maior parte da manhã, porque em alguns sítios, onde os caminhos estavam cheios de neve, tive de puxar o meu cavalo e a mula. A mula levava uma dúzia de peles de lobo que Cuneglas nos trouxera e eram a prova de uma oferenda de boas-vindas, porque o quarto com paredes de madeira onde Guinevere estava prisioneira tinha inúmeras rachas por onde o vento gelado sibilava. Fui encontrá-la inclinada junto à fogueira que ardia no centro do quarto. Ela endireitou-se quando fui anunciado, depois mandou que as suas duas servas se retirassem para as cozinhas.

— Estou tentada — disse ela — a tornar-me serva de cozinha. Pelo menos a cozinha é mais quente, mas infelizmente está cheia de cristãos hipócritas. Não partem um ovo sem louvar ao seu desprezível Deus. — Arrepiou-se e ajustou mais a sua capa em volta dos ombros estreitos. — Os Romanos — disse ela — sabiam como manter-se quentes, mas parece que nós perdemos essa capacidade.

— Ceinwyn manda-vos isto, senhora — disse eu, deitando as peles para o chão.

— Agradece-lhe por mim — disse Guinevere e depois, apesar do frio, afastou-se e abriu os postigos de uma janela para que a luz do dia pudessem entrar no quarto. O fogo agitou-se com a corrente de ar frio e fagulhas elevaram-se serpenteando até às vigas enegrecidas. Guinevere estava em-

brulhada numa grossa lâ castanha. Estava pálida, mas aquele rosto altivo e de olhos verdes não perdera uma ponta do seu poder nem do seu orgulho. — Eu esperava ver-te mais cedo — censurou-me ela.

— Tem sido uma estação rigorosa, senhora — disse eu, desculpando a minha longa ausência.

— Eu quero saber, Derfel, o que aconteceu em Mai Dun — disse ela.

— Contar-vos-ei, senhora, mas primeiro foi-me ordenado que vos entregasse isto. — Retirei o pergaminho de Artur da bolsa colocada no meu cinto e dei-lho. Ela arrancou a fita, levantou o selo de cera com uma unha e desdobrou o documento. Leu-o com o auxílio do brilho intenso da luz refletida pela neve e que entrava pela janela. Vi o seu rosto comprimir-se, mas não demonstrou nenhuma outra reação. Pareceu-me que lia a carta segunda vez, depois enrolou-a e atirou-a para um cofre de madeira.

— Então, fala-me de Mai Dun — disse ela.

— O que sabeis ao certo? — perguntei-lhe.

— Eu sei aquilo que Morgana escolhe contar-me, e o que essa cade-la escolhe é uma versão da verdade do seu Deus miserável. — Falou suficientemente alto para ser ouvida por alguém que escutasse à porta a nossa conversa.

— Duvido que o Deus de Morgana tenha ficado dececionado com o que aconteceu — afirmei, depois contei-lhe tudo o que acontecera naquela Véspera do Samain. Quando terminei, ela permaneceu em silêncio, olhando apenas fixamente pela janela, para os domínios cobertos de neve onde uma dúzia de resistentes peregrinos se ajoelhava diante do Espinheiro Sagrado. Alimentei o fogo com cepos da pilha que se encontrava junto à parede.

— Então Nimue levou Gwydre para o cume? — perguntou Guinevere.

— Ela enviou Escudos Negros para que lho levassem. Na verdade, para que o raptassem. Não foi difícil. A cidade estava cheia de estranhos e todo o tipo de lanceiros entrava e saía do palácio. — Fiz uma pausa. — Todavia, tenho dúvidas de que ele alguma vez tenha estado verdadeiramente em perigo.

— Claro que esteve! — disse ela, bruscamente.

A sua veemência surpreendeu-me.

— Era a outra criança que iria ser morta — protestei — o filho de Mordred. Ele estava nu, pronto para ser morto, e Gwydre não.

— E se a morte dessa outra criança em nada tivesse resultado? Nessa altura o que teria acontecido? — perguntou Guinevere. — Julgas que Merlim não teria pendurado Gwydre pelos tornozelos?

— Merlim não faria isso ao filho de Artur — respondi, embora, confesso, não houvesse convicção na minha voz.

— Mas Nimue faria — disse Guinevere. — Nimue mataria todas as

crianças da Bretanha para trazer os Deuses novamente para a Bretanha, e Merlim ter-se-ia sentido tentado a fazê-lo. Ficar a esta distância — ela desenhou um espaço com um dedo e o polegar onde cabia somente uma moeda — e apenas com a vida de Gwydre entre Merlim e a vinda dos Deuses? Ah, creio que ele se teria tentado.

Ela caminhou na direção da fogueira e abriu o manto para deixar que o calor penetrasse nas suas pregas. Usava um vestido preto por baixo do manto e não tinha uma única joia à vista. Nem tão-pouco um anel nos dedos.

— Merlim — disse ela, suavemente — pode ter sentido o tormento da culpa por ir matar Gwydre, mas não Nimue. Ela não vê qualquer diferença entre este mundo e o Outro Mundo, por isso o que lhe importa que uma criança viva ou morra? No entanto, a criança que importa, Derfel, é o filho do governante. Para conquistar o que é mais precioso tens de desistir do que é mais valioso, e o que é valioso na Dumnónia não é uma qualquer cria bastarda de Mordred. É Artur quem aqui governa, não é Mordred. Nimue queria a morte de Gwydre. Merlim sabia-o, ele apenas teve esperança que os mortos de menor importância bastassem. Mas Nimue não se preocupa com isso. Um dia, Derfel, ela reunirá de novo os Tesouros e então Gwydre terá o seu sangue vertido para o Caldeirão.

— Não enquanto Artur viver.

— Não enquanto também eu viver! — declarou ela furiosamente, e depois, reconhecendo a sua incapacidade, encolheu os ombros. Virou-se de costas para a janela e deixou cair o manto castanho. — Eu não tenho sido uma boa mãe — afirmou, inesperadamente.

Eu não sabia o que dizer, por isso permaneci em silêncio. Nunca fora chegado a Guinevere, de facto ela tratava-me com o mesmo misto rude de afeto e irrisão que ela podia demonstrar por um cão estúpido mas submisso, mas agora, talvez por não ter mais ninguém com quem partilhar os seus pensamentos, ela oferecia-mos.

— Eu nem tão-pouco gosto de ser mãe — admitiu ela. — Agora, aquelas mulheres — apontou para as mulheres de Morgana vestidas de branco que se apressavam pela neve por entre os edifícios do santuário — todas elas veneram a maternidade, mas todas estão secas como cascas. Choram pela sua Maria e dizem-me que só uma mãe consegue sentir a verdadeira tristeza, mas quem a quer sentir? — Fez a pergunta com rispidez. — É tudo um enorme desperdício de vida! — Agora ela estava amargamente zangada. — As vacas dão boas mães e as cabras amamentam de forma perfeitamente adequada, por isso que mérito tem a maternidade? Qualquer rapariga estúpida pode ser mãe! Aliás, é apenas para isso que a maioria serve! A maternidade não é uma proeza, é uma inevitabilidade! — Vi que

ela chorava, apesar da sua ira. — Mas foi tudo o que Artur sempre quis que eu fosse! Uma vaca parideira!

— Não, senhora — respondi.

Ela virou-se para mim enraivecida e com os olhos a brilharem com lágrimas.

— Sabes mais do que eu sobre isto, Derfel?

— Ele tinha orgulho em vós, senhora — afirmei acanhadamente. — Ele rejubilava com a vossa beleza.

— Ele podia ter feito uma estátua minha se era tudo o que queria! Uma estátua com canais de leite onde podia amontoar os seus infantes!

— Ele amava-vos — protestei.

Ela olhou-me fixamente e eu pensei que fosse irromper num acesso de cólera, mas em vez disso sorriu tristemente.

— Ele venerava-me, Derfel — disse ela enfasiada — e isso não é a mesma coisa que estar apaixonado. — Ela sentou-se de repente, caindo num banco colocado junto à arca de madeira. — E ser venerada, Derfel, é muito cansativo. Mas agora parece ter encontrado uma nova deusa.

— Ele fez o quê, senhora?

— Não sabias? — Ela pareceu surpreendida, depois agarrou na carta com um puxão. — Toma, lê.

Tomei o pergaminho da sua mão. Não tinha data, apenas o endereço Moridunum, mostrando que havia sido escrita na capital de Oengus mac Airem. A carta estava redigida com a letra firme de Artur e era tão fria como a neve espessa sobre o peitoril da janela. «Deveis saber, senhora» escrevera ele, «que renuncio a vós como minha esposa e tomo Argante, filha de Oengus mac Airem no vosso lugar. Não renuncio a Gwydre, apenas a vós.» Era tudo. Nem tão-pouco estava assinada.

— Não sabias mesmo? — perguntou-me Guinevere.

— Não, senhora — afirmei.

Eu estava muito mais admirado do que Guinevere. Ouvira dizer aos homens que Artur devia tomar outra mulher, mas ele nada me dissera e senti-me ofendido por ele não ter confiado em mim. Senti-me ofendido e desiludido.

— Eu não sabia — insisti.

— Alguém abriu a carta — disse Guinevere num divertimento perverso. — Podes ver que deixaram uma mancha de sujidade na parte inferior da folha. Artur não o teria feito. — Ela recostou-se de tal modo que o seu cabelo ruivo solto ficou esmagado contra a parede. — Porque vai ele casar-se? — perguntou ela.

Encolhi os ombros.

— Um homem deve ser casado, senhora.

— Disparate. Certamente não tens Galaad em menor conta por nunca se ter casado.

— Um homem precisa... — Comecei, depois a minha voz esmoreceu.

— Eu sei de que precisa um homem — disse Guinevere divertida. — Mas porque vai Artur casar-se agora? Achas que ele ama esta rapariga?

— Assim o espero, senhora.

Ela sorriu.

— Ele vai casar-se, Derfel, para provar que não me ama.

Acreditei no que disse, mas não me atrevi a concordar com ela. Em vez de o fazer, afirmei:

— Tenho a certeza que é por amor, senhora.

Ela riu-se.

— Que idade tem essa Argante?

— Quinze? — calculei. — Talvez apenas catorze?

Ela franziu as sobrancelhas, recordando-se.

— Pensei que ela estava prometida a Mordred?

— Também eu o julgava — respondi, porque me lembrava de Oengus a oferecer em casamento ao nosso Rei.

— Mas porque havia Oengus de casar a rapariga com um idiota coxo como Mordred quando pode pô-la na cama de Artur? — disse Guinevere. — Apenas quinze anos, pensas tu?

— Se já os tiver.

— É bonita?

— Nunca a vi, senhora, mas Oengus assim o afirma.

— O Uí Liatháin gera, de facto, raparigas bonitas — afirmou Guinevere. — A irmã dele era bonita?

— Isolda? Sim, de certo modo.

— Esta rapariguinha terá de ser bonita — disse Guinevere num tom de voz divertido. — De outro modo, Artur não olhará para ela. Todos os homens têm de o invejar. Isso, tão-só, exige ele às suas mulheres. Elas têm de ser belas e, claro, muito mais bem comportadas do que eu fui. — Deu uma gargalhada e olhou-me de soslaio. — Mas ainda que ela seja bonita e bem comportada, não resultará, Derfel.

— Não?

— Oh, tenho a certeza que a rapariguinha consegue dar-lhe bebés se é isso o que ele quer, mas a menos que seja esperta, ele enfadar-se-á bastante na sua companhia. — Virou-se para olhar fixamente para a fogueira. — Porque pensas tu que ele me escreveu a contar?

— Porque ele acha que devíeis saber — afirmei.

Ela riu-se da minha afirmação.

— Eu devia saber? Porque havia eu de me importar que ele durma



com uma qualquer rapariguinha irlandesa? Eu não preciso de saber, mas ele precisa de mo dizer. — Voltou a olhar para mim. — E ele querera saber qual foi a minha reação, não é?

— É? — perguntei um pouco confuso.

— Claro que sim. Por isso diz-lhe, Derfel, que eu me ri. — Olhava-me fixa e desafiadoramente, depois, de repente, encolheu os ombros. — Não, não digas. Diz-lhe que lhe desejo as maiores felicidades. Diz-lhe o que quiseres, mas pede-lhe um favor em meu nome. — Fez uma pausa, e eu percebi como ela detestava pedir favores. — Eu não quero morrer, Derfel, a ser violada por uma horda de guerreiros saxões cheios de piolhos. Quando Cerdic vier na próxima primavera, pede a Artur para mudar o meu cárcere para um local mais seguro.

— Creio que aqui estareis em segurança, senhora — afirmei.

— Diz-me porque pensas isso — ordenou-me ríspidamente.

Demorei alguns instantes a organizar o meu raciocínio.

— Quando os saxões vierem — afirmei — avançarão ao longo do vale do Tamisa. O seu objetivo é alcançar o mar Severn e esse é o caminho mais rápido.

Guinevere abanou a cabeça.

— O exército de Aelle virá ao longo do Tamisa, Derfel, mas Cerdic atacará no Sul e rumará para o Norte para se juntar a Aelle. Ele virá por aqui.

— Artur diz que não — insisti. — Ele acredita que eles não confiam um no outro, por isso quererão manter-se juntos para impedir qualquer traição.

Guinevere rejeitou o que eu afirmava, de novo abanando, abruptamente, a cabeça.

— Aelle e Cerdic não são tolos, Derfel. Eles sabem que têm de confiar um no outro o tempo suficiente para ganharem. Depois disso podem zangar-se, mas nunca antes. Quantos homens trarão eles?

— Pensamos que dois mil, talvez dois mil e quinhentos.

Ela acenou com a cabeça.

— O primeiro ataque ocorrerá no Tamisa, e será suficientemente vasto para vos fazer crer que é o seu maior ataque. E depois de Artur ter reunido as suas forças para se opor a esse exército, Cerdic marchará a sul. Ele investirá selvaticamente, Derfel, e Artur terá de enviar homens para lhe fazerem frente, e quando o fizer, Aelle atacará os restantes.

— A menos que Artur deixe Cerdic investir selvaticamente — disse eu, não acreditando na sua previsão nem por um instante.

— Ele podia fazê-lo — concordou ela — mas se assim for, então Ynys Wydryn ficará em mãos saxónicas e eu não quero estar aqui quando isso

acontecer. Se ele não quiser libertar-me, então pede-lhe que me prenda em Glevum.

Hesitei. Não vi razão para não passar o seu pedido a Artur, mas queria ter a certeza que ela estava a ser sincera.

— Se Cerdic vier de facto nesta direção, senhora — atrevi-me a dizer — é provável que traga amigos vossos no seu exército.

Ela lançou-me um olhar mortífero. Manteve-o por longos instantes antes de falar.

— Não tenho amigos em Lloegyr — afirmou, por fim, friamente.

Hesitei, depois decidi continuar.

— Eu vi Cerdic há menos de dois meses — afirmei — e Lancelote estava na sua companhia.

Nunca antes eu lhe mencionara o nome de Lancelote e ela fez um movimento seco e brusco com a cabeça como se eu lhe tivesse batido.

— O que estás tu a dizer, Derfel? — perguntou ela, suavemente.

— Estou a dizer, senhora, que Lancelote virá aqui na primavera. Estou a sugerir, senhora, que Cerdic fará dele senhor destas terras.

Ela fechou os olhos, e durante alguns segundos, não tive a certeza se ria se chorava. Depois vi que era o riso que a fazia estremecer.

— És um tolo — disse ela, olhando novamente para mim. — Tu estás a tentar ajudar-me! Julgas que amo Lancelote?

— Queríeis que ele fosse rei — afirmei.

— O que tem isso a ver com o amor? — perguntou ela, de forma ridícula. — Eu quero que ele seja rei, porque ele é um homem fraco, e uma mulher só pode governar neste mundo através de um homem fraco como ele. Artur não é fraco. — Ela respirou bem fundo. — Mas Lancelote é, e talvez ele governe aqui quando os Saxões vierem, mas se alguém houver que controle Lancelote, não serei eu, nem nenhuma mulher, mas Cerdic, e esse, segundo consta, é tudo menos fraco.

Ela levantou-se, passou por mim e arrancou-me a carta das mãos. Desdobrou-a, leu-a uma última vez, depois atirou o pergaminho para o meio das chamas. Escureceu, encaracolou-se, depois consumiu-se nas chamas.

— Vai — disse ela, olhando para as labaredas — e diz a Artur que eu chorei com as suas notícias. É o que ele quer ouvir, por isso diz-lhe. Diz-lhe que chorei.

Deixei-a. Nos dias que se seguiram, a neve derreteu, mas as chuvas voltaram e as árvores despidas e escuras gotejavam numa região que parecia decompor-se no desânimo das brumas. O solstício aproximava-se, apesar de o Sol nunca aparecer. O mundo mergulhava num desespero sombrio e profundo. Esperei pelo regresso de Artur, mas ele não me mandou chamar.

Levou a sua nova noiva para Durnovária e celebrou aí o solstício. Se ele se importava com o que Guinevere pensava sobre o seu novo casamento, não me perguntou.

Demos o festim do solstício de inverno no palácio de Dun Caric e não havia uma única pessoa presente que não suspeitasse que aquele seria o nosso último festim. Fizemos as nossas oferendas ao Sol do solstício de inverno, mas sabíamos que quando o Sol nascesse de novo, não traria vida à região, mas morte. Traria lanças, espadas e machados saxãos. Rezámos, festejámos e tememos que estávamos condenados. E a chuva continuou a cair sem parar.